

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Institutos de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Área de Concentração em Antropologia Social



Dissertação

**A história dos compositores Zé da Cuíca e Bola de Neve:
uma etnografia no samba pelotense.**

Andre Gomes de Almeida

Pelotas, 2019

Andre Gomes de Almeida

**A história dos compositores Zé da Cuíca e Bola de Neve:
uma etnografia no samba pelotense.**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas como parte das exigências para a obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Mario de Souza de Maia

Pelotas, 2019

Andre Gomes de Almeida

**A história dos compositores Zé da Cuíca e Bola de Neve:
uma etnografia no samba pelotense.**

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mario de Souza Maia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de
Pelotas (UFPel)

Prof^ª. Dr^ª Rosane Rupert
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de
Pelotas (UFPel)

Prof. Dr. Luis Fernando Hering Coelho
Bacharelado em Ciências Musicais, Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a minha família, que esteve em meu lado durante todos estes anos de estudo, em especial a meus tios-avós, filhos do compositor Zé da Cuíca, que estiveram sempre do meu lado me apoiando no que foi possível e sem eles seria impossível realizar esta pesquisa. E a seus netos, meu Tio Paulo e minha mãe Maria de Lourdes, a fotógrafa deste trabalho.

Também agradeço a todos carnavalescos que participaram, Marcos Fonseca, J.J Soares, Ladislau Cavaleiros, Banha, Pio, Beto Alfaiate e Solon Silva e todos aqueles que participam junto deles.

Agradeço também ao amigo Adão Monquelat e ao amigo Jarbas Lazzari com quem a anos venho aprendendo muito. Outra pessoa que muito contribuiu com a pesquisa, amigo do compositor Bola de Neve, Custódia Mesquita que me ofereceu cartazes e fotos do compositor.

Aos colegas do curso e professores que desde que entrei sempre estiveram ao meu lado, só tenho a agradecer.

Aos colegas do movimento negro, Jonas Fernandes que concedeu um pouco de seu conhecimento a este trabalho.

Aos irmãos Belles, Flávio e Elvis, que me levaram a conhecer muitas coisas de carnaval, e também ao Bar do Leão, no bairro Cruzeiro, Bar Esquentado no bairro Navegantes, a todos os músicos, a turma do Solon Silva que tocou no Bar do Alemão no Laranjal, amigo falecido este ano do qual rendemos a homenagem aqui.

A todas as pessoas que conversei pela cidade, e me ensinaram sobre o carnaval, o que muito me auxiliou na descrição do tema proposto pela pesquisa.

E um agradecimento especial a duas pessoas especiais que nos deixaram este ano: meu tio-avô Argeu, que cantava nos conjuntos vocais e no bloco carnavalesco Aguenta se Puder, local onde ouvi pela primeira vez o grande Bezerra da Silva nas festas em sua casa e ao meu avô Abrilino que veio a falecer no mesmo ano, deixando grandes saudades das nossas conversas durante sua passagem no aiyê. Também próximo ao final do

trabalho, faleceu a irmã do compositor Menaide Amaro, a qual agradecemos e saudamos aqui.

Resumo

ALMEIDA, André Gomes. **A história dos compositores Zé da Cuíca e Bola de Neve: uma etnografia no samba pelotense**. 2019. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

Este trabalho tem como objetivo tratar da biografia e da obra de dois compositores pelotenses do século passado. Ambos foram atuantes no mundo da música em Pelotas e em especial no carnaval, deixando uma obra musical que chega até os dias de hoje. O estudo foi realizado a partir de uma etnografia com amigos dos músicos, familiares e pesquisa bibliográfica de sua obra, tramando assim a possibilidade de visualizar o cenário musical do samba na cidade durante o período que **abrange várias décadas**, suas transformações, os espaços nos quais se desenvolviam as apresentações, suas parcerias, antigos pontos de encontro, o embate entre a comunidade do carnaval com o poder público, as dificuldades de inserção do negro nesta sociedade, os avanços, a moral, ética e sabedoria dos carnavais que passaram junto aos compositores da cidade. O tema tem a acrescentar na bibliografia sobre a história do carnaval da cidade de Pelotas, que apesar de muitas pesquisas que tem sido realizadas, ainda permanecem lacunas e falta de organização de suas informações, ligadas a uma tradição oral que necessita ser compilada para preservação.

Palavras-chave: etnomusicologia; memória; cultura popular; samba; carnaval.

Abstract

Almeida, André Gomes. **A history of composers Zé da Cuíca e Bola de Neve: an ethnography in Pelotense samba.** Master's Dissertation in Anthropology. 2019.

This work aims to deal with the biography and work of two Peloton composers of the last century. Respectively my great-grandfather and his brother. Both were active in the world of music in Pelotas and especially in the carnival, leaving a musical work that reaches to the present day. The study will be carried out from an ethnography with friends of the musicians, familiar and bibliographical bibliographical research of his work, thus accomplishing a catalogation of his compositions. In this way, it is possible to visualize the samba music scene in the city during the period of several decades, its transformations, the spaces in which the presentations were developed, their partnerships, old meeting places, the clash between the carnival community and the public power, the difficulties of insertion of the black in this society, the advances, morals, ethics and wisdom of the carnivals that passed with the composers of the city. The theme has to be added in the bibliography about the history of the carnival of the city of Pelotas, that despite many researches that have been realized there are gaps and lack of organization of its information, so much is linked to an oral tradition that needs to be compiled for preservation.

Keywords: ethnomusicology; memory; popular culture; samba; carnival.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto do compositor na sua carteira de músico.	25
Figura 2 - Compositor José Farias e sua esposa Marli Ribeiro	29
Figura 3 - Foto do compositor	30
Figura 4 - Netos.....	35
Figura 5 - Compositor Bola de Neve	49
Figura 6 - Espetáculo no Estádio Boca do Lobo	51
Figura 7 - Cartaz do Teatro Satan.....	52
Figura 8 – Cartaz Teatro São Rafael.....	53
Figura 9 - Foto Carnaval da Vitória	67
Figura 10 - Cartão de Apresentação da escola	73
Figura 11 - Foto da Ala Mirim	73
Figura 12 - Escola de Samba General Osório.....	75
Figura 13 - Jornal A Opnião Pública,1975.....	77
Figura 14 - Reportagem	79
Figura 15 - General Osório com olhos no futuro	79
Figura 16 - Entrevista do compositor José Luis Farias.....	80
Figura 17 - Samba no Esquenta.....	110
Figura 18 - Samba no Esquenta II.....	111
Figura 19 - Samba no Esquenta III.....	111
Figura 20 - Samba na frente do Bar do Leão	117
Figura 21 -Samba na frente do Bar do Leão II	117
Figura 22 - Esquenta, samba no bairro Navegantes	117
Figura 23 - Esquenta, samba no bairro Navegantes II	118
Figura 24 - Esquenta, samba no bairro Navegantes III	118
Figura 25 - Esquenta, samba no bairro Navegantes IV.....	119
Figura 26 - Neta do compositor na Escola de Samba Praiana 2019.....	119
Figura 27 - Samba.....	120
Figura 28 - Samba II.....	120

SUMÁRIO

1 Introdução.....	8
1.1 O samba em Pelotas	18
2 A etnografia, um grande enredo	22
2.1 Iniciação Musical.....	30
2.2 Os espaços da música em Pelotas	37
2.3 Os agrupamentos musicais e os bailes de negros	41
3 Espetáculos, Festivais e carnaval	48
3.1 Espetáculos	48
3.2 Concursos de música carnavalesca.....	53
3.3 Carnaval	58
3.4 A Escola de Samba General Osório	67
3.5 As relações da Escola com políticos.....	74
3.6 Ditadura militar e sambistas.....	78
3.7 Os núcleos familiares e o carnaval.....	81
3.8 Festivais de samba de enredo	81
4 Análise das músicas coletadas.....	86
4.1 A origem as músicas carnavalescas	86
4.2 A análise das letras	90
4.3 A polêmica das músicas.....	93
4.4 As músicas coletadas em Jornais	93
4.5 Lista de canções dos jornais	94
5 Sambas da cidade	108
5.1 Os músicos e os sambas que fui.....	108
5.2 O samba do Esquenta.....	109
5.3 O clima do samba.....	111
5.4 O samba e a tecnologia	114
5.5 O Bar do Leão.....	116
6 Considerações finais	121
Referências.....	129
Anexos	132

1 Introdução

Este trabalho pretende ser uma etnobiografia de dois compositores de Pelotas Zé da Cuíca (1917-1996) e Bola de Neve (1918-1982/3), trazendo também um pouco da história de seus descendentes, entre eles a minha pessoa. Ambos foram compositores e carnavalescos, participando ativamente do carnaval da cidade de Pelotas.

A etnobiografia tem como base o processo de individuação, onde o corpo da cultura se manifesta através de uma relação de diálogo entre o colaborador e o antropólogo. Essa criação de ambas as partes, dialógica, permite ver a relação que se estabelece entre a história de vida dos colaboradores, todos ligados a cultura do carnaval, trazendo assim, através da reelaboração de suas memórias, traços desta cultura:

Neste agregar de novos significados, a narração é tida como simultaneamente constitutiva da experiência, do evento, do social e dos personagens-pessoas. É tomada para além de uma função representativa, evidenciando assim sua função poética de dar forma ao 'real'. No lugar de tratar a narrativa como distinta de práticas sociais 'concretas', a etnobiografia recusa a separação entre discurso, linguagem e experiência, insistindo na qualidade produtiva do discurso. Da mesma forma, o conceito de etnobiografia afeta necessariamente não só o modo como tratamos as histórias que os sujeitos etnográficos nos contam, mas também como contamos nossas histórias etnográficas sobre essas histórias e seus personagens-pessoas. Em outras palavras, a etnobiografia implica uma dimensão meta narrativa da etnografia, em que o lugar da agência da própria narrativa etnográfica torna-se o objeto etnográfico (GONÇALVES, 2012, p.10).

A metodologia surge para superar a relação indivíduo e cultura, como dois polos opostos, colocando a criatividade individual como forma para acessar o conteúdo cultural. A etnobiografia pretende trazer a relação sujeito, indivíduo e cultura, na qual os indivíduos criam seus mundos, e a realidade sociocultural nada mais é que uma narrativa criada pelos atores. O indivíduo não é mais preso as amarras de uma cultura que o orienta, criando ele próprio a agência para constituí-la, e assim modifica seu mundo e o antropólogo com o qual tem contato. Essa agência da narrativa torna-se o objeto etnográfico (GONÇALVES, 2012).

Ao lado desta perspectiva, também pretendo trabalhar com a auto-etnografia, tendo em vista minha participação enquanto pesquisador, e das experiências que vivi na cidade durante o tempo decorrido na elaboração desta dissertação, como pessoa negra de Pelotas. Uma série de experiências minhas enquanto trabalhava, mostram um pouco de como está a vida em algumas periferias da cidade que pude conviver, periferias estas que tem relação com a história de vida e da obra dos compositores (GONÇALVES, 2012).

A memória, como fala Halbacks (1930), é o processo de seleção das memórias, uma criação do tempo presente, com referências calçadas no momento e no agora, perfazendo assim a rememoração de fatos que foram guardados na memória e são deslocados agora pelo diálogo construído junto ao antropólogo. É este discurso que pretendo analisar, tendo como base a fala de Pollack (1992) de que na sociedade existem memórias que são ocultadas pela história oficial. Acredito que muito da cultura popular negra de Pelotas, com seus personagens-pessoas vivendo a margem, nunca teve a oportunidade de ser visualizada, a não ser em pequenos espaços, dentro de seus próprios grupos. No caso desta pesquisa, essas histórias sobre minha família somente se descortinaram a partir do momento em que busquei descobrir, uma vez que não estavam dentro do processo educacional familiar do qual passei toda minha infância e adolescência. Pollack (1992) chama a estas histórias de subterrâneas, uma vez que estão longe dos discursos oficiais. Outra narrativa da cidade pode ser contada de acordo com seus personagens, na busca por outras visões de mundo, ao embalo dos sambas, permitindo visualizar a cultura popular negra, sua formação e significação a partir de seus agentes e por suas formas estéticas. Uma estética negra da cidade de Pelotas, em uma das suas variadas visões, nos mostra como somos diversos, mesmos entre grupos populares.

Para tratar sobre a etnobiografia busquei utilizar o método observador-participante de Malinovski (1922) para entrar no mundo do samba e de minha família, este método que tem como objetivo permanecer em contato constante com os colaboradores a fim de observar seu mundo, sua cultura. A inserção em campo foi sendo construída com encontros marcados com os colabores, e com cada um deles sendo realizadas entrevistas que em parte são abertas,

nas quais cada um pode trazer não apenas a relação com os compositores, mas suas críticas a atualidade da cultura popular em Pelotas.

É a fonte oral, através de entrevistas com carnavalescos, familiares e compositores, busquei traçar a biografia já relatada. A etnografia abre um espaço interessante para trabalhar com relatos históricos trazidos por cada um dos colaboradores. A cultura popular negra é na verdade uma forma de contracultura frente a cultura dominante (HALL, 2001) com seus próprios valores e disputas para sua manutenção. Na busca por essas várias facetas destes diferentes mundos que constroem a cultura negra da cidade de Pelotas, busquei entrar como observador em bares, eventos do carnaval em meu bairro e outros, acompanhei algumas manifestações, viajei com grupos de carnavalescos, encontrei músicos ao acaso pela cidade realizando, fui em festas em minha casa e de amigos, tomei vários cafés na casa de parentes ligados ao carnaval, realizando assim uma observação flutuante em diversos locais onde o samba é tocado na cidade. Nesta busca acredito estar criando uma espécie de discurso polifônico (CLIFFORD, 2001) no qual as vozes dos carnavalescos e seus descendentes ecoam a partir do relato etnográfico.

Como fala Roy Wagner (2008) as pessoas no seu cotidiano produzem antropologia a partir de seu cotidiano. Essa antropologia é o que busco, a compreensão, a imersão do mundo do samba e carnaval, algo já observado por seus participantes, e comentado em suas conversas. Para Boas (1922), o ser humano tem tendências a criar grupos, enquanto Gilroy (2001) traz a arte negra como uma antifonia na qual se cria um espaço democrático, apesar de temporário. Conhecer os filhos e netos de meu avô é conhecer um pouco dele e parte de sua experiência de vida. A experiência compartilhada traz o relato de ancestralidade, como nos diz Oliveira (2009):

Posteriormente, a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retro-alimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as

manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. Passa, assim, a configurar-se como uma epistemologia que permite engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo único de organizar a vida e a produção no mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2009, p. 3-4).

Assim, a partir da filosofia africana, o conceito de ancestralidade é como uma forma total de atitudes que permitem a manutenção da comunidade, um processo pedagógico, de aprendizagem, como a criação de um samba-enredo que existe a partir de uma pesquisa realizada. O conceito de ancestralidade torna-se a base de uma transmissão de uma cultura guardada em uma família, e a forma de transmissão dela, a partir meus parentes maternos. Como diz BÂ (2001) a transmissão do conhecimento no continente africano se manteve durante séculos através da oralidade de mestre para aprendiz, os conceitos sobre diversas disciplinas, como conhecemos no ocidente, são transmitidos através dos relatos do cotidiano.

As entrevistas foram realizadas em diferentes ambientes, entre eles nas casas dos colaboradores, em cafés no centro da cidade, em seus trabalhos, em minha casa, em bares onde tocam os músicos ou em simples conversas informais do meu dia a dia.

A festa do carnaval tem sido alvo de ataque por meio de políticos que buscam construir um olhar de inutilidade para todas as formas populares de lazer e associação, sendo que estas foram utilizadas por populações marginalizadas como forma de sua resistência desde séculos passados, como maneira de sobreviver aos ardores da vida. O lazer, como forma essencial para manutenção da vida, tende a ser cada vez mais submetido ao rigor das instituições, sendo cerceado e, se possível, eliminado das agendas por parte de governantes. A história de como se processa a resistência dessas formas populares, me fez perguntar-me como se processa a criação destas formas culturais, que são múltiplas, e como elas se relacionam entre si e com os demais setores de uma sociedade cada vez mais polarizada em termos políticos, visto a situação que vivemos no Brasil, e através da história toma formas e contornos diferentes em cada época.

O processamento destas formas culturais, seu *ethos*, como escreve Bateson (1933), nos coloca frente aos pensamentos que os agrupamentos de

festas populares tem em mente em seu projeto de sociedade, ou como são construídas, agora e antes, as formas utilizadas para criação de uma festa de parte da sociedade em uma cidade com caráter elitista e racista, como a cidade de Pelotas. Como se manifesta de um lado toda uma política voltada para manutenção do *status quo* de uma cidade elitista e, ao mesmo tempo, se cria uma aproximação ao ponto do carnaval da cidade ser reconhecido como um dos melhores do país? O que aproxima e exclui a luta empreendida por seus mantenedores, através das novas políticas instaladas na cidade e no Brasil, como isso virá a se relacionar?

A etnobiografia constituída com familiares dos compositores tem como pano de fundo a história da cidade de Pelotas, vista a partir da história de uma família negra, descendentes de quilombolas da região do Herval e Arroio Grande, que ao chegar na cidade de Pelotas e Rio Grande, entrou em contato com uma rede de associações criadas pelos negros nessas cidades. Dentre essas redes estão aquelas ligadas ao mundo do trabalho e ao entretenimento, logo fazendo parte da construção dessas entidades e vivendo como colaboradores para a manutenção das mesmas. É uma leitura também dos bairros populares da cidade e suas formas culturais, relatando parte da formação cultural da cidade longe das instituições já consagradas pelo estado, nascendo assim uma contracultura negra (HALL,2001) que se instala em forma de rede e passa através da história de membros da família para outros, como veremos a seguir. A visão das entidades carnavalescas, formas culturais dos bairros, nos leva a crer em outros espaços já catalogados por historiadores como a professora Beatriz Loner (2001). Outras formas de socialização são fundadas dentro das periferias da cidade, e continuam a formar-se ainda na atualidade, através de novas manifestações culturais (Hip Hop, Funk, Reggae) ou recriações de formas africanas dentro de tradições que as excluíam no primeiro momento (como o tradicionalismo), e que se combinam junto ao samba nas festividades. São múltiplas africanidades que se configuram no mundo contemporâneo na cidade de Pelotas, que se entrecruzam, disputam espaços e se recriam a cada momento.

A entrada em campo se processou a partir do momento em que, em 2015, comecei a entrevistar meus tios avós, na busca por informações sobre

meu avô e quando também comecei a me debruçar nos jornais da cidade. Mesmo com algumas entrevistas, vi que não seria possível em pouco tempo terminar o conteúdo do qual havia me proposto. Assim em 2016 entrei em campo novamente com o objetivo de encontrar parceiros que pudessem me auxiliar na busca por novas histórias.

A fórmula da ancestralidade na cidade se mantém nos discursos e projetos que são criados como forma de resistir ao que Gilroy (2001) chama de “terror racial”, a série de elementos que se configuram contra as comunidades afro-americanas. Este elemento também se torna um fio condutor desta história, as formas encontradas de sobrevivências destas comunidades africanas em Pelotas, palco de disputas entre seus membros, com seus grupos e propostas, não são de agora e sim de um palco de grandes transformações que vive não apenas a cidade mas um contexto maior do qual estão inseridas no mundo que podemos chamar de Atlântico Negro (GILROY, 2001). Como fala o pesquisador Jarbas Lazzari (2018) em seu programa de rádio, as lutas democráticas do Atlântico se manifestam e se redefinem a cada época com novos princípios.

A minha leitura vai partir de minha experiência, enquanto jovem negro, nascido na cidade e iniciante no fazer antropológico, na busca por um diálogo com os carnavalescos da cidade. Acredito ser esta, uma experiência pedagógica, no sentido da troca de informações tal qual relata Bâ (2001), me aproximando tanto de minha família (repassando em texto a experiência do aprendizado de um jovem negro no fazer-viver dentro da cultura popular da cidade) e ao mesmo tempo o contato com a narrativa negra e popular da cidade, sobre sua formação enquanto sociedade, buscando através da imersão os significados de ser parte da cidade de Pelotas, construída por braços escravizados e, logo após a escravidão por trabalhadores assalariados.

As entrevistas foram sendo realizadas buscando as relações dos colaboradores com Bola de Neve e Zé da Cuíca, bem como também foram sendo abertas a outros temas. Estes encontros acarretaram em uma série de indícios que vivem sob a forma de reflexão da sociedade atual, vistos a partir do um prisma dos compositores de samba da cidade, maneiras de sentir e estar no mundo que foram observadas. A linha etnobiográfica com seus

personagens não revela apenas a eles, os antigos compositores, mas o mundo onde eles estavam inseridos e onde os colaboradores agora se inserem.

Para além das entrevistas também busquei entrar, na medida do possível, em alguns locais onde se toca samba. Festas de bairro, festas em bares, palcos na feira do livro, viagem junto ao pessoal que acompanha o carnaval em Porto Alegre, aniversários etc. Decidi caminhar um pouco pelos locais onde os colabores estão tocando ou não, e em algumas vezes também toquei em alguns destes locais. Entender a música é um desafio. Quando vêm das periferias, os sambas possuem uma forma muito requintada, o gosto pela música é muito forte, e sua qualidade, independente do gênero é sempre cotada.

A musicalidade está presente nos encontros das pessoas, de modo que ela é o fio condutor dentro dessa rede do samba. Músicos, compositores, público, todos trabalham em conjunto para manutenção desta manifestação artística das camadas populares, entrei em campo desde o início do mestrado e, sempre que podia, acompanhava algum samba. Também para ter como conversar com as pessoas comecei a estudar os termos das escolas de samba do Rio de Janeiro, para além de escutar um repertório de sambistas antigo.

O trabalho de campo aliado a pesquisa bibliográfica, me dão suporte para tentar interpretar os elementos que serão unidos, a história do samba antigo da cidade e as formas modernas com a qual tive contato. É como o canto na capoeira, um chamado e resposta. O passado chama e o presente responde através da sua vitalidade atual. Outras formas culturais começam a fazer parte deste cenário musical, como o neopentecostalismo que hoje é presença maciça dentro das comunidades negras, trazendo assim outros valores para dentro do mundo do samba, com novas roupagens, novas formas de viver a música, diferentes daquelas vistas anteriormente.

Como fala Oliveira (2003), a cultura negra é uma vibração, como ele fala ao citar o caso dos Dogons(povo africano que vive hoje onde é o Mali, na África Ocidental), ela é ao mesmo tempo tradicional, mas aberta sempre a novas mudanças, este movimento parece estar sempre operando criando novas formas culturais, ainda que sejam formas conflitivas. O passado e o presente atuam junto na criação do futuro.

Como fala Hall (2001), a cultura popular negra é atravessada por uma série de mecanismos, entre eles os da disputa entre diferentes segmentos. Por intersecções entre classe e gênero, se constitui nas formas culturais que hoje temos presente, elaborada no primeiro momento entre os africanos que aqui chegaram, e se hibridizaram com as formas européias e indígenas. Logo após, as recriações das gerações seguintes, que nasceram seguindo as mudanças ocorridas quando da abolição da escravidão, e as novas formas de luta e tentativas de branqueamento da população negra.

A partir de uma bibliografia sobre o samba no Brasil pode perceber os elementos constituintes dessa cultura, diferentes de outros ritmos estrangeiros que vem ao Brasil, o samba nascido nas senzalas e quilombos brasileiros (sejam eles urbanos ou rurais) marcam a expressão dessa contracultura negra (HALL,2001). Com uma base coletiva de ação social, o samba não se expressa somente nas músicas, mas nas formas comunitárias de viver, nas redes de amigos que se auxiliam, ele está na comunidade, é a comunidade quando divide aquilo que tem e se auxilia. Surgido a partir dos batuques de negros angolanos, como fala Nei Lopes (2005), o samba no Brasil é diverso. Há a palavra samba em vários relatos de outros países latino-americanos (como Perú e Argentina), entretanto, no Brasil se desenvolveu como ritmo nacional a partir do século XX com sua chegada ao Rio de Janeiro, trazido por migrantes vindo da Bahia, e se desenvolveu dentro desta comunidade. Tinhorão (1991), Vianna (2002) e Napolitano (2002), descrevem como esta comunidade funcionava em termos de auxílio mútuo, ainda que dividida na intersecção já citada. As formas de sociabilidade e disputa que são criadas, junto ao início da indústria musical, torna o samba realizado no Rio de Janeiro uma forma de expressão nacional a partir da expansão do rádio e do governo de Getúlio Vargas. Chamado samba de morro, vai tornar-se o porta-voz das comunidades pobres do Brasil, do Oiapoque ao Chuí, numa estratégia governamental de criação de uma cultura nacional coesa (TINHORÃO, 1991). A inserção de elementos negros como parte formadora da cultura nacional, em um país que vê a discriminação a população negra no seu seio, é tema de Vianna (2002), que toma partido ao demonstrar como a elite intelectual vai acabar encontrando os músicos da época, e como as alianças são formadas com intuito de

demonstrar a música brasileira e também as ligações não apenas do Brasil mas de outros centros econômicos dentro desta formação do início do samba.

Em relação a Pelotas temos os trabalhos de Mello (1993) que traz a figura dos afoxés de negros dos clubes carnavalescos no século XIX e a perseguição aos batuques na cidade de Pelotas. Barreto (1998), nos coloca a história do carnaval pelotense desde fins do século XIX até o ano de 1937 mostrando as transformações de uma festa de elite para uma negra e popular. Beatriz Loner (2001) fala do surgimento dos cordões negros e dos clubes carnavalescos que foram criados por essa comunidade. Jarbas Lazzari (2018) demonstrando a história do processo charqueador na cidade e de como se configuram as formas de dominação dentro do processo escravista e após a abolição da escravatura, alicerçado por novas formas de dominação do estado e trabalho assalariado, aponta as festas populares como única forma de expressão desta dor popular, chegando aos dias atuais. Iansã Elste (2003) criou um trabalho sobre os festivais de música carnavalesca dos anos 1950 a 1970, festivais que configuraram parte importante da criação musical da cidade.

Estes trabalhos demonstram a criação das redes em torno do carnaval da cidade e as formas encontradas pelos afro-pelotenses como forma de resistir ao processo capitalista que se formou na cidade após a abolição da escravatura. Como fala Mbembe (2014) sobre o continente africano, mesmo após a descolonização do continente, os símbolos que trazem à tona as antigas relações coloniais, ainda estão presentes nos países africanos, o mesmo ocorre com a memória de Pelotas, onde um extenso patrimônio popular e afro-brasileiro não é visto ao olhos da cidade, sendo recriadas as antigas formas escravistas nos seus símbolos e ações por parte da política do município.

As vozes dos sambistas são parte desta outra memória, relativa aos negros da cidade, do lado esquecido de um município esquecido também por parte da elite gaúcha, onde dia após dia, lutas sociais são travadas em busca de melhores condições desta parte da população. O contexto carnavalesco reúne uma comunidade na qual Bola de Neve e Zé da Cuíca estavam inseridos, e onde hoje estão seus descendentes. Pelotas é uma cidade de

boemia, onde praticamente todos os dias se pode encontrar uma festa, um bar aberto, um samba, com seus personagens, sejam da elite ou marginais. De uma vida de governos democráticos até as ditaduras, quantas histórias foram vividas, e podem ser relidas na atualidade, olhamos para o futuro.

Por tudo isso pretendo, dentro do possível, divulgar o trabalho através de meios eletrônicos, onde seja possível mais gente ler, na tentativa de buscar uma narrativa popular, um verdadeiro manifesto em nome do carnaval da cidade, desejo manifesto pelos carnavalescos, com as vozes dos colaboradores, e dos diversos outros trabalhos já anteriormente citados

A autoria do texto como já referido é uma tentativa de criar uma narrativa polifônica, de forma que possa ser utilizada na posterioridade por novos estudantes sob o tema do carnaval, aberto a novos estudos e interpretações.

A pesquisa foi construída a partir de diversas fontes. A primeira que utilizei foi a pesquisa nos jornais da cidade. Entre eles, estão o Jornal A Alvorada, jornal da comunidade negra da cidade que esteve em circulação até o ano de 1957; a Opinião Pública, jornal de grande circulação onde pesquisei até o ano de 1988; por último, o jornal de maior circulação da cidade - o Diário Popular, no qual também pesquisei até a data de 1988. Em todos os periódicos busquei informações principalmente durante o período de carnaval, entre os meses de dezembro e fevereiro. Em sua grande maioria, encontrei letras de músicas, entrevistas e fotos dos compositores.

Junto a estas informações, alguns acervos me foram confiados, através de amigos dos compositores e seus filhos, material este que foi digitalizado e trazido aqui através das páginas da etnografia.

Por fim o material dedicado a parte musical propriamente dita. Muitas músicas que foram colhidas através de relatos e em jornais, estão apresentadas no capítulo final.

1.1 O samba em Pelotas

Desde epochas muito remotas, a população africana aqui, então representada por alguns milhares de pretos, [] todos os domingos e dias santos, do meio dia á noite, exhibia-se publicamente em dansas e cantigas usadas entre os gentios. O ponto dessa reunião era sempre á grande sombra de cinco de nossas frondosas figueiras, dispostas em amplo círculo que indicava o traço de um antigússimo

curral, oferecendo, por essa amplitude, franca área e todas as condições para a diversão. Essa localidade é além do arroio Santa Bárbara, á esquerda da ponte da rua Riachuelo, entre a Manduca Rodrigues e o referido arroio. Á hora indicada, do centro da cidade partia o grande grupo de africanos, cantando em altas vozes, ao som de rudes tambores , chocalhos, guizos e de estranhos instrumentos feitos de grandes porongos, revestidos de elevado número de contas, búzios, pequenos caramujos e missangas. O vestuário era exquisitíssimo, constituído de tangas, turbantes, capacetes, mantos, tudo das mais vivas e variadas cores. Á frente, vestido no mesmo estilo, seguia o Rei, por todos acompanhado até o lugar do batuque (candombé) como elles denominavam. Todo esse cerimonial era também executado nos velórios, assim como nos enterros até o defunto baixar à sepultura (OSÓRIO, 1922, p.174).

Desde o período da escravidão as festas dos africanos e seus descendentes buscavam recriar suas culturas nos novos contextos, resultando em uma nova cultura, a partir de diferentes grupos étnicos dos quais descendiam, mediados com outras culturas que viviam na cidade. Como referência aos batuques realizados, a denominação de candombe é usada para algumas destas festas, sendo assim uma recriação das danças africanas, lembrando que o candombe também é referenciado em outras partes do estado, em Minas Gerais, no Uruguay e na Argentina, cada um com sua especificidade. Muitos batuques não foram referenciados como danças específicas, de modo que não podemos tratar todas como sendo uma mesma modalidade mas, de fato, candombe seria uma dança bantu, tal qual o jongo, tambor-de-criola e etc...(MONQUELAT, 2009). Junto a isso havia os batuques dos chamados negros minas, que são registrados por Barreto (1998) até o início do século XX. A partir desses batuques se dá a afirmação das religiões afro-gaúchas ainda no século XIX (ORO, 2002).

As casas em vários pontos da cidade foram utilizadas como ponto de encontro entre essa população, para seus folguedos ou festas religiosas, desde o período da escravidão até o século XX, locais onde houve em muitos casos constantes perseguições (MELLO,1993).

Dentro deste contexto de final da escravatura em Pelotas, me fiz a pergunta de onde teria surgido o samba na cidade. Seria o samba uma continuação dos batuques bantu de Pelotas? O samba teria chegado do norte do país através da capital ou de Rio Grande? Seria a mistura de um ritmo do Rio de Janeiro aos vários batuques da cidade?

As primeiras referências que encontrei sobre o samba na cidade de Pelotas relatam a década de 1910, como fala Álvaro Barreto (1998) em sua pesquisa sobre o carnaval dos clubes Diamantinos e Caixeiral sobre os gêneros musicais que ali estão incorporados nos repertórios:

O repertório musical das apresentações, por exemplo, é composto de árias de óperas, música erudita, valsas e modinhas. Somente a partir dos anos 1910, são incorporados alguns tangos brasileiros, lundus, maxixes e sambas (BARRETO, 1998, p. 51).

Como fala Napolitano (2002), se referindo a música popular do final do século XIX, estes últimos ritmos estariam no começo do chamado samba moderno, sendo estes os primeiros ritmos populares (tangos brasileiros, lundus, maxixes) e, posteriormente, o samba, mostrando uma abertura das elites aos gostos das camadas mais baixas da sociedade brasileira, em uma festa da alta classe de Pelotas.

Como fala José Farias (2017), filho do compositor Zé da Cuíca, segundo sua percepção o samba teria chegado via teatro de revista, revistas de música e, principalmente, através do rádio, de onde os músicos da cidade “tiravam” as músicas de ouvido.

O primeiro espaço do carnaval era ocupado pela brincadeira do Entrudo que desde o século XIX tomava conta da cidade, surge também o Clube Carnavalesco Nagô e Congo na década de 1880 do século XIX (MELLO, 1993), em que os negros minas saíam para o carnaval.

Logo após surgem as sociedades, dos Diamantinos e Brilhante principalmente, ligados a elite da cidade, e que realizavam desfiles pelas ruas de Pelotas. Somente a partir dos anos 1920 temos o surgimento dos cordões carnavalescos, mais populares e compostos por negros, como fala Álvaro Barreto (1998), para além dos blocos (terminologia que varia entre bloco, rancho e cordão):

Logo após o desaparecimento dos préstitos, o carnaval pelotense é tomado por inúmeros blocos, chamados indistintamente pela imprensa de cordões, embora também recebam a denominação eventual de blocos ou ria, e todo o planejamento necessário ao desenvolvimento do carnaval. Entre as entidades temos o Depois da Chuva (19 de fevereiro de 1917), Chove Não Molha (26 de fevereiro de 1919); O Fica Ahi (28 de janeiro de 1921), Espia Só (15 de janeiro),

Quem ri de Nós Tem Paixão e Está tudo certo.” (...) Os cordões carnavalescos de Pelotas possuem balizas (não se sabe, contudo se cumprem a mesma função beligerante ocupada nos desfiles cariocas e paulistanos) e porta-estandarte. Eles estão divididos depois em dois grandes grupos: o coro e a orquestra, o primeiro responsável por cantar a música que o segundo executa (...) O Mestre de cerimônias é citado no caso dos cordões pelotenses, mas como ensaiador do grupo, não se tendo conhecimento de sua participação no desfile com a mesma função desempenhada pelo similar paulista (BARRETO, 1988, p. 87).

Outro comentário é que as músicas não têm como função contar um enredo que ligue as fantasias, e sim são criadas pelos membros dos cordões para os desfiles. Conforme relato colhido por Barreto no carnaval da Rua 15, após a passagem dos clubes da elite pelotense:

Mais além ouve-se os sons penetrantes de uma flauta e dedilhar de banjos e violões... Era o “Chove Não Molha” que se aproximava equipado em ordem de marcha, que ia saudar seu co-irmão “Depois da Chuva”...Em seguida surge o “Quem Ri”, cantando, saracoteando, sambando... E aparece enfim o Rancho “Bamba da Favela”, que as sacolinhas empunham, e aliviam o bolso de muita gente, na colheita de níqueis, cantando o meu boi morreu... (BARRETO, 1994, p. 91)

Seguimos também o pensamento de Fernanda Oliveira (2006):

Os Cordões serviam como reduto da raça negra, fruto da discriminação vigente na cidade que impedia a participação de negros nos demais clubes sociais, tidos como clubes de branco. Assim, os Cordões passaram a agir como importantes idealizadores da união da raça negra, traçando metas de ação que ora assemelham-se à consolidação de uma identidade negra, ora a uma assimilação dos valores vigentes na sociedade dominante, composta predominantemente por brancos, e ora mesclam esses elementos em busca de uma via alternativa de sobrevivência e inserção na sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2006).

Os cordões carnavalescos dos clubes negros saem de cena a partir de um incidente no ano de 1939, em que as entidades são atacadas após uma provocação das mulheres do Chove Não molha, os homens saíram para acudi-las e uma briga logo começou, com as pessoas dos cordões sendo dispersadas a golpes de sabres. Deste então, os espaços dos cordões diminuíram, e os blocos foram saindo de cena para a entrada no carnaval dos Blocos da Bicharada e, na década posterior, o início das escolas de samba entre os anos 1940 e 1950 (LONER, 2017). Em seguida surge uma série de blocos de diferentes localidades da cidade e por fim as escolas de samba-

mirim e as chamadas bandas, que hoje compõem grande parte das festividades em geral e do carnaval. São continuidades destas formas associativas, que vem lutando para manter o carnaval da cidade. Estes acabam sendo os principais elementos que nos permitem pensar como era a constituição dos grupos musicais de carnaval em Pelotas, e o cenário no qual vão se desenrolar as histórias aqui relatadas que tratam um pouco desse período.

O percentual da população que participava destes carnavais era realmente expressivo, em todas as comunidades pobres da cidade surgiram associações carnavalescas, congregando imigrantes e descendentes de escravizados. Como fala Jonas Fernandes (2018), nas escolas a participação de pessoas brancas, na sua juventude, era um fato comum (relato de um nascido nos anos 1960).

2 A etnografia, um grande enredo

A cidade de Pelotas tem uma história relacionada com a escravidão negra, que desde 1780 se configura na cidade. No século XIX a cidade teve seu auge na produção de carne seca, chamada de Charque, a partir de unidades produtoras denominadas Charqueadas, que se utilizavam destes trabalhadores. Este alimento era comercializado como base da alimentação para os escravos em diversos estados do Império Brasileiro, e em alguma parte até para Cuba, gerando grande riqueza para cidade. Durante o período da escravidão vigente na cidade entre 1780 e 1888, a população negra chegou a exceder o número de brancos. Após a abolição da escravidão no município a população negra era de cerca de 14%, segundo dados de 1940 (LONER, 2017). Absorvida pela economia da região, os negros se organizaram em diversas associações para busca de sua cidadania. Entre essas, as mais duradouras foram as organizações recreativas, carnavalescas e os clubes sociais. Por conta disso, a cidade foi reconhecida, durante as décadas de 1960 e 1970, por ter um dos maiores carnavais do Brasil.

O início de meus interesses nesse assuntos começou em casa, com conversas em famílias e alguns livros que minhas tias mantinham em casa

sobre a cultura negra. Logo após, entrei em contato com a literatura sobre o negro nas Américas, como “Os Africanos no Brasil” de Nina Rodrigues, “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre e principalmente “Negras Raízes” de Alex Haley, que encontrei por um acaso na biblioteca da escola em que estudava no Bairro Laranjal, onde resido, a praia da cidade, nas margens da Lagoa dos Patos. Este último livro me chamou a atenção principalmente pela forma como foi escrito, a partir de relatos que o autor colheu com seus familiares. O texto é ficcional, mas com informações reais que coletou com sua avó sobre o tempo da escravidão nos Estados Unidos. Este encontro com o livro, muito antes da lei 10.639, a primeira lei formulada sobre conteúdo afro-brasileiro e africano nas salas de aula, me permitiu ter alguma ideia sobre as formas de transmissão da cultura africana e como se processavam, ao menos em teoria. Este envolvimento seguiu com a procura por origens de estilos musicais, quando comecei a procurar leituras sobre como surgiram as diferentes formas musicais que tive acesso, ao escutar cada vez mais músicas fora do circuito comercial.

Esta curiosidade me levou a querer saber como se dava este processo de criação da música como um todo. Minha relação com o samba acontece após um convite de minha tia paterna para ouvir uma palestra num clube negro da cidade, em que iria se falar sobre samba, proferida pelo já citado pesquisador Jarbas Lazzari (2018). Ali tomei algum conhecimento sobre a dimensão cosmológica que está posta dentro do ritmo musical, foi o começo de onde me interessei por leituras sobre o assunto, não apenas samba, mas outras formas musicais negras em outros países, como fui descobrir a existência anos mais tarde. O fascínio desta ligação espiritual do samba me trouxe interesse, apesar de no primeiro momento não associá-lo como forma integrante e forte mobilizador da comunidade negra da cidade. Hoje percebo que a cidade sempre viveu essa cultura fortemente, e até hoje é repassada para os mais jovens que já participam de atividades do carnaval. Ela é parte constituinte junto com outras formas artísticas desta cidade, como o tradicionalismo, o futebol, o Hip Hop e Reggae. Reconheço que desde criança meus familiares me levavam para as atividades do carnaval, mas ao chegar a adolescência me afastei deste mundo levando em frente um processo comum

aos jovens, de americanização do ouvido musical. Após os já relatados encontros, comecei a conhecer de fato essa longa produção musical no contexto nacional, mas pouco sabia sobre a produção local e sobre a história de meus bisavós e familiares, em geral ligados ao carnaval.

A visão distorcida dos fatos e a leitura de livros de historiadores africanos, me faz perguntar se não deveria seguir alguns passos descritos pelos mesmos, como forma de buscar conhecimento. Meu interesse por música me trouxe a busca sobre como se formou o que podemos chamar de cenas musicais da cidade. Onde ficam? Essa pergunta se reflete nos locais onde pude encontrar os músicos, como bares, cafés da cidade, esquinas do centro da cidade, hospitais, enfim uma série de locais onde estas pessoas são figuras conhecidas realmente, populares. Em sua maioria estão já na categoria de veteranos, pessoas com certa experiência na vida devido a sua idade, mas não só eles como meus familiares que tanto vem a minha casa quanto vou a casa deles. O fio condutor das conversas é sempre a música e o carnaval, a posição do negro na sociedade.

Passei despercebido da própria herança cultural de minha família durante muito tempo. Hoje aproveito o tempo vago para descobrir novas histórias e não apenas deles, mas de figuras que configuravam seu mundo e hoje não se encontram mais na cidade, tendo ficado a margem da história. E onde se encontrava meu bisavô e seu irmão? Encontravam-se junto aos músicos da cidade, que tiveram a ideia de homenagear os antigos compositores e manterem viva sua memória. Estavam vivos nas rodas de conversa, nas conversas da família. Mas vem a pergunta, que diz quem deve ser lembrado na história da cidade? O que são os grandes personagens das histórias das famílias herdeiras do escravismo da cidade? O que são outras formas de viver o mundo, que a globalização e a americanização tentam a todo custo destruir? O fato de ser a política conservadora uma forma de eliminar a cultura popular, onde ela se constrói?

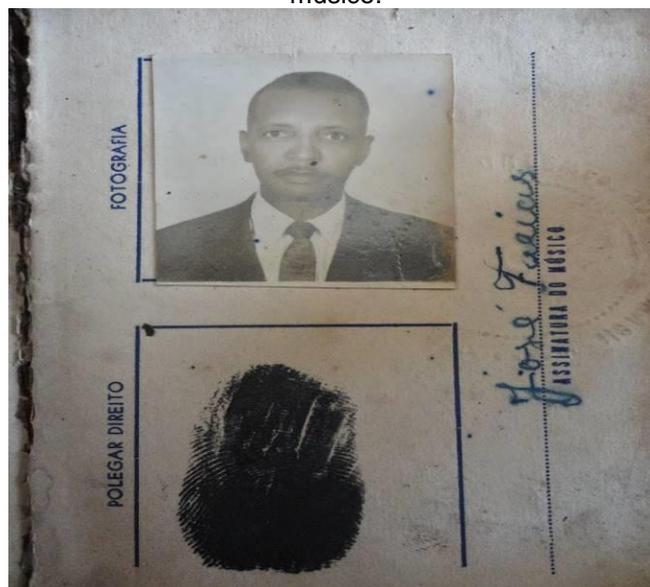
Estas perguntas são mantidas e reconfiguradas, estudadas e lidas no corpo de velhos sambistas como fala o pesquisador Jarbas Lazarri (2018), nos seus encontros no final de semana em algum bar, onde tocam seus instrumentos e cantam seus sambas. Como fala minha mãe e neta do

compositor Zé da Cuíca, “o negro trabalha toda semana, se mata. No final de semana, pega seu instrumento, junta-se aos amigos e vai tocar onde desabafa suas mágoas. Na segunda-feira lá vai ele novamente para seu serviço.”

Quando eu começo a entrar na cultura negra? Minha história como tocador de instrumentos, quando criança minha família participava de uma terreira de umbanda, que eles chamavam terreira da Lizete, que era a Cacique, no bairro em que vivo e ali então o tamboreiro ao ver que prestava atenção no atabaque me levou e me ensinou a tocar. Confesso que por minha idade não tenho lembranças. No entanto, na adolescência eu e um amigo nos juntávamos com baldes e durante a tarde ficávamos tocando e gravando música com nossos “instrumentos”. Embora tivesse facilidade com a questão rítmica, eu não sabia de onde saía este talento, a não ser após minha mãe me contar esta história. Logo após aos dezesseis anos ganhei um violão que era de meu tio-avô paterno, que veio da comunidade quilombola do Passo do Lourenço. Com meu violão aprendi algumas músicas com um colega de aula. Não posso deixar de citar que ao lado de minha residência havia uma terreira de batuque, e eu costumava ir próximo a janela ouvir os tamboreiros tocando e cantando em yoruba. O meu interesse sobre música aumentou com o tempo, e logo estaria conhecendo não apenas a música brasileira, mas também a música negra de outros locais em que o negro esteve presente. Ao descobrir que meus antepassados seriam músicos encontrei o interesse de escrever. Mas como processaria estas histórias que ainda não conhecia?

Não sabia que os filhos de meu bisavô eram ligados ao carnaval. Conheci meu tio-avô em uma festa de Iemanjá no ano de 2015, e foi uma surpresa conhecê-lo! Achei interessante a linguagem que ele usava, uma linguagem dos malandros da cidade. O primeiro momento não sabia que os filhos de meu bisavô ainda estavam vivos e com eles poderia encontrar informações das mais fidedignas sobre estes dois personagens. O enredo dessa história começa da seguinte forma: meu tio-avô, José Luis Freitas Farias, de 67 anos, aposentado, carnavalesco desde juventude, vive no Bairro Navegantes, ele é filho do compositor José Farias (apelidado Zé da Cuíca) e, na primeira vez que fui em sua casa, tive uma grata surpresa ao saber do seu conhecimento sobre carnaval.

Figura 1 - Foto do compositor Zé da Cuica, ainda durante a juventude, na sua carteira de músico.



Fonte: Acervo pessoal do compositor

Esta primeira parte do trabalho, dedicado a história dos compositores, será formada por entrevistas realizadas na casa de meu tio, duas visitas em final de 2015, que considero importante por serem o fio condutor da história que se segue, e logo após será adicionada mais informações referentes a uma entrevista realizada no ano de 2017. De quem eram filhos, Zé da Cuíca e Bola de Neve? José Farias (Zé da Cuica) nasceu em 24 de Agosto de 1917, e seu irmão Santo Onias Farias (Bola de Neve) nasceu em 2 de novembro de 1918, de um casal de habitantes da cidade de Herval, e vivido primeiro em Rio Grande e logo se mudado para a cidade de Pelotas, como fala José Luis Farias (2015):

Zé Luis: Foi o que eu disse pra ti eles eram pequenos vieram lá, o pai deles mesmo o José Farias, faleceu quando o pai mesmo tinha três anos, ai depois aquele negócio, ele ficou com a mãe, os 3 meninos ai ela deu pra tia, no caso porque tinha mais condições, a falecida tia Joana ficou cuidando dos três irmãos e levou eles para a Ilha, que ela morava na Ilha da Sarangonha, mas ficavam atravessando a lagoa só que numa dessa a falecida mãe, a Alice, arranhou um emprego aqui na cidade então eu vou fica com dois filhos, ficou com o Tio Júlio e com o pai, José Farias, ficou com os dois aqui e o tio Bola ficou na Ilha, mas só que depois ele cresceu lá na ilha e ai ele mudou pra cá. Mas nesse período ele também hora ia pra ilha hora ficava pra cá. Naquela época o tio Julio trabalhava com a família dos Carpena, os Carpena tinha negócio de pesca, de sal, essa coisa assim, barcos, embarcação, pesca, ai ele trabalhava com ele, o Tio Bola se criou nessa coisa aí.

Zé Luis: Eles moravam com o tio deles, porque o pai deles era falecido. E eles moraram com os falecido tio deles, tio Júlio Farias e a Tia Joana, Joana Amaro Farias. Eles moraram na Sarangonha, eles vieram pra cá, eles vieram, o pai tinha 7, 8 anos, nessa idade aí. Eles vieram atravessando do outro lado da Lagoa para cá. O tio deles, este tio Júlio era pescador e veio pra cá pra Pelotas e se não me engano morou lá na Rua Barão de Mauá 213. Ele comprou aquela casa alí, que na época era um horror, era extraordinário um pobre comprar uma casa no centro da cidade, que ali é centro, na rua Barão de Mauá quase com a rua Osório. E de repente tá, naquela época ele comprou aquela casa só com o que eles trabalhava da pesca, que eles eram pescadores né? Pescadores. (Entrevista José Luís Farias, 2015).

O casal Joana e José saindo do local onde moravam, no interior, se dirigiram a cidade de Rio Grande, onde José foi um dos fundadores do sindicato dos estivadores, na época da construção dos molhes da Barra, em 1912, ficando conhecido por seus colegas por seus discursos “o estadão”. Tiveram uma série de filhos, entre eles José, Santo, Menaide, Júlio e um outro irmão que acabou morrendo jovem apelidado Toco. Após Rio Grande, buscaram fixar residência em Pelotas na rua Barão de Mauá 213, bairro Porto e viveram com seus tios que eram pescadores. Logo José vai se envolver em um incidente no qual acaba falecendo por afogamento, como relatou a mim a única descendente de criação viva do casal Menaide Amaro, deixando uma viúva com os filhos para criar. A ajuda na criação dos filhos veio através de seus tios paternos que ajudaram a criar as crianças. Segue o relato sobre a educação escolar dos futuros compositores:

André: E os seus pais e seus tios, eles chegaram a estudar algum tempo? Como era naquele tempo o cara ser negro e ser poeta, ser artista?

Zé Luis: O problema sabe qual que era, ele estudou naquela época até o quarto nível, o pai não passou mais do que a quarta série, mas é aquele negócio, o tio Bola também não, o tio Júlio também não passou disto, mas aquele negócio né tchê, é um negócio que Deus dá pra gente, o dom (Entrevista José Luís Farias, 2015).

A educação na época era uma dificuldade, o que não impediu a criação de uma carreira na arte, a música, o que não exige diploma e sim talento. Esse parece ser o *dom* citado por José Luís que permitiu seu pai a se expressar através de sua música, é a arte abrindo possibilidades no futuro, de uma inserção entre diferentes classes sociais.

Quanto as profissões seguidas pelos filhos do casal, demonstram a continuidade das atividades exercidas pelos negros desde o período da escravidão e pós-abolição, como profissões manuais, nas quais os negros eram em grande maioria (LONER, 2001). Continuamos com as entrevistas de José Luís Farias e de sua irmã Vera Freitas Farias, esta última entrevista realizada em sua casa em 2015 no bairro Dunas, periferia da cidade, onde durante uma tarde conversei sobre a vida não apenas de seus pais, mas de seus tios, e ela me relatou com detalhes as profissões seguidas por eles como forma de sobrevivência. No último relato parte da entrevista com a irmã ainda viva do compositor Zé da Cuíca, Menaide Amaro, entrevistada em sua casa em Pedro Osório em 2015:

André: E ele aprendeu a profissão? (de sapateiro)

Zé Luís: O pai? O pai aprendeu a profissão no meio da amizade, tinha um amigo dele alí que era sapateiro e o pai aprendeu praticamente com outro primo dele, o Luis Amaro, que praticamente ensinou a profissão pra ele e depois trabalhou no exército, que o pai trabalhou muito tempo no exército, naquela época ele era moço, eles não davam.....aquela coisa toda e o velho tava lá... só que depois o seguinte, como a vida se segue o Tio Bola foi pra Porto Alegre e ele ficou aqui, seguindo a vida dele. O pai teve muito tempo a sapataria dele ali na Barroso.

Andre: Aonde era mesmo a sapataria?

Ze Luis: Ele teve sapataria na rua Barroso quase esquina Benjamin, ali era a sapataria dele, e teve depois a sapataria na rua... eu nunca vi uma sapataria juntar tanta gente, essa sapataria parecia uma... era uma coisa fantástica.

André: E a sapataria do Vô onde ficava? É, quando nós morávamos aqui na Osório. Ele tinha sapataria na casa na frente na sala. Era ali que era a sapataria dele? (Entrevista José Luís Farias, 2015).

Tia Vera: Ele trabalhava também de ronda. Tirava ronda, ele tirou uma vez ronda, na transportadora Pons. Muito tempo ele trabalhou lá, já fechou. Nem sei se existe aquela gente. Ele tirava ronda lá de noite. E fora que, no carnaval, época de carnaval né? Ele tocava muito pra fora, ia lá pro Uruguai, ia pra fora lá pro Rio Grande. Lá pra Marambaia. Que ele tem uma parenta dele que mora lá na Marambaia. Nunca mais a gente foi lá, a gente ia todos os bailes lá. Eu me lembro tinha que passa na balsa cagona, na balsa. Tá, olha alí que coisa bonita o mar, tá já to olhando. (Entrevista Vera Freitas Farias, 2015).

O Tio Bola

Zé Luis: O tio Bola arrancou aqui trabalho no engenho do Fetter, ele era estivador e depois dali, ele foi pra Porto Alegre, daí ele teve a vida dele, trabalhou na...bah mas nunca deixou de ser músico, ele saiu daqui mas sempre misturado no mundo da música, ele nunca deixou, e tinha companheiro dele na época, foi inclusive até parceiro do Tulio Piva, Lupicinio Rodrigues, conhecia todos eles, não era brincadeira. (Entrevista José Luís Farias, 2015).

O Tio Julinho

Tia Vera: Tio Julinho era maquinista, trabalhava no trem, ele tinha assim ó, tudo isso queimado. Ele se queimou porque eu acho que ele colocou pressão demais ali no trem, na máquina né? E a máquina era a carvão, e acho que era pressão demais e a caldeira da máquina acho que virou e queimou a perna dele. Ele tinha a perna queimada e uma parte do braço. (Entrevista Vera Farias Freitas, 2015).

André: Ele trabalhou a vida dele toda como maquinista.

Tia Vera: Sempre, desde pequeno, desde 15, 16 anos, Ele trabalhava na estação lá, até trabalhava com o pai da Luana. O avô da Luana, o seu Santo. Eu uma vez, eu vi seu Santo. Seu Santo era velho e perguntou por ele. O Julinho ainda é vivo? Nunca mais eu vi ele, que ele morava ali né? Na estação, eles davam casinha ali né? Então era igual essas casinhas populares, uma do lado da outra assim. Ele morava ali, o tio Julinho também morava ali. Aí eu lhe perguntei, olha seu Santo, tio Julinho já nem tá mais junto com nós. (Entrevista com Vera Freitas Farias, 2015).

Tia Menaide

Tia Menaide: Eu mesmo cuidava de criança. A minha mãe trabalhava de cozinheira, eu mesmo morava no mesmo lugar... na mesma casa que ela tava trabalhando. Era tudo assim. (Entrevista com Menaide Amaro, 2015).

Figura 2 - Compositor José Farias e sua esposa Marli Ribeiro



Fonte: Acervo pessoal do compositor

José Farias, apelidado Zé da Cuíca, vai então vai seguir sua vida como sapateiro de profissão, teve vários filhos e, após o falecimento dos seus três primeiros filhos, de dois casais de gêmeos, sobreviveu minha avó. Dos filhos posteriores, José Luis e Vera, filhos de Melissa Freitas (sua companheira até o final da vida), Luis Carlos (filho de Laura), Neida (cujo mãe não conseguiu identificar), Leda (filha de Marina Broquá, minha Avô) e Maria da Graça (filha também de Marina Broquá).

Após um período num quartel, seguiu a vida como sapateiro, trabalhando em diversas fábricas de sapato na cidade, de famílias italianas. Apesar das várias ocupações, o trabalho de sapateiro vai ser a profissão da qual retira seu sustento.

Seu irmão Bola de Neve, no final dos anos 1950, foi para Porto Alegre trabalhar na Seasa da cidade, e onde se casou duas vezes, tendo uma filha de criação. Lá também é onde se especializou no violão e tocava na noite da cidade. Muitos detalhes eu não pude encontrar, uma vez que os meus colaboradores não tiveram contato com seu tio após sua ida para capital onde foi morar na Lomba do Pinheiro, Vila Mapa. No entanto, as narrativas falam que tocou com grandes nomes da música gaúcha, e muitas vezes ainda retornou a Pelotas para participar do carnaval.

Abaixo, a foto do compositor já com mais idade, junto com sua data de nascimento 24-07-1917, sua profissão, local de votação e seu endereço cortado, a direita.

Figura 3 - foto do compositor



Fonte: Acervo pessoal do compositor

2.1 Iniciação Musical

Zé Luis: Naquela época da sapataria do Pai eu tinha, eu estava no colégio Félix da Cunha, eu acho uns oito ou nove anos, e um amigo meu me disse, aquilo era de tarde, de noite sempre cheio, sempre cheio como eu falei pra ti, era um ponto de encontro. Eu olho agora na cidade eu nunca vi sapataria assim, e não consigo ver a sapataria essa sempre aquilo ali. Aquele monte de gente e tu não via briga, discussão, todo mundo amigo dele, aquela coisa toda. Essa era a vida do falecido pai, pessoa simples tchê, uma pessoa de uma simplicidade e de um talento extraordinário. Sabe que uma vez tava eu e ele, nós tava no gasômetro, a gente foi fazer uma visita e a gente ia na casa da falecida Tia Laura, ai de repente, ele deu uma olhada, tens um papel e uma caneta aí? Caneta eu tenho, papel não tenho. Ah, vamo arruma um papel e arranhou um papel com não sei quem. Daqui a pouco ele sentou e começou a escrever, e criou um samba ali. Ai chamou o Vigico, e nego Santos do Cavaco. Vou canta um pedacinho pra vocês. Ai começou a cantar. O samba era mais ou menos assim “Você já foi ao samba no barracão, quase no escuro na luz do lampião”. Tem gente que bebe, ele não bebia para se inspirar, também não fumava. É que ele nasceu com talento pra aquilo mesmo, este barraco que eu falo a vocês, na imaginação, é o barraco do João, e lá se brinda com muita paz e harmonia e o samba vai rompendo desde o raiar do dia... nego santo, prim prim prim, e já (...). Alguma coisa eu lembro também. Então negócio é o seguinte, né André, o cara no ligeirão. Essa é uma das pequenas coisas que eu posso te dizer, que eu tava presente, que eu tava presente. E outro que eu acho lindo pra chuchu, que é uma coisa bem pequenininha que ele fez também pra falecida tua vó, pra Leda, mãe da tua mãe. Diz que a falecida tua vó tinha 4 aninhos e não caminhava e o pai dizia que ela tava sempre numa cadeirinha de balanço as perna muito fininha e tal e não havia jeito dela caminhar, tratavam ela com casca de ovo, faziam massagem com óleo de capivara e nada dela caminha e diz que tava sempre sentada numa cadeirinha de balanço, tava sempre assim se embalando e sempre numa espécie de canção, e o velho olhava aquilo tudo, e diz eu vo faze “ Algumas vezes cantando, outras vezes chorando, fingindo alegria, só quem não sofreu por amor, não sentiu ingratidão,, não conhece nostalgia lá lá lá lá ia, lá lá lá lá ia. Pô, tu vê que cabeça ná tchê, isso era que eu te conto era algumas coisas que ele contava pra gente quando muleque porque a gente andava sempre junto né era colega de festa ia pra lá, ia pra cá, e de repente ele fazia essas letras, os sambas dele, isso é coisa que eu e ele fizemos (Entrevista José Luís Farias, 2018).

Como se mostrou na entrevista, a aprendizagem musical se deve a uma auto-aprendizagem a partir de uma revista onde se mostravam os acordes. Não pude identificar como aprenderam a tocar ritmo. Uma vez Bola de Neve tocava pandeiro, e na capital se especializou em violão ao ponto de tirar choros de difícil execução, como fala seu sobrinho. Zé da Cuíca para além cuiqueiro era também baterista, seu filho acredita que aprendeu com amigos. Romeu Tannini foi seu professor de contra-baixo.

Um termo usado por Zé Luís (2015), era o de repentista, como pessoa que faz versos na hora, o que é comum na prática do samba de partido-alto, quando a pessoa improvisa versos na hora. Pude presenciar esta prática em rodas de sambas da cidade, onde os músicos improvisam em meio a refrões conhecidos.

Para um de seus filhos, Luís Carlos, ele ensinou a bateria, e anos após consagrou-se como instrumentista e ensaiador de bateria nas escolas de samba. Seus filhos foram participantes ativos e exerceram diversas funções no carnaval, desde administrativas até de rainhas do carnaval.

Ambos os irmãos foram compositores, mas como perguntei se Bola de Neve teria mais composições após sair de Pelotas, descobri que ele compunha enquanto esteve na cidade e com seu irmão. Ao ir para Porto Alegre na década de 1950, não se dedicou mais a composição, ao contrário de seu irmão que se manteve criando melodias para músicas e criando suas composições.

Como já citado acima, esses irmãos tiveram ligações com as entidades negras da cidade em seu começo na música:

André: E aí o seu pai e os irmãos deles se misturaram nesta história de música como?

Ze Luís: Olha, eles faziam versos... praticamente se criaram ali na Mauá, na rua Osório. Então ali eles começaram a gostar de música e foram fazendo versos, que eles eram assim, eles eram poetas, tu sabe né? E dali se misturaram com a música. O pai, por exemplo, Zé da Cuíca, aprendeu a tocar bateria, uma coisa que muita pouca gente sabia. Ele começou a tocar bateria e depois, passado muito tempo, ele criou uma... aqui na cidade, num bazar que tinha de instrumentos musicais, o Bazar Edson. Eles, de repente tinham uma cuíca. Ele olhou assim aquela cuíca, e não comprou porque não tinha dinheiro pra comprar, mas mandou fazer uma cuíca, e saiu pela escola de samba pela primeira vez. E é por esse motivo que ele recebeu o nome de Zé da Cuíca.(...) Eles sempre foram, o negócio é o seguinte, muita gente nasce com a veia para aquilo ali, o tio Bola por exemplo, tocava na época... no Jazz Estrela ele era o pandeirista, e o pai também era baterista, pena que eu não tenho as fotografias para te mostrar um baile que foi feito lá, ta o velho ali sentado na bateria e o Jazz naquela época era o Jazz América... o Bira era violonista, eles nasceram com aquilo, Tio Bola mesmo, ninguém ensinou a ele a tocar violão, ele veio lá da ilha e passou no Bazar Edson, e tinha um método de violão e ele comprou o método de violão sem nunca ter tocado num violão, aí foi o Júlio que deu um violãozinho pra ele, aí ele foi pra casa e começou a estudar o método, aquela coisa dó, ré, mi e dali que ele aprendeu violão, isso o Tio Bola, e depois era...fazendo festa daqui pra lá, e depois ele foi pra Porto Alegre em sessenta e poucos, foi final dos anos 50, começo dos anos 60 ele foi pra Porto Alegre, e lá que ele começou a estudar violão, aí ele se especializou, eu me lembro que a gente morava lá na rua Osório, e aquilo haverá de ser 78, 76, eu sei que ele veio fazer uma visita aqui

pra gente, ele era canhoto, Tio Bola era canhoto, chegou com o violão dele num saco de plástico, ele não tinha caixa, o violão dele vinha dentro de um saco de plástico, aquele troço descendo a Osório, acho que é o Tio Bola, aquele crioulo comprido, - ô Tio Bola, o senhor toca esse negócio aí, faz uma coisinha aí pra nós, - faço. Começou a tocar do Dilermando Reis, "Abismo de Rosas", olha André, eu só não pude gravar.

André: O teatro São Marcos o senhor ouviu falar?

Zé Luís: Este teatro eu já não ouvir falar.

André: Seus pais seus tios tocavam nestes teatros?

Zé Luís: Não, eles tocavam em orquestras, o pai mesmo por exemplo tinha uma época que ele tocava num dos maiores Jazz aqui da cidade, tocou no Estrela, que o Jazz Estrela era da família do, da família dos Ferreira, do professor Osvaldo Ferreira, o professor Valdemar Ferreira, esses todos eram do Jazz Estrela, então tocava ele, o falecido Tio Bola, o Santo que tinha o apelido de Bola de Neve, na época tocava pandeiro. O pai depois tocou com eles, no Jazz Estrela, não sei se era bateria, é que eu não tenho certeza, mas eu me lembro que meu pai tocava bateria num jazz que era do falecido João da Gaita, que era o nome do Jazz, o Jazz Alegre, e o pai ai já tocava bateria.

André: O senhor já havia comentado, mas quem foi que ensinou ele a tocar bateria mesmo?

Zé Luís: Bateria, o pai? Eu tenho a desconfiança que ele aprendeu sozinho, por que depois ele veio a ensinar o outro filho dele, o mais velho, o Luis Carlos, ele ensinou a tocar bateria, mas ele aprendeu, ele era uma espécie de um auto-didata, inteligente, a bateira no caso acho que ele aprendeu sozinho. Eu não me lembro dele ter ido pra escola ir tocar bateria coisa assim, ele veio aprender a tocar mais adiante, ele já tinha bastante idade, aí eu me lembro de ver ele aprender contrabaixo, contrabaixo ai sim ele estudou contrabaixo. Foi aluno do professor do Maestro Tannini que foi o compositor, o autor, do hino da cidade de Pelotas, maestro Romeu Tannini que era professor dele na época de contrabaixo. Na época quem financiava para ele aprender música, era o professor, O capitão da Marinha do Brasil, capitão Luis Felipe Noronha de Melo, foi ele que bancava pra ele estudar música com professor Romeu Tannini. Foi aí que ele aprendeu contrabaixo, aí se especializou mais em música. E o irmão dele, neste caso o Tio Bola aprendeu a tocar violão também de ouvido, mas quando foi pra Porto Alegre, lá também começou a estudar violão, em 79 ou 80 quando ele teve aqui em Pelotas, ele veio aqui tocando um violão que era uma coisa fantástica, ele aprendeu a tocar lá, agora quem ensinou ele a tocar lá também não sei.

André: Qual foi a primeira música que ele fez?

Zé Luís: Ué tchê, se eu não me engano, deixa vê se eu me lembro, uma das primeiras deles acho que foi o hino do time que tinha lá na zona, Miraluz, se eu não me engano, ainda lá na Mauá ainda (...) faz tempo que eu não vou na Mauá mas até agora bem pouco tempo 10, 15 anos atrás estava lá a sede do Miraluz, que até era muito bonito esse samba sobre o Miraluz, que eu sei um pedaço não sei todo. E ele fez outro também, pro dono do Bar Belém, uma brincadeira com o saudoso Maneca da Cruz, esse samba aí, Maneca da Cruz quem sabe que gosta muito é o Dedão, ali da avenida Brasil, tem o ferro velho do Dedão. Eu não me lembro desse samba da letra pra te contar mas do hino do Belem alguns pedacinhos eu me lembro que ele cantava ele gostava desse samba do hino do Belém:

hip hip urra
salve o Belém

hip hip urra
 salve a torcida também
 hip hip urra
 salve a torcida também

Quem gostava muito era um rapaz muito alegre, Marabão ele sabe esse hino do Belém, ele sabia até um pouco tempo, não sei se ele ainda vai lembrar mas se o cara falar do Belém aqui na zona, o pai dele foi presidente do Belém... autoria do velho e do irmão dele o Tio Bola, que fizeram esse hino e tem esse outro, agora eu não sei se o Dedão é vivo ainda, que foi uma dissidência, uma confusão que houve ali na zona entre o Belém e o Miraluz. Sairam do Miraluz pra ir pro Belém, sabe como é time da zona basta uma meia quadra pra sempre da confusão. Aí o pai e o falecido tio Santo fizeram um samba pro Belém, eu não me lembro assim pra ti contar eu me lembro da melodia, eu gosto mas eu não me lembro e o seu Dedão que eu não sei se é vivo deve saber que ele cantava isso gostava. Não sei se ele é vivo faz muito tempo que eu não vou para aquela zona, depois que eu me mudei não fui mais. Primeiro, quando eu morava ali, sabia tudo daquela zona ali andava sempre naquela voltar ali, eu era cria dali, sabia e eu me lembro dali que o Dedão gostava muito daquele samba, bacana pela brincadeira. E outras coisas que eles tinham também, fazer sacanagem era com eles! Alguns são impublicáveis, são palavrões! Mas tem fundamento que é uma coisa extraordinária, mas esse velho, vou te contar, mas esse tem história. (Entrevista José Luís Farias, 2017).

Outro tema a ser tratado é o futebol, como paixão popular o futebol se constitui na cidade principalmente através de seus três maiores times, o Esporte Clube Pelotas, O Brasil de Pelotas (O Xavante) e o G.A Farroupilha. Como o futebol era um espaço segregado no começo do século, os negros criaram suas próprias ligas de esportistas a partir da década de 1920, algumas ligadas a clubes sociais negros.

Outra forma de sociabilidade do futebol foram os chamados times de várzea, como os descritos por José Luis Farias sobre a região do Porto onde, nestes locais, o mesmo imagina que o hino de um dos times foi a primeira composição de seu pai e seu tio. O Miraluz (cujo filho do compositor não conheceu como futebol, já sendo um local com cancha de bocha) e O Belém (cujo endereço era a rua Osório 69) se tornam assim emblemáticos a partir da perspectiva de o futebol e o samba (e a composição em geral) andarem de mãos dadas. O futebol de Várzea se mantém até hoje, onde se organizam campeonatos por diversos bairros da cidade. E não apenas o meio urbano, mas também os times das zonas rurais, o chamado futebol da Colônia, é muito forte, e se mantém em muitas comunidades quilombolas do qual visitei em outra pesquisa.

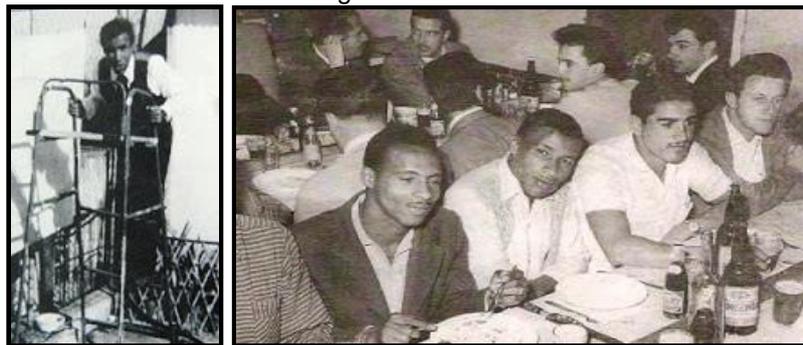
Tenho relatos familiares, por exemplo, nos anos 1960 e 1970, quando meu pai junto aos colegas tentavam fundar times de futebol de várzea na região do Areal, e assim em muitas comunidades da cidade, onde diversos times mantêm suas sedes ainda hoje.

Como fala o relato de Jonas Fernando (2018) sobre os times de Várzea da região do Porto:

Aqui na Coréia o que eu me lembro é que se fundou o Santa Cruz, o pai ajudou a fundar o Santa Cruz, porque eles não podiam jogar em determinados times, tinha uma segregação entre eles, ou porque os outros eram de outro bairro que era considerado melhor que a Coréia, mas tinha vários clubes mesmo. Tiradentes mais pro lado da Várzea, Bota na Água, um pouquinho mais pra metade dos anos 1970, São Gonçalo, Osório, joguei no Osório também, se vocês entrarem na sede vocês vão ver os banner que botaram lá. Aqui especificamente é o Santa Cruz que se cria, o próprio pessoal do Santa Cruz pode contar a história de outros clubes. Mas a gente gostava de jogar futebol aqui, essa aqui era a principal rua que a gente jogava era a Conde de Porto Alegre, antes de chegar no Castelo, ali era nosso lugar principal de jogar futebol, entre a Anchieta e a Felix da Cunha, onde a gente jogava futebol mesmo na minha infância/adolescência, era na caixa da água, onde saia os jogos oficiais, onde a gente conseguia jogar, e dentro do campo do Osório. Lá dentro do final das casinhas da Osório, entre Osório e Andrade, lá tinha um campinho de futebol de sete. Um pouquinho mais pra cá no final da Anchieta, tinha o campo de futebol de Onze, que o pessoal mesmo daquela localidade fez, bem atrás da escola Jeremias Frois tem os trilhos, Lá pra dentro tinha um campo de futebol de onze, a gente jogava ali também, aqui atrás da fábrica da Osório, que é da Olvebra, tinha um campo que a gente chamava as Areias que a gente jogava ali também. Ali era muito bom, um campo de futebol muito grande, mas mesmo assim a gente conseguia jogar ali. (Entrevista com Jonas Fernandes, 2017).

O começo das composições dos biografados são nessas sedes dos times de futebol, um membro da família se destacou como jogador de futebol profissional, Ari Amaro Pires (nascido em 3 de janeiro de 1935, em Pelotas, e falecido em 21 de agosto de 2002), primo dos compositores, ficou conhecido por atuar no Esporte Clube Pelotas de 1953 a 1961 (sendo vice-campeão Gaúcho em 1956 e 1961). Do E. C. Pelotas, foi para o Internacional de Porto Alegre, entre 1961 a 1963, e logo após nos times do Brasil de Pelotas, Guarany de Bagé, Fluminense, Metropol, RioGrandense de Santa Maria e Colón (Santa Fé, Argentina). Viveu seus últimos dias no estádio do Esporte Clube Pelotas.

Figura 4 - Netos



Fonte: Acervo pessoal do compositor

Um dos netos do compositor Zé da Cuíca teve a chance de jogar no Internacional, meu tio materno, mas uma vez que sua mãe adoeceu resolveu cuidá-la e não seguiu em frente. Outro dos times de Várzea que o neto do compositor jogou foi o time formado por uma família negra, de outro entrevistado Flávio Beles, 54 anos, pedreiro, a partir do encontro de familiares de várias cidades constituíram um time chamado Raízes, devido a formação familiar e o homônimo seriado sobre a escravidão nos Estados Unidos, este time vai congrega diversos negros posteriormente, não apenas de sua família, sendo um dos poucos times formados em sua maioria por negros. O time teve a duração de 30 anos, e formou diversos jogadores para o futebol profissional. Neste período, através da ajuda dos componentes, o time participou em campeonatos de diversas cidades da região sul. O time também constituía uma ala na escola de Samba General Telles, que durou 8 anos. O time é interessante porque mostra também casos de racismo, como o enfrentado na cidade de Herval onde sendo vencedores em todas as categorias não receberam a premiação devido a cor de pele dos integrantes, levando assim a uma briga no final do campeonato.

Outra história contada foi sobre uma blitz realizada em Porto Alegre, para descobrir quem seriam aquelas pessoas em um ônibus cheio de gente negra chegando na cidade, que segundo Carlos de Jesus Furtado, também componente do time, saíram ileso por serem do quartel de Pelotas e a identificação dada de certo comandante. O time foi se desfazendo após a morte de um dos integrantes da família, levando aos poucos a sua desintegração. Ainda competia junto aos campeonatos da cidade, que eram

divididos por zonas da cidade. Como a Zona Sul, a Zona Leste e etc... sendo consagrados vice-campeões da cidade.

O filho do compositor conta sobre quando viviam no bairro Pestano, e participavam das atividades do Gaviões do Pestano (bloco carnavalesco), das partidas de futebol que eram disputadas entre os membros, o que mostra que o futebol esteve sempre presente também na história do negro na cidade e no campo. José Luís Farias viveu jogando em times da cidade, Vila Nova (Bairro Fragata), Olaria (Fragata), São Geraldo (Fragata), Imperador (Fragata), Vasco, Passo da Gama (na zona rural), times que o mesmo frequentava desde os tempos de escola, como ele se lembra dos campeonatos disputados pelo colégio Félix da Cunha.

O futebol também esteve presente entre os entrevistados, Neymar, o Pio, frequentador da sapataria do compositor Zé da Cuíca, tinha como sonho entrar para o futebol profissional, jogando em times como o Internacional, onde a partir de um acidente na perna, teve que retornar a Pelotas, logo se recuperando e posteriormente continuou nos times de base de Rio Grande.

2.2 Os espaços da música em Pelotas

Os espaços dedicados a discussão e prática musical, e outros assuntos, é uma constante na história da música brasileira. Pontos de encontro como bares, oficinas, ou casas de personalidades dentre a comunidade negra, entre outros, podem ser encontrados na fala de artistas negros, desde o tempo da escravidão no Brasil, como afirma Vianna (2002) no seu livro, ao se dedicar ao tema do Lundu. Estes espaços, embora muitas vezes tenham sido palco de trocas entre diferentes classes sociais, mostrando a maneira de o negro adentrar nos espaços da elite, ou a troca de favores entre classes sociais como ocorre durante a formação do samba moderno no Rio de Janeiro, no entanto, não permitiu a ascensão social dos negros, mesmo sendo reconhecidos como músicos de excelência.

Como coloca José Luís (2018) nas décadas em acompanhou a música em Pelotas, diversos anos viu que as condições de gravação das músicas era um processo caro para sua realização de modo que ouve poucas

possibilidades de ascender através da música, ainda um processo para poucos dentro do espectro da música brasileira de origem negra. Oficinas na cidade e o samba, parecem estar sempre de mãos dadas, a origem dos compositores da cidade são de diversas profissões, radialistas, trabalhadores de ofícios manuais, professores, serventes de pedreiro, enfim, uma série de profissões vinculadas a camada média e pobre da cidade. Quanto á etnia dos compositores, diverso também, muitos deles negros e alguns deficientes, e algumas mulheres também atuam como compositoras e interpretes. Como já me referi, ao mundo dos antigos compositores, já quanto a nova geração não tenho contatos quanto a este mundo do samba, mas como já falou em entrevista Gilberto Gomes, o Banha, puxador 23 anos da Academia do Samba e fundador da Bandalha, “o interesse pela cultura do carnaval com os jovens parece estar mais distante do que já foi em épocas passadas”, como já relatei anteriormente, e talvez como experiência própria, outras culturas estrangeiras fazem parte hoje do repertório do negro, de modo que seja mais vivo dentro das próprias comunidades este pertencimento, o que por vezes também não leva a uma dicotomia entre as formas culturais, mas uma mistura de ambas as formas.

Os jovens se vestem com roupas do Hip Hop, mas cantam seus sambas nos finais de semana, ao mesmo tempo escutam a música americana e a música tradicionalista. É a criação de uma nova identidade negra neste período em que as tecnologias da informação permitem assistir não apenas ao seu local, mas o global, criando expectativas que antes estariam restritas a certos grupos de poder.

A sapataria foi ponto de encontro de músicos do carnaval, em primeiro lugar na rua Almirante Barroso, e logo após a rua Osório, na frente de sua casa organizou sua sapataria como fala sua neta Maria Lourdes Broquá, 55 anos, auxiliar de serviços gerais e minha mãe. Durante uma noite do mês de setembro ao relembrar seu avô:

Eu nas minhas férias sempre ia lá no meu avô, eu deveria ter uns 11, 12 anos eu ia lá no vô, então eu achava aquilo muito bonito o vo ia arrumar um sapato, mas o vô ficava em casa. Quando vê chegava um, bom dia, bom dia Zé, . E o vô tá trabalhando, não sei aquilo que se corta o couro, isso é tipo um estilete uma coisa assim. E ai então chegava outro, o papo deles era só carnaval, e ali então conheci

muitos ali, eu conheci ali o seu Zé, porque tinha vários Zé, tinha um Zé de cabelo liso, tinha o Pio, que eu via ali conversando com o vô de carnaval, me lembro até do Pio com um baita cabelão. E ali chegava vários conhecidos dele, e ali o vô ficava falando sobre as escolas de samba do Rio, o que era bonito era quando saia o resultado das escolas, e não aceitavam quase sempre é a mesma história, a não porque, eles roubaram ponto, porque tava melhor a comissão de frente, a porque a bateria nossa tava melhor, e tu aquilo era uma coisa fantástica. Eu adoro escutar um samba-enredo, entendesse, para ver aquele samba, porque, quando no rio começa as escolas, a primeira coisa que meu avô e o tio Zé Luis, comentavam era sobre o samba-enredo sabe? É por isso que eu aprendi né, a escutar bem o samba-enredo pra saber o que eles estão falando né? Porque na verdade, o samba-enredo é uma história que foi vivida, e então eles colocam aquela história na passarela, na verdade os que fazem samba-enredo, são os verdadeiros historiadores.

É uma coisa fantástica tu vê eles pesquisando um samba-enredo, é a mesma coisa que um professor. Porque ele vai nas bibliotecas, e eles tem que pesquisar tudo, e sobre aquelas pesquisas, é que sai o samba-enredo. Então eu te falo assim, eu me apaixonei, e eu sou apaixonada por samba-enredo, não importa qual escola, mas eu gosto de prestar atenção.

Uma mesmo que, isso faz muitos anos, e a General Osório tava mal a escola sabe, mas quando eles foram pra avenida, aquela bateria cara, era fantástica, a General Osório era, muito bom. Boa mesmo. A bateria deles dava show, a escola poderia tá. São coisas que eu poderia me lembrar, do meu avô sempre. Eu chegava na casa do meu avô. E tinha dependurado que eu achava fantástico, que eu nunca vi em casa de ninguém, eu via aquela boneca cores pretas, com as pernas compridas na parede, aquilo era uma coisa inédita. Eu me lembro muito do meu avô, com uma meia na cabeça pra dormir, para os cabelos de dia estarem arrumadinhos, aquilo era fantástico vê o meu avô sabe. Uma meia na cabeça imagina, uma meia de nilon. Meu avô com a barba sempre bem feita, eu nunca vi meu avô assim com a pele. Então eu te digo, Mas a tia Melissa tinha uma coisa, aquela mulher de ir em frente né, de brigar até pela Escola, como se fosse assim no Rio Grande do Sul, a dona Zica. Brigando pela sua escola. Entendeu, era a tia Melissa.

A tia Melissa gostava de carnaval, eu me lembro assim dela numa, ...amarela muito bonito. É verdade. Eu não ia tanto assim lá no meu avô, Mas quando eu ia eu gostava de ver essas coisas.

O Vô eu acho que demorava uma hora pra fazer um sapato, arrumando sapato, dava um assunto pra um, dava assunto pra outro. O J.J ia lá no avô, eles discutiam o samba-enredo, eles e o Marcus Fonseca era muito amigos, e as vezes eles brigavam também, dessas coisas de escola de samba, Mas a imagem que eu tenho do meu avô é assim, arrumando seu serviço, e ali chegava um chegava outro, o seu Toco, quando eu vi o seu Toquinho, eu conheço esse senhor. Mas eu não consigo me lembrar da onde, ele me mostrando as fotos dele quando novo, ai eu disse, mas o senhor eu conheço, o senhor não ia lá no meu avô? Tu não conheceu o meu avô. O Zé da Cuíca, mas o Zé era muito meu amigo, sabe então tem coisas assim sabe. Como meu avô era conhecido pra caramba. E na hora que ele foi embora, não tinha lá os amigos dele, pelo conhecimento que meu avô tinha, não tinha ninguém, meu avô era conhecido, eu acho que mais ou menos ali era família mesmo.

Carnaval é muito bonito, é bonito de ver sabia, mas só que tem assim, o palhaço sabe aquele que faz a festa para os outros, no fim ele acaba sozinho. Ele tinha conhecidos vários, mas no fim ficou sozinho. Eu tinha muito orgulho do meu avô.

O vô pesquisava, não só ele mas os outros também, tinha o José, o Oswaldo, que morava no mesmo pátio na Osório, morava na casa do fundo, também tava sempre com o vô, o meu avô fez a história dele, e o único jeito que hoje eu posso me lembrar do vô, quando alguém canta um samba enredo dele. Quando o Solon, quando saber que sou neta dele, então o Ze fez aquele samba, e um orgulho sabe tu ouvir, eu lembrar do meu avô. (Entrevista de Maria De Lourdes Broqua, 2018).

Também citam a sapataria os parceiros de meu avô, local onde todos finais de tarde era um local onde as pessoas passavam e iam discutir sobre o carnaval, ou fazer músicas, neste local diversos compositores estrearam no carnaval, entre eles Pio, criador do primeiro samba-enredo da Estação Primeira do Areal e J.J Soares, 68 anos na época da entrevista, parceiro de Zé da Cuíca em diversas músicas e apresentador do Programa Mesa de Bar(que apresenta o samba da cidade na TVC, televisão comunitária),entrevistado na antiga sede da rádio Pelotense, como fala o último ao se lembrar de como conheceu o compositor, ele cita a sapataria:

Meu nome é José Genuíno Fonseca Soares, mas as iniciais do nome artístico é J.J Soares mais conhecido como Zequinha,a minha idade é 68 , sessenta e oito anos tenho cara de jovem mais...
André:Seu JJ a primeira pergunta que eu vim lhe fazer na verdade é em que lugar o senhor acabou conhecendo então o Zé da Cuica ou Bola de Neve:

JJ:O Bola de Neve eu não tinha intimidade e tal, mas o Zé da Cuíca sim porque a gente foi parceiro, eu não falo que a gente foi compositor porque eu não vivo da música, eu vou escrevendo alguma coisa da certo e eu vou seguindo, mas eu não canto nem toco, tudo que eu escrevo eu preciso de um parceiro para musicar a letra E o Zé da Cuíca foi o maior parceiro que eu tive no inicio da minha carreira, era o Ze da Cuíca que musicava as minhas letras, e ele gostava e dizia, as tuas letras já estão prontas tu deu os compassos certos é fácil, o Zé do Cuíca era do tempo que se colocava melodia para o samba enredo, hoje é uma correria, tá muito marchado, que é muito comercial. Agora samba de enredo com melodia, era o Zé da Cuíca. Até interessante que ele era sapateiro, naquele tempo a gente fazia muito samba pra Telles, mais sambas que a gente fez foi pra Telles, ai tinha os concursos, 20, 30 sambas 2 três entradas eliminatórias, eu ia na sapataria do Zé levava as letras de tarde e um gravadorzinho,eu falava, seu Zé até de noitezinha o senhor tem que colocar melodia nesta letra.e ele batendo no martilho no sapato dizia assim, olhando(olha como se fosse um papel) ah mas não vai dar, tu me trouxe muito ensima..Seu Zé não quero nem saber vou deixar o gravador ai com o senhor aqui em cima e o senhor vai..ahhh mas não vai dar, eu tchau seu Zé. De noite já tava pronta a melodia, impressionante. Ele tinha uma facilidade, era um dom que ele tinha, genioso, e melodias lindas, linda, linda, Isso ai era o Zé da Cuíca o meu parceiro inesquecível. Depois dele não se vê mais essas melodias maravilhosas,

JJ :O primeiro samba eu fiz com Solon Silva, foi em 80,81, depois em 82 em diante era com o Zé da Cuíca, se foi, lá se vão 30 anos, e nós dava sorte que ganhava os sambas também. Aliás ate hoje tem um dos sambas que , tem dois que marcaram na Telles, que são cantados até hoje, que é Brasil Alegria tropical, que o saudoso Pompilio que era figurinista na época da Telles, que a gente canta “Ecoou da senzala um grito de louvor, de uma mistura de raças que hoje faz parte das massas, a oxala nosso rei protetor”, esse é um, tem outro também que foi interessante o refrão, no outro samba dizia, “roda baiana roda”, que eu fiz assim, “roda roda bahiana, este palácio multicolor, mostra bahiana mostra que a força da vida é o amor” a única coisa que ele mudou que eu dizia roda roda bahiana, ele botou assim, roda bahiana roda, botou a bahiana no meio das duas rodas. Porque era difícil ele modificar a letra, porque ele falava tu botava direitinho as melodias e os compassos. Então de 82 a gente fez muitos trabalhos juntos, e graças a deus não me lembro de ter perdido nenhum com ele, era sempre vitorioso, mas era muito bom o trabalho do Zé, é pena que fica sem memória aqui em Pelotas, no tempo se gravava era muito em fita cassete, não tinha gravadora, hoje tu tem gravadoras, a gente pode gravar com qualidade aqui em Pelotas tem várias gravadoras.

André: Naquela época grande parte das composições não tinham.(Entrevista com J.J Soares, 2015).

O espaço da sapataria como fala José Luís Farias, “nunca vi uma sapataria juntar tanta gente”. Este local foi ponto de início de muitos compositores, como fala Pio, criador do primeiro samba-enredo da Estação Primeira do Areal, pessoas iam á sapataria para criar a música, um estabelecimento comercial torna-se assim o ponto de encontro de geradores de cultura popular da cidade, saindo do circuito “branco”, de espaços de criação de cultura, para um local comum de trabalho da comunidade negra. O neto do compositor Zé da Cuíca comenta que “ eu estava lá na sapataria daqui a pouco alguém chegava, e já tava saindo um sambinha”. As oficinas nos dias de hoje são ainda espaço de manutenção de samba, um dos colaboradores Beto Alfaiate na sua antiga alfaiataria realiza um samba no carnaval com seu conjunto a 23 anos durante o carnaval.

2.3 Os agrupamentos musicais e os bailes de negros

Para além das festividades públicas os salões, clubes, casas, zungus, enfim uma série de lugares foi escolhida para realização de festas, em primeiro lugar pela perseguição da sociedade e logo após pela segregação racial, aqui vamos analisar-nos algumas pesquisas que foram feita sobre alguns lugares em que a presença negra se manteve presente.

Conforme Monquelat (2016) desde a década de 1870 até o século XX outra modalidade de baile para além dos batuques que agregava negros eram os chamados Maxixes, sendo bailes deste ritmo em específico ou não, sem dar mais informações sabemos dos repertórios que vão se aproximar dos conjuntos que virão nas décadas seguintes.

A partir da década de 1930 e 1940 em meio aos bailes negros, os agrupamentos urbanos são chamados Jazz, e no seu repertório música cubana, fox-trot, samba algumas músicas e ritmos da região rural são ressignificados nos bailes urbanos, conforme uma antiga polca cantada por meu avô paterno no tempo de seus pais (ele já com 83 anos) no campo que é referenciada por Santos (2002) em artigo citado de um jornal. Outro local citado por Banha, seriam os cabarés que eram como se chamavam antigamente as boates, onde haviam bandas que tocavam toda noite, onde o mesmo começou na música.

Por fim chegamos a década de 1950 com as escolas de samba e suas evoluções para os agrupamentos musicais atuais:

André: em que ano o seu tio foi pra Porto Alegre

Zé Luís: O tio Bola acho que foi a Porto Alegre nos anos 1950, acho que 1954, 55 por ai, ele foi embora pra Porto Alegre .

André: E para lá ele nunca compôs música? (pergunta e dos primos e o primo jogador de futebol)

Zé Luís: Puxa agora que eu não me lembro, porque música mesmo ele fazia aqui na cidade, aqui ele fazia em parceria junto com o pai né? eles eram irmãos e sabiam , então a maioria dos trabalhos foram do tio Bola foram junto com o pai, junto com o velho Zé da Cuica que eles compunham aqui na cidade, fizeram senhor prefeito e tantas outras músicas que me lembro, algumas eu lembro, outras não, outras não tem como lembrar, por exemplo Senhor Prefeito eles fizeram para aquela enchente de 1956, o Tio Bola tava por aqui nessa época,

No caso essa música do senhor prefeito, foi o seguinte, eles estavam bastante na Castilho ali, a Castilho é um polo cultural, musical era muito rico também e naquela época predominava muito na Castilho por exemplo um número elevado de ritimistas, tinha uma banda um conjunto vocal na Castilho muito bom, Os Mapas, na Castilho que eram muito bons, e o pessoal falecido pai, Tio Bola eles estavam sempre lá, naquela época tinha aquelas festas, eram as casas, os bares, naquela época tinha por exemplo, assim, um aniversário na casa de família assim, o pessoal convidava aquelas bandas, aqueles conjuntinhos vocais com quatro, cinco pessoas, pra abrilhantar os aniversários, aniversário, festa de casamento, batismo, aquilo iniciava de dia, ia até o outro dia, e o pai como ele era ligado a música, eles iam tocar, tranquilo, era fala que tinha festa na casa do fulano que eles já estavam dentro. E eu me lembro de alguma coisa, o pai mesmo no jazz que ele tocava, no jazz Alegre, ele sai aqui da cidade,

eles tocavam em todas essas cidades pequenas aqui da volta, no interior, eles tocavam nisso tudo ai, festa de casamento, batizado, o Jazz Alegre tocava, era um dos Jazz que eu me lembro, mas ele falava em vida dele que eles tinham criado lá na Mauá, eles criaram uma banda lá os Diabos da Batucada, lá na região da Mauá na região onde ele praticamente se criou lá, eles foram lá jogavam futebol naqueles times que tinha ali e também era ligado a esporte, e lá de repente eu me lembro daquela banda que ele tocava, os diabos da batucada, e a maioria daqueles que tocavam naquela parte acredito que não tenha ninguém vivo, e de repente eles tocavam por aquela volta toda ali, na época ainda existia a fábrica de conservas, a Léo Santos, e tinham casas logo atrás da fábrica de conservas, e ali seguidamente tinha baile, aquilo ali era por questão de nada tava feita a festa, e o pessoal fazia chegava pra tocar aqui e ali, aquela coisa toda, aquela amizade, aquela integração toda, coisa que atualmente a gente não mais assim pra ser bonito esse tipo de integração hoje a gente não vê

.E aquela zona de Mauá eu ainda cheguei a pegar, alguns anos atrás se juntava aquelas bandinhas que tinha na zona, era um cavaco aqui, um pegava um violão uma cubana, um pandeiro, um agê e já tava feita a festa. Eu cheguei a alcançar isso ai imagina na época do velho que não existia música eletrônica, a coisa era muito mais, tu imagina a maravilha que haveria de ser. Tinha muita coisa que a gente não tinha como gravar, gravador era um troço precário, o cara pra conseguir gravar alguma coisa tinha que ir num estúdio de rádio, para conseguir gravar alguma coisa, gravadora era uma coisa raríssima, o cara que tinha um gravador era um cara rico, milionário, e ainda assim com a qualidade péssima, do tempo dos cassetes ainda, não se tu conheceu as fitas-cassete? Mas quando apareceu a fita cassete era uma coisa ultra-moderna, mas para gravar era muito difícil era só com estúdio de rádio e olhe lá e para gravar ainda tinha que contar com a boa vontade ... (Entrevista realizada com José Luís Farias, 2017).

Os territórios negros pela cidade, se destacam por suas agremiações musicais, até a atualidade, desde os grupos de festa citados por José Luis Farias (2018), até os atuais grupos de Hip Hop das periferias, a música tece o ritmo a música negra ainda se mantém na cidade com esta espontaneidade, acompanhando o namorado de minha mãe, Flávio Beles, 53 anos, antigo passista da General Telles e entusiastas desta arte, frequentemente em seu bairro, onde antigamente se chamava bairro Cruzeiro, atrás do fórum de Pelotas, realiza vezes ao ano rodas de samba em dias festivos ou não. Cansei de chegar e ver ele com todo o equipamento levando para as praças do bairro com seus companheiros, fazendo uma carne na churrasqueira, cerveja e refrigerante e os músicos tocando samba. Alias em seu aniversário lá estava eu tocando tamborim nas rodas de samba de seus parceiros musicais. Existem muitas bandas nas cidades especializadas para tocar nos bares da noite, nos diversos bairros da cidade.

A impossibilidade de profissionalização dos músicos talvez seja uma das questões centrais, mesmo ainda nos dias de hoje. Não foi possível para a maioria passando deste a época dos meus bisavós até hoje, se manter não apenas com música, havendo a necessidade de ter outras profissões durante o ano. Como fala seu filho, os compositores eram músicos de finais de semana e não apenas os músicos como também dançarinos. Hoje em dia existe já uma profissionalização, mas em conversas com músicos novos que estão começando, eles me falam sobre o mercado da cidade ser restrito a certos bares e a um repertório que agrade a platéia, não dando margem para o novo. Acompanhando a cidade, vejo que a quantidade de grupos e instrumentistas é realmente grande, mas existe uma indústria que vai absorver toda essa produção? E outra pergunta, escutando as rádios da cidade, vejo que para a cidade do carnaval na verdade a rádio AM e FM sua programação esta voltada muito mais para um repertório de música tradicionalista, música romântica, o Pop e Hip Hop americano, mas a quantidade de programas de samba são reduzidos na cidade, quem sabe as rádios piratas dos bairros passem mais samba, mas a cidade do carnaval não tem o samba como principal porta voz das rádios.

Outro tema determinante alguns anos atrás era a inexistência de locais para gravação na cidade, que era muito caro obter equipamentos para este fim, o que levou que muito do repertório constituído por artistas da cidade não pode ser registrado para a nossa geração, e não faltam artistas nas folhas dos jornais da cidade desde a década de 1950 onde comecei a pesquisa.

Dos agrupamentos humanos dos bairros pobres da cidade, uma constatação outra é que os espaços onde se encontram mais negros pela cidade (Navegantes, partes do Bairro Santa Terezinha, algumas partes do Bairro Fragata, Areal, a região do Porto e adjacências, certas localidades nas três vendas) nestes locais sempre a atividade musical é constante, seja em forma de grupos de bairro, festas de família, igrejas, escolas de samba, blocos, terreiros de umbanda, quimbanda e nação, todos esses locais freqüentados pela população negra tem o ritmo das antigas charqueadas e comunidades quilombolas.

Os cordões carnavalescos e organizações negras foram espaços frequentados pelos músicos e seus familiares, estes mesmos espaços foram criados, como os clubes:

Zé Luís: Tava, nessas coisas de música ele sempre teve, ele também foi no Fica Ahí, foi o primeiro local, a primeira entidade carnavalesca que ele saiu foi no Cordão do Fica Ahí, cordão carnavalesco Fica Ahí, que esta até hoje ai o clube. Fica Ahí por ai dizendo e também porque o Tio dele, o tio Júlio, este que eu falei pra ti que era pescador, é um dos fundadores do Fica Ahí. Porque o Fica Ahí foi criado pra ser uma espécie de um clube abolicionista, naquela época ainda tinha, por causa dos preto, que um era escravo aquela coisa toda e tinha dificuldade pra estar no mundo social...estes clubes. Participavam ali Chove Não Molha, o Depois da chuva, a Sociedade Floresta Aurora de Porto Alegre também, que também era um clube abolicionista, não sei se tu ouviu falar, dentro do Floresta Aurora ainda dentro tem uma árvore, uma figueira, que debaixo daquela figueira que eles se reuniam para comprar carta de alforria para um escravo, aquela coisa toda e tal. Ta ate hoje na sociedade Floresta Aurora. E o Fica Ahí calculo que seja originário disto ai. Aqueles clubes abolicionista, que dai, o Fica Ahí é ate hoje aquela coisa,...o Fica Ahí foi um clube Cultural, o Fica Ahí tinha uma escola, ali tinha um colégio no Fica Ahí, o colégio Francisco Simões, e o nosso avô, tio-avô Tio Julio, um dos fundadores do Clube Cultural Fica Ahí. Sem contar no falecido Pai, o falecido José Farias, lá em Rio grande também foi fundador de um dos sindicatos dos Estivadores.

Fica ahí, chove, depois da chuva a sociedade Futurista que até a tia Menaide tinha , não sei se ela foi madrinha ou se ela foi rainha, da sociedade, quem tem ri de nós tem paixão, a falecida, a falecida tia Menaide, Ela tinha uma fotografia , ela chegou a te mostrar? Parece que aquele ali se chama Quem de Nós tem Paixão, quando ela foi rainha, naquela época do tio Júlio, tio Bola, do pai, quando eram novos eles tinham festa domingo de tarde tinha festa, chamados chás dançantes, que aquilo ia até um certo horário aquilo entrava a noite e la pelas cansadas terminava, então tinham ali no fica ai, no chove não molha, no clube cultural depois da chuva, que depois da chuva conheci, que acho que foi a maior injustiça que deixaram terminar com o depois da chuva, a coisa mais linda a frente do clube cultural depois da chuva a coisa mais linda que se pode imaginar tinha uns detalhes de rei momo, uma trombeta, mais lindíssimo aquilo ali, pintado em vermelho e amarelo, ouro, agora eu passo ali não tem mais a ruína ali. Ficava na rua Doutor Cassiano, entre Santos Dumont e aquela outra de baixo. O depois da chuva deve ter terminado em final dos anos 1990, ai por 97, 98 .Eles tocaram em um monte de bailes, tudo nesses clubes todos.(clubes negros) Eles iam nesse ai de Rio Grande, daqui do povo novo, Disfarça e Olha. Porque era tudo dividido, hoje não tem mais isso, hoje no salão do seu fulano, era clube do Bolinha, depois foi diminuindo acabou essa frescura agora tá misturado preto, branco misturado, amarelo, azul, na época os troços, o tio Júlio não era muito de música mas o pai e o Tio Bola era ligado a música ao extremo, eu me lembro que eles foram tocar no Basílio, ele dizia que de repente no tempo que andava de carro de manivela aquelas carretas de manivela, eles diziam que de repente, ele coitado segundo a bateria diz que a bateria chego lá toda amassada devido a buracama que tinha na estrada, chego la teve que fazer o baile assim mesmo, quando ele voltou, ele era muito metódico caprichoso,

quem tinha emprestado para eles o Edgarzinho, que era lutador aquela coisa, morava aqui..

(...)Edgarzinho tava sempre me contando , como é que ele ia devolver a bateria toda amassada, primeiro mandou desamassar, para depois devolver, entregar nova a bateria do dono, com ele era assim ele era metódico, se ti pedisse um troço emprestado ou o que ele te emprestou ou melhor, ele não devolvia com defeito então por isso ele era muito considerado por essa volta ai ne tche, porque também ele não tinha não, se convidasse pra uma festa..aquela coisa vamo lá ..seguinte não tem dinheiro olha não tem problema ele tava ai. Isso ai então por isso que ele era considerado, nessa volta ai esse negócio de música ele nasceu com isso.(Entrevista com José Luís Farias).

Os clubes negros entram então como força na organização das entidades carnavalescas da cidade, onde os compositores vão sair e onde um de seus tios vai ser conhecidos dos fundadores do clube Cultural Fica Ahí. Neste primeiro momento este parece ser a primeira organização negra do carnaval, os cordões. Conforme vamos tratar a frente, mas José Luís Farias responde a mim sobre de onde começa a organização das escolas de samba, ele fala que o modelo foram as entidades já existentes na cidade e não modelos do Rio de Janeiro como poderia aparecer. Outro fato é que uma das irmãs dos compositores parece ter sido rainha ou madrinha de um dos grupos femininos, as futuristas, da década de 1930.

Conforme os relatos, os bairros na impossibilidade de obter rádios tinham seus grupos musicais, como o Demônios da Batucada, formada por Zé da Cuíca com amigos de sua vizinhança, e logo também a criação destes grupos que animaram as festas dos clubes negros, onde os músicos também estavam inseridos, não pude ter informação se todos os grupos musicais eram segregados também, no jornal A Alvorada estes agrupamentos estão sendo referidos sempre nas festas que ocorriam não apenas em Pelotas mas também em Rio Grande e outras cidades do interior do estado. Dona Noemi,originária de Herval, 76 anos, chegou na cidade nos anos 1950 e conheceu a movimentação dos clubes negros, onde cantava me informou que conheceu o cantor Bola de Neve e lembra dele cantando nos vagões de trem, como ela fala, ele “cantava pela garganta” durante a viagem, e também o assistiu nos clubes negros da cidade.

Ainda tive relatos durante a pesquisa de pessoas ligadas ao carnaval de bailes ainda nos anos 1970, no bairro Fragata, sobre a existência de festas

divididas, onde havia dias para os brancos e dias para os negros, e como aos poucos foram sendo conquistadas as possibilidades dos bailes mistos.

As sociabilidades negras eram segregadas em diversos espaços, como já foi referidos por historiadores locais a cidade já contou com até cinco clubes negros, cada um dividido por classes sociais e regras distintas, de modo que hoje a segregação se constrói de outras formas, continua vigente, durante o período de pesquisa de campo duas festas comecei a participar o samba no mercado e a sexta-feira black, a última se constituída em sua maioria de pessoas negras, enquanto o samba era um pouco mais heterogêneo, mas logo o primeiro evento foi terminado em vista de um assalto que ocorreu no mercado público, motivo que foi alegado para o fim das festividades de sexta que congregava moradores em sua maioria das periferias da cidade. A batalha pelo espaço público para realizar as festas negras, sempre foram espaços em disputa, como visto até hoje sobre o local do carnaval, os espaços da cidade sempre foram controlados, como, por exemplo, as praças da cidade durante muito tempo foram divididas, a segregação é aceita ou não por parte da população negra da cidade, é um mecanismo complexo que atuou e ainda atua na cidade veladamente, mostrando assim as forças “ocultas”, do qual se refere o compositor José Luis Faria (2018) ao referenciar a falência das organizações carnavalescas na cidade.

3 Espetáculos, Festivais e carnaval

3.1 Espetáculos

A vida social da cidade de Pelotas sempre foi marcada por muitas contradições. A cidade com vistas culturais não deixava de lado seu racismo, expondo assim a face as sociabilidades segregadas como descritas nos tópicos anteriores, a cidade já contou com diversos cinemas e casas de espetáculos, onde diversos artistas da cidade se apresentavam. Conversando com um colega do curso de música ainda no ano de 2018, ele me relatava a falta de locais para se tocar na cidade, principalmente se falado de música autoral, de modo que como foi esse processo de desmantelamento dos espaços de convivência que havia na cidade? E como as festas foram se arranjando na cidade? Nos anos 1940 em diante encontrei artigos sobre a presença do compositor Bola de Neve, e nos anos 1950 a participação de Bola de Neve e Zé da Cuíca em espetáculos pela cidade, e necessário pensar que todo este aparato cultural da cidade, hoje não se encontra mais em funcionamento, e novas formas de sociabilidade negra são tramadas nos bairros e no centro, se utilizando assim de novos espaços para a exposição da cultura.

A partir de buscas nos jornais da cidade, pude encontrar as chamadas para os espetáculos onde os compositores participavam, assim como suas atuações no carnaval, concursos musicais e suas músicas também circulavam no período de carnaval através dos jornais da cidade durante várias décadas. Comecei este olhar a partir da década de 1940 no jornal A Alvorada, já existia na cidade uma rede como a atual onde a população negra se fazia presente, nela vi os clubes, salões de festa, e teatros do qual havia uma participação popular. O número de locais culturais diminuiu de uma maneira enorme, de fato se fechou muitos espaços culturais década após década.

Abaixo as primeiras que encontrei em pesquisas de jornal através deles podemos ver referências como o Teatro Apolo (Cine-Theatro Apollo. Gomes Carneiro 1661, prédio demolido), Teatro Satan (Armado a avenida Daltro Filho esquina Vila Carucio), Teatro São Rafael (Pç 20 de Setembro 846, em ruínas.), o teatro Avenida (Av. Bento Gonçalves 3972) nos dois primeiros teatros tive acesso aos cartazes dos espetáculos onde Bola de Neve¹, a partir de um colega seu, Custódio Mesquita, no ano de 2015 com 92 anos, que participava na realização de atividades culturais. Onde o anunciava o sambista como o Malabarista do samba, o sambista 100-100 como colocavam nos cartazes, anúncios de festas e no jornal A Alvorada, entre 1949 e 1959. Estes teatros ao que parece por seus espetáculos pareciam ser de teor mais popular, vejamos que nenhum deles continua hoje em atividade. O número de teatros e cinemas em Pelotas já foi muito maior, e hoje temos poucos destes estabelecimentos dedicados ao lazer. O cantor Bola de Neve aparece como atração nestes locais, assim como muitos outros cantores:

Dia 10 de dezembro de 1949
 Não Percam
 Dia 4 de dezembro no Apolo Grande
 Festival de Vera Souza e Tereza Maria
 Tomarão Parte, além de outros grandes amadores
 Bola de Neve-Zé Vovó e Luiz Carlos
 Dia 15 no Cine Fragatão
 (A Alvorada 10-12-49)

9 de setembro de 1950
 Silva Filho
 O locutor conquistou Pelotas, dirigira o grande espetáculo de aniversário do Jazz <<5 mosqueteiros>>, na noite de terça-feira, dia 12 no teatro Avenida. Tomarão parte: Vera Souza, Iara Silva, Mario

1 Veja os cartazes nos anexos.

Lima , Zuila Carvalho, Tereza Lessa, Maria Tereza, Zé Costa, Bola de Neve, Carlos Farias e outros. Na tela, bom filme, Preço único Cr\$ 5,00.
(A Alvorada 9-9-50)

Figura 5 - Compositor Bola de Neve



Fonte: Acervo pessoal do compositor

Na foto o cantor e compositor Bola de Neve, ao lado do locutor da esquerda em pé, 1949 no Teatro Avenida com o cast. Alguns vão em pé e outros ajoelhado com diversos instrumentos como violões, pandeiros e afoxés. Todos vestidos a caráter da época ternos e sapatos.

Conforme relato de seu Walter Lima, apelidado Toco, em sua casa onde estava com 83 anos em 2015(membro da escola de samba General Osório e ex-presidente do Chove não Molha), dentro deste mundo de festa se dava os relacionamentos, os namoros entre á comunidade negra e as festas da época:

André: O senhor tava comentando que conheceu o Bola de Neve quando a Dona Iza foi rainha?

Seu Toco: A Iza foi rainha em 46? Comecei a namorar ela em 48, 46 ela foi rainha , 1946 é. No período daquele baile só conheci ela, foi uma grande festa. Porque os nossos clubes, por exemplo no sábado tinha a coroação da rainha, naquele tempo tinha o Apolo, o Guarani era difícil era caríssimo, mas a coroação da Iza foi no Avenida, mas acontece que antes de fazer a coroação, tinha os festivais, e aparecia o Bola de Neve todo mundo cantando”

Era um bom compositor e ai nos festivais, da coroação da Iza, ele cantava em tudo que era festival, tinha festival naquela época no circulo Operário. Tinha festival lá no Depois da Chuva, os clubes tudo. Hoje não, hoje tá tudo morto (Entrevista com Walter Lima, 2015).

Ele está comentando nas falas sobre quando conheceu sua esposa Iza, na década de 1940, onde mostra os teatros que eram mais acessíveis assim

como os clubes que estavam em plena atividade na cidade, mostrando outros locais como o Círculo Operário, O guarani (que comenta ser de difícil acesso), e o teatro Avenida, como espaços populares.

Ainda durante os anos 1950 eram chamados durante o período carnavalesco o chamado carnaval nos bairros onde eram construídos palcos nos bairros e ali se apresentavam artistas da cidade foram encontrando a chamada da participação dos dois irmãos nos espetáculos. Nos relatos de José Farias ele comenta como eram feitos os festivais, em que se montavam palcos nos bairros nos períodos de carnaval onde se apresentavam artistas da cidade antes do carnaval oficial. Como veremos a seguir também temos concursos musicais na cidade, dentro dos auditórios das rádios, dos concursos de músicas carnavalescas, que fizeram parte desta criação popular de uma indústria cultura do qual a cidade é hoje conhecida, essa cultura não nasce apenas da elite da cidade, mas nasce dos bairros pobres da cidade e ganhou o centro da cidade, através dos compositores, no entanto sua divulgação nos dias de hoje parecem ser diferentes do que já foi como dito por Solon Silva que as músicas eram divulgadas anos atrás pelas rádios da cidade e hoje me dou de conta que já não existe tanto este mesmo movimento pela cidade, estando as músicas relegadas a apenas alguns programas de rádio.

Por conclusão se vê que o número de espaços dedicados a cultura na cidade já foi muito maior, e em enorme quantidade, sendo hoje gerido pela burguesia pelotense, de modo que a cidade cresceu, no entanto, os espaços da cultura foram mal geridos e hoje se encontram em menor número que as décadas anteriores.

Figura 6 - Espetáculo no Estádio Boca do Lobo



Fonte: Opinião Pública (1959).

Acima o espetáculo no Estádio Boca do Lobo, década de 1959, onde aparecem o nome de Zé da Cuíca e Bola de Neve.

Figura 7 - Cartaz do teatro Satan

1950

TEATRO SATAN

== Armado a Avenida Daltro Filho esquina Vila Carucio ==
ao lado do nº 988 - FRAGATA - PELOTAS



Reabertura de sua temporada

1.º de MAIO

SATAN apresentará um variado e inédito programa em homenagem a data máxima do trabalhador

Inauguração de seu novo palco

Tomará parte neste espetáculo o impagável comico e caipira

Zé Tuniquinho

e sua viola, com a apresentação de sambas, emboladas e anedotas.

E não faltará a dupla

KEOPS e KALI

Terminará o espetáculo com uma grande apoteose alusiva à data

Dia 4 de Maio

Grande festival do Grêmio Esportivo Liberal
 Com um espetacular programa

1.ª parte - SATAN e seus artistas

2.ª parte - Tomarão parte os seguintes cantores:

Joél Pintado (o cancionista da cidade)
 Bola de Neve (o malabarista do samba)
 Osmar Gulo (imitador de Jorga Velga)
 João Carlos Farias (o sambista 100 o/o)
 Vandorinho e sua gaita mágica
 Lizete G. (o samba em pessoa)

Far-se-ão acompanhar pelo regional de Jorge dos Santos

Não percam estes dois formidáveis espetáculos

Fonte: Cartaz (1950).

Cartaz do teatro Satan, onde na parte de baixo aparece a apresentação do cantor Bola de Neve como artista do cast do teatro no Grêmio Esportivo Liberal. O mesmo apresenta o desenhado a mão a data, 1950, e o bairro onde se encontrava o Teatro, Fragata.

O trabalho gráfico conta também com uma figura onde apresenta duas crianças um menino com um pandeiro e uma menina vestida a baiana.

Figura 8 – Cartaz Teatro São Rafael



Fonte: Cartaz (1953).

Já o segundo cartaz é de 1953, sobre o Teatro São Rafael, onde se apresenta também o cantor Bola de Neve dentro do cast da festa junto a outros diversos artistas. No centro temos a figura de Alaor Lima e José Costa. Outro fato interessante é que abaixo existe a presença de outros ritmos além do samba, como a rumba e o frevo nas festas.

3.2 Concursos de música Carnavalesca

Nesta parte são dados coletados nos jornais para os concursos de músicas do qual pude encontrar, existe uma diferencia acredito entre estes

concursos promovidos pela prefeitura e os promovidos pelas escolas de samba para escolha do samba enredo.

Foi realizado um trabalho sobre os concursos da cidade por Iansã Elste (2002), de modo que podemos descrever como eram feitos, realizados pelas rádios e pelos poderes municipais os concursos visavam incentivar a criação dos compositores da cidade para não pagar pelo uso de músicas cariocas, de modo que durante as décadas de 60 e 70 houve grande incentivo através de festivais de compositores pelotenses. Havia grande divulgação dos sambas anteriores aos períodos carnavalescos, e durante o ano se aprontavam sambas e os mais conhecidos eram interpretados nas escolas através dos concursos que também executavam, de fato como colocado também pelos entrevistados havia maior apoio do poder público, nestes concursos os irmãos deram sua contribuição e a partir dos relatos dos jornais podemos ver sua participação.

Nos anos 1950 foram encontrados a participação dos irmãos nos eventos do carnaval dos bairros, e como trata o filho do compositor Zé da Cuíca seu pai iam assistir os maestros das rádios da cidade nos seus auditórios, foi encontrado um samba de Bola de Neve, que tirou uma colocação na participação dos calouros com o samba Se o redondo Acabar. No programa de Paulo Brasil do Amaral, como já citado pelo entrevistado Bira da Cuíca em 2015, em sua casa no bairro Cohab 2, já com 82 anos, ele como folião da Academia do Samba, Alfaiate aposentado, nos conta como o programa era espaço onde havia conhecido o cantor Bola de Neve, espaço onde os cantores amadores da cidade se apresentavam, e como visto na reportagem se realizada concursos entre os participantes.

Em 1957 pude encontrar a primeira colocação do samba Senhor Prefeito, de Zé da Cuíca e Bola de Neve, em um concurso de canções carnavalescas.

Segue-se as notícias dos jornais compiladas para os anos seguintes em que encontrei notícias sobre os compositores em diversos concursos. As letras das músicas serão mostradas no capítulo final da dissertação:

8 de fevereiro de 1961

Escolha final das melhores músicas locais será hoje o sambas e marchas já selecionados pelos júizes da “ Noiva do Mar”

Consoante noticiamos , a comissão municipal do carnaval em sua terceira reunião, decidiu enviar as músicas dos compositores pelotenses para a cidade vizinha de Rio Grande, a fim de serem submetidas a seleção. Agora, na última reunião, já foram apresentadas as composições destinadas ao júri Rio Grandino, chefiado pelo Maestro Luiz Piraguini, que das 57 apresentações 29 como dignas de figurar na classificação final.

As músicas selecionadas

A comissão da “ Noiva do Mar”- que desde sábado esteve de posse dos originais , executando-os -estudando-os-selecionou 18 sambas e 11 marchas. Eis os sambas 1- “Conversa, de Manoel Luiz Mott e Victor Jacob 2) “Juro” de Valentim. 3) Não me perguntes” de Zé da Cuica e Amílton Araujo;

No ano de 1962, no dia 24 de fevereiro, o jornal Diário Popular lista as 48 músicas que participaram do concurso deste ano. No dia 1 de março de 1962 a comissão julgadora, formada por A comissão era formada por - Francisco Vieira da Silva(Presidente), Clodomiro Martins e Oswaldo Ferreira, declarou os sambas vencedores, Sambas: 1-”Gostar não é assim”-Walmúrio, 2 lugar “Só resta de chorar” de Manoel Pinheiro, 3 lugar “Não deixem o redondo acabar” de Zé da Cuica. Zé da Cuica ficou com o 3 lugar no concurso.

O outro concurso é realizado no dia 20 de fevereiro de 1966, acompanhem as notícias do jornal Diário Popular, contudo a música não tem referência de nome alguns na notícia:

20 de fevereiro de 1966-
Compositores Pelotenses
Grande show no sábado

Sábado próximo às 21 horas no peristílo da prefeitura municipal a comissão de carnaval promoverá << show >> oportunidade em que serão apresentadas as 6 composições de autores pelotenses recentemente (aureadas) no julgamento realizado em Porto Alegre. Ficam as seguintes composições classificadas:
sambas: 1 lugar: Luis Este (Chorei); 2 lugar 3 lugar-Zé da Cuica (que samba é?)

No ano seguinte em 1967 novas músicas são compostas para o concurso deste ano:

20 de janeiro de 1967-Concurso
José Farias- “Promessa”-samba
José Farias- “ Garota Sapecá”

Já no ano de 1968 temos a marcha composta por Zé da Cuíca e Luís Elste:

11 de fevereiro de 1968-Marcha

Carnaval(samba)(música e letra de Zé da Cuíca e Luiz Elste)

Em 1969 novamente parceria entre Luiz Elste e Zé da Cuíca:

18 de janeiro de 1969

Nosso Amor

Hoje como havíamos prometido estaremos apresentando mais uma das músicas de autores pelotenses. Trata-se do samba "Nosso amor" de Luiz Elste e Zé da Cuíca, 3 lugar em sua categoria.

Ainda no mesmo ano foi encontrado a marcha campeã de Zé da Cuíca e Luiz Elste, que foi interpretada pelo bloco abaixo:

A marcha Rosa Amarela de Elster e Zé da Cuíca será interpretada pelo bloco do Papagaio.(1969)

Outro festival criado em Pelotas foi o festival samba jovem, criado inicialmente para estudantes universitários (como fala José Farias, 2018), do qual tanto o compositor Zé da Cuíca quando seu filho participaram, sem conseguir se classificar.

No ano de 1972 se realizou o concurso da região sul de compositores novamente a parceria Zé da Cuíca e Luís Elste segue-se a notícia:

8 de fevereiro-Carnaval no Laranjal
1 Festival de Compositores da Zona Sul-

A sociedade difusora Rádio Cultura LTDA realizou recentemente nesta cidade o 1 Festival de compositores da zona sul. A promoção contou com a cancela da comissão executiva de carnaval e seus ganhadores receberam prêmios em dinheiro e troféus.

A comissão julgadora este contituida das seguintes pessoas: Jorge Nunes, Nôris Marques, Dr Paulo Sampaio, Dr Luiz Gonzaça. Adãozinho(Rádio Tupancy) e Aires Pastorino. A entrega de premios teve lugar no Sabado que passou a oportunidade em que foi efetuado a escolha do melhor passista do carnaval de 1972.

Na categoria de sambas foram vencedores as seguintes músicas:

1 lugar Homenagem, de Cláudio Braga, Carlos Nogueira e Geraldo Medeiros, 2 lugar "Voce não cumpriu" de Maria Santana Ferreira; 3

lugar La vai Maria de Nelson Bernardes; 4 Lugar "Livres iguais ao vento" Luiz Este e Zé da Cuíca

Na categoria marchas aos premiados foram: 1 lugar -Vá gargalhar Luiz Castro; 2 Lugar "Oi, Bicho" de Aníbal Alves; 3 lugar Serpentina de Nelson Fernandes e 4 lugar Pular até o fim de Renato Silva, C. Nunes e Rubens Coutinho.

Segue-se o relato do sambista Beto Alfaite em entrevista na sua Alfaiataria agora em 2018, sobre os festivais:

Aos festivais era muito bacana aqui os festivais, inclusive tinha um grande festival, que chamava-se samba jovem, que era a Rádio Universidade que organizava, enchia aquilo, o teatro guarani, tinha a fase de classificação, classificava depois ia pra final, o Zé da Cuíca parece que participou, não sei se ele classificou na época, porque teve um samba que foi campeão, que era Lamento Cavaquinho, só não lembro de quem era esse samba, Eu não me lembro de quem era, mas ele participou mas ele não se classificou não que posição ele ficou, naquela época festival todo mundo participava. (Entrevista com Beto Alfaite, 2018)

Como fala seu filho próximo a 1969 ele começa também a concorrer nos concursos junto a amigos que vem a conhecer ao entrar na antiga Escola Técnica também envolvida no carnaval. Outro festival mais conhecido foi o chamado Samba Jovem onde foi gravado um disco da primeira versão (1968), no entanto, não se classificaram para as finais nem ele e nem seu pai.

Conforme fala Darlan, 66 anos, compositor e carnavalescos, torcedor da Telles e participante da escola General Osório, amigo do filho do compositor Zé da Cuíca e parceiro musical de ambos em um samba, e logo após do filho do compositor em outras composições, fala que durante os festivais que assistiu o público era enorme, com festas em Teatros como Avenida, onde a lotação esgotava. Também comentou em entrevista que durante muitos anos a receita dos festivais era enorme onde durante três dias se pagava para assistir os concursos de composições.

Durante o festival o compositor levava sua música e distribuía para as pessoas apreciarem a letra e cantar junto, logo era feita uma seleção durante os dias e a música final era ensaiada pela comissão.

Segundo o mesmo, ele desistiu dos festivais a partir do momento que começou a notar fraudes nas comissões de avaliação, o que gerou em diversos momentos brigas e enfraquecimento dos festivais pela cidade. Os últimos

festivais que acompanhei pela internet já era festivais de um dia mas ainda são realizados, não mais com o tamanho antes existente.

3.3 Carnaval

Através das entrevistas dos participantes podemos acompanhar as mudanças ocorridas no carnaval durante os últimos tempos e as expectativas dos mesmos a partir dos relatos de pessoas que viveram no carnaval. Pretendo trazer a teoria aqui junto com os relatos que tive e vou descrevê-los como colocaram os participantes. Esta é a perspectiva do olhar do nativo de Malinovski (1976) e também a antropologia criada por todas as pessoas a partir de seu cotidiano de Roy Wagner (2003), essas pessoas conhecem o carnaval como parte de sua vida desde sua infância e hoje por relatar as mudanças vividas nos processos por eles constituídos nas últimas décadas da cidade. Segundo Michael Pollack (1992) os grupos sociais que não estão no poder tem suas memórias esquecidas pelo grande grupo, de maneira que os conflitos entre os grupos sociais, mesmo dentro do próprio grupo e do grupo com a sociedade circundante são colocados através das entrevistas abaixo. A memória coletiva dos fatos como diz Halback (1990) vai sendo criada através da seleção de fatos que guardamos em nossa memória, sendo dos entrevistados abaixo constituídas por conhecimentos que foram sendo adquiridos desde a infância em relação ao carnaval.

A primeira diferença se deu a partir de um dos netos do compositor Zé da Cuíca, Paulo Broqua, 53 anos, servente, durante uma tarde de domingo do qual o visitei. Meu tio materno, vejo á anos ele comentar do carnaval, de modo que ele e sua esposa são pessoas que viveram nos últimos tempos as festas e conheceram muitos daqueles antigos carnavalescos.

Segundo o relato de meu tio haveria dois grupos distintos de sambistas, os verdadeiros e os falsos, aqueles que seriam aproveitadores e não contribuiriam para a festa. Também há outra dicotomia temporal em relação ao tempo antigo, como ele fala “ os velhos se juntavam durante o ano e faziam os “sambinhas” deles, aquele que acabava ganhando o carnaval”, como assíduo frequentador da sapataria de seu avô via figuras deste mundo conversando

durante a tarde, como fala “sempre havia alguém que passava no final da tarde para discutir alguma coisa do carnaval”. Ele fala a diferença entre os velhos, que durante todo o ano se organizavam para o carnaval, diferente da prática atual onde apenas nos meses próximos a folia que começa a se escutar de suas organizações, suas promoções, do qual reclama que nos dias de hoje já não existem mais tantas atividades, e se lembra como morador do Bairro Santos Dumont, a conhecida Vila das Corujas, as pessoas saíam do bairro e iam para os ensaios na cidade, muitas vezes retornando a pé para casa em grupos que se formavam nas paradas de ônibus, durante a entrevista um rapaz também morador lembrou das fotos que o pai havia da época da Zebrinha (que será lembrada no relato do carnavalesco José Luís Farias).

Outro tema que durante a entrevista foi citado foi a falta de apoio do poder público e trabalho dos carnavalescos na atualidade, ele vê isto como uma das formas que acabou com o carnaval de Pelotas, um dos maiores do estado, dando margem na atualidade para o carnaval de Jaguarão, por exemplo, que se torna atrativo ao público não apenas da cidade, mas também para outras localidades. Como descreve um trabalho com uma escola de samba envolve trazer a comunidade, aberturas de suas sedes, a criação de promoções, e um apoio maior do poder público, de fato ele trás este questionamento “se a questão do carnaval é criador de violência, como cidades como São Paulo e Rio de Janeiro que possuem altas taxas de criminalidade fazem um carnaval para o “povão”, não apenas aqueles das escolas de samba?:

Eu sou suspeito em falar porque eu tenho uma ideologia né cara, e a minha pode não ser coerentes com a dos outros, mas carnaval em Pelotas, se eles não derem um jeito de trabalhar cedo em cima, vai ser mais um carnaval morto, não adianta dinheiro, a mas como não adianta dinheiro? Só o dinheiro não adianta, vai dar dinheiro pras escolas, e vão fazer o que? Vão pegar aquele dinheiro e vão sair meia dúzia, porque? Não trabalharam em cima. Tens o ano todo para trabalhar em cima do carnaval, isso é que nem tu fazer um baile e ser mal programado, mal divulgado, não vais avisar ninguém, a tua própria comunidade não vai te apoiar, não adianta nada. Tu pode botar ingresso a 5 pila, gera muita coisa, é horrores de dinheiro para ti botar uma banca no carnaval, ai aquele pessoal não vai, a não, não vou arriscar. Ai todo mundo perde, mas tens que fazer um evento, não pensa só em ganhar um troço, pensa assim, trás tua comunidade pra junto de ti, a escola é lá no Areal uma suposição, a minha é aqui, se eu não fizer nada para trazer o meu povo aqui do meu bairro, pra junto da minha escola, o que eu quero com carnaval? Vou querer o

que, nos últimos dois meses, vou querer juntar todo mundo pra mim, se eu passei todo o ano, tu não nem saber o samba da tua escola. Antigamente os velhos se juntavam, traziam seu fulano, seu beutrano, ai eu era moleque não conhecia eles tudo, e ficavam lá, ficavam debatendo, hoje tu ve as portas das sedes fechadas, os clube que não existem, tudo fechado, passa de segunda a segunda tudo fechado. Tem que mostrar para a comunidade primeiro. Ai tá a diferença. Trabalha em cima da tua comunidade. E a prefeitura que fazer algo. Que o carnaval só sai dinheiro, mas entra muito dinheiro trabalhando em cima dele. Trabalha em cima dele que todo mundo ganha. Vai ganhar a rede hoteleira, gera renda para todo mundo. Por que? Deram uma brecha que não tinha. Terminaram com a Bandalha, ai acabou com o carnaval, todo mundo olha televisão tudo marginal, a por causa da violência, isso quem terminou da Bandalha foi o poder público, cheiro a mijo na rua, troço mal administrado, se a prefeitura não tinha tantos banheiros químicos nas ruas...ai é que tá..no Rio de Janeiro que tem os maiores índices de violência tem carnaval pro povão, não é só aquele carnaval que tu ve na televisão, tem o carnaval para o povão, logo ali tem, o que é o carnaval de Jaguarão, não é um carnaval para o povão? Eai porque aqui terminaram? Porque os comerciários a burguesia não quis, ai não adianta. Ai cadê os carnavalescos para repetirem isso? Tem tanta coisa para discutir, ai vai acontecer o que? Terminar com o que todo lugar tem. Só aqui não tem. Aqui botaram, por causa da violência, será que o carnaval é gerador de violência? Violência

nós temos o ano todo cara. Ai tu olha o Rio de Janeiro, tiroteio aquele monte de coisa, e tem carnaval pro povão. Vai em São Paulo tem, isso ai em tudo que é lugar tem, só Pelotas que não tem, Pelotas terminou. Ai terminamos aqui, e damos o lucro pra..se tu pegar quantas pessoas vão para Jaguarão?

Meu primo: Aqui sai 7 ou 8 excursões por dia. Para no Farroupilha é um monte de gente que entra. Quem perde é a cidade, o carnaval...

A riqueza sai daqui para ir para outros lugares, os de Pelotas não são carnavalescos, desculpa que tem os que são, tem gente boa no meio mas tem..

Não adianta a prefeitura dar o dinheiro, ... ai o que acontece da espaço pra eles, tem que trabalhar, a verba tem mas tem que trabalhar, quem não trabalhar tá fora, não adianta dar o peixe, da a vara e vai pescar. Pega o mais antigo dos carnavalescos, ve quanto é a verba do carnaval, e pergunta dos dois

Eles sempre foram carnavalescos, sempre gostavam, é que muitas vezes não adianta só tu gostar né? Pra seguir alguma coisa tu tens que ter pessoas na tua volta pra te ajudar. Isso é que nem uma política, pode ter duas pessoas gostar, e querer fazer, e não ter o resto para te ajudar. Alguém tem que fazer todas correrias, isso é que nem tu fazer uma associação, inicia com 12 membros, e tu acaba no final do ano com dois. Tu vai ocupar todas as funções não existe como (Entrevista Paulo Broqua, 2017).

Com relação a fiscalização das prefeituras, é outro tema comentado sobre as verbas e a utilização das entidades, como diz Gilberto Gomes(2018) ex-presidente da Academia do Samba, o mínimo para uma saída de cada escola de samba da cidade é de oitenta mil reais, e a ajuda oferecida pela prefeitura não é suficiente para todos os recursos necessários para manter as escolas:

Tia: Fazer tudo direitinho ao pé da letra, Hoje não adianta esperar pela verba da prefeitura, e não ter uma fiscalização, tens o ano todo pra trabalhar, tens uma quadra de ensaio, uma sede, tens o ano todo para trabalhar, tu vai ganhar milhões, mas tu vais agregar o que? Trazer a comunidade pra junto de ti, ai os caras passam o ano todo sem fazer nada, ai acaba perdendo o carnaval. Muitas vezes a pessoa tem com que trabalhar e não trabalha, passa o ano todo dentro de Pelotas, qual é a escola de samba que faz algum evento? Quando faltar um dois meses para o carnaval vão fazer um evento, ai eles não conseguem nada, não conseguem nem arrecadar a comunidade para dentro deles. Terminaram com o carnaval. Ai em Jaguarão a prefeitura paga os trios elétricos, levam uma multidão de Pelotas, levam todas as cidades da volta, o melhor carnaval que era, era aqui.

Os carnavalescos e a prefeitura, os responsáveis. O que termina com o carnaval são os oportunistas que se dizem carnavalescos, os oportunistas.

Não adianta te dar tantos mil, que tu passou o ano todo e tu não trabalhou nada, ai fazer um showzinho no ano, tu não conseguiu arrecadar o dinheiro suficiente, e não só pelo dinheiro, mas trazer a comunidade pra dentro de ti, tem que trazer a comunidade pra dentro de ti, antigamente o carnaval, tinha riqueza no carnaval, tinha, mas o que mais tinha? Tinha o povo junto pra, tinha evento, trazia o povo pra dentro de ti, hoje tu fala em carnaval, tu vai falar em carnaval quando, só faltando um mês pro carnaval.

Eu me lembro antigamente, pô, tava lá na sapataria, chegava o seu fulano, seu beutrano e já fazendo uma música, fazendo , pra um carnaval que ia iniciar daqui a nove mês, dez mês, trabalhando em cima.

Se tu parar e pensar, nós estamos quanto do ano hoje? Pergunta se alguma escola tem samba-enredo? Ou se já estão planejando alguma coisa? Não falam nada, terminaram com o carnaval.

Então não vem culpar a prefeitura, é culpada? É, mas mais culpada são os carnavalescos. Eu nem gosto muito que o pessoal começa a falar isso...

Terminaram com o carnaval na cidade de Porto Alegre, ia todo mundo, carnaval é em Pelotas, não tem local adequado para o carnaval. Um ano é aqui outro ano é ali, nunca tem lugar certo, ai tu vai ver as escolas passaram o ano todo, não trabalharam o ano todo, qual é o evento de alguma escola? Tu ouviu falar em algum evento de alguma escola de samba? Tu não ouvi falar nenhum, infelizmente é isso ai, pode te até algum carnavalesco tentando trabalhar, mas ele tá sozinho, porque todo mundo só fala na parte da verba da prefeitura. Aquele que não tem uma quadra, e não tem uma sede, mas se eu não tenho uma quadra, não tenho uma sede, a prefeitura tem condição, quantos prédios abandonados tem ai? Vamos fazer uma estrutura, vai gastar pouco, pra escolas fazer seus eventos, até as próprias escolas de samba, lá no Porto, não faz o Sofá na Rua? Quantas vezes no mês? Porque as escolas de samba não podem fazer evento lá? ...O carnaval morreu, quando não juntarem pessoas que gostem realmente do carnaval, pra trabalhar encima do carnaval, vão bater na tecla, vão bater, bater, bater, chega o ano que vem não tem carnaval de novo, porque ninguém trabalhou. Ninguém se empenhou em trabalhar, tu sente falta daquelas pessoas antigas? Sente, porque pelo que eu vivi, que eu vi eles falando, eles iam la e chamavam seu fulano para conversar, hoje tu não ve nada, tu ve alguém fala com o secretário da cultura? Já Já inventaram, Secult como é o troço. Sò em cima que eles vão fazer o troço. Ai é tarde, aquele espaço, claro quem gosta, é um espaço bonito a zona do Porto, já botaram carnaval até na Castilho, já botaram carnaval na 20

de Setembro, botaram carnaval na avenida, na Floriano, antigamente tinha a Muamba, não temos nada.

Vão fazer em cima da hora nunca mais vai ter carnaval, faz um evento, quantos meses a gente tem para trabalhar ainda, mas ninguém trabalhou, vamos trabalhar, Sofá na Rua tem, como eles fazem? Vem verba da onde? Pra fazer o evento tem. Ai é hipocrisia. Por isso o pessoal da carnaval não trabalha em cima também. Eu ainda sou daquele tempo assim, se tu vai num concurso de samba hoje numa escola, tu não vai ver mais que cinco sambas, tem um monte de artistas bons perdidos ai nos bairros, velho. Tem não é só os velhos, mas não tem evento, como ele vai fazer pra sair? Não trabalham em cima, faz um evento pra comunidade, carnaval tá morto. Vai trabalhar em cima, tem que trabalhar, não precisa muita coisa não, porte Pelotas tem pra isso. Basta querer. Os órgãos públicos quererem trabalhar, ai diz tudo é só dinheiro, não é dinheiro, incentivo, bom carro de som, bom essa semana duas escolas vão trabalhar no bairro, outro mês três, outras escolas. Espaço, tem que arrecadar fundos, trabalhar. Tem barracão para escolas na cidade? Não tem, esse carnaval esse ano é lá no Porto, quais são as escolas, vão sair daqui pra lá, pra ir lá pra baixo?

últimos carnavais de Pelotas, quem é que prestou conta de quanto gastaram, tu tens o nome dos presidentes, dos tesoureiros dentro das escolas. Alguma vez tu ouviu falar de prestação de contas? Ai não adianta tem que ter prestação de contas. Antigamente o cara ouvia falar assim, o serralheiros que vai montar os carros da escola lá, tá faltando ferro para ele trabalhar, eles iam lá...ai tinha, tudo prestavam conta. A escola vai dar 200 fantasias, a cozinha nunca pagou fantasia, mas a fantasia do passista, do seu fulano lá, vai sair tanto, sabia quanto tinha gastado, hoje sai la com 60 componentes na cozinha, não ficalizam nada, que isso cara... Não existe, tu marca a data que é hoje, nos estamos começando e tenta te informar, e ve o dia que vão começar a falar sobre o carnaval. Ai tu vai em qualquer outro lugar ai o pessoal já estão conversando, tu vai pro...o pessoal tão programando, o carnaval do ano que vem, isso ai até...do órgão da prefeitura. Antigamente tu ouvia, tu olhava no jornal tu sabia quantos, os turistas o que compravam dentro da cidade, tu sabia...Porque deixaram terminar? Tudo tem que prestar contas hoje em dia, trabalha firme e paga. O pessoal saia daqui da vila mesmo os parentes do(...) iam tudo pra Zebrinha na Osório né? Faziam a comunidade chegar no... hoje não tem mais nada disso cara. É mais fácil tu fazer um evento, tu debate os blocos burlescos trabalharem mais em cima do carnaval que as próprias escolas de samba. Se tu tentar fazer uma enquete em cima deles ir o pessoal da Bruxa da Varzea, da Máfia do Colono tem vários, eles são capazes de ser mais organizados sabia? São mais organizados para trabalhar em prol do carnaval que as escolas de samba, a escola de samba muito dinheiro rola. Cade as figuras de destaque que tavam a anos? Cade? Pelotas era destaque em tudo que era concurso cara, só que o carnaval foi terminando essas coisas...Trazia gente de outros lugares de outras cidades, eles estão terminando, hoje em dia é desgosto o cara falar. O carnaval em Pelotas tá quebrado por causa deles mesmo cara. Eu sei dizer que dos antigos de carnavalescos, poucos e os que tem não se unem. E se não mover vai acabar o carnaval. Se pegasse sentasse numa mesa, pegasse o secretário de cultura, e sair ver o que esta acontecendo com este movimento, porque o carnaval tá parado em Pelotas,tem que trabalhar em cima do troço, não só esperar Pelotas prefeitura, se esperar pela prefeitura vai ser sempre a ...Toma a atitude e bota a atitude em cima da prefeitura, ai sai carnaval. ...um carnaval em fevereiro, mas teve, quase morreu esse

ano, tava atrasado mas saiu, porque? Alguém brigou, até um programa deu na band do carnaval.

André: Eu vi

Por que teve aquele programa? Porque eles brigaram para ter aquele programa, pra fazer o carnaval, tem tudo só não querem trabalhar, No tempo que os velhos se sentavam fazia um sambinha botavam o ritmo, demorava um pouquinho mas quando tu ia ver, era aquele samba que ganhava o carnaval. Mas eles trabalhavam ó...As escolas faziam samba para concorrer ...aquele samba que não ganhava numa escola ganhava na outra, mas tinha incentivo para trabalhar, hoje não tem.(Entrevista com Paulo Broqua, 2017).

A relação econômica da cidade também entra em suas considerações como falou durante a entrevista, aqui em Pelotas é assim “Tem porto, aeroporto, mas tudo aqui só passa”, a forma como se desenvolve a cultura em Pelotas, segunda ele seria uma maneira de conter a violência que assola os bairros. Segundo ele quantos talentos estão perdidos pelos bairros e que poderiam estar contribuindo criando sambas nas escolas, ou trabalhando em outras atividades mas estas infelizmente se encontram fechadas. Como repara na cidade sua neta Maria de Lourdes (2018) parece que cada dia vai se fechado cada vez mais empresas da cidade. A crise atinge a cidade cada vez mais, levando a um aspecto de abandono.

O grupo dos carnavalescos por sua visão se constitui em um grupo seletivo e fechado, onde não se tem abertura para que novas pessoas venham a ajudar em sua construção. Como fala Boas (2006) os grupos se criam e se definem de acordo com suas regras, definindo assim suas fronteiras:

Lá embaixo no Porto, foi na ... onde todo mundo achou que ia ficar fixo o carnaval, ai passaram pro Porto aonde ficar todos os anos passa de um lado pro outro, termina cara, não tem incentivo ai termina o carnaval, eu não sei se eles pensaram bem esse ano não tem carnaval de novo. Eles tem a mídia pra trabalhar e eles não vão em cima da mídia, se eles não trabalham com o próprio bairros deles vão trabalhar com que? Se tu conquistas o povo do teu bairro pra perto de ti, tu vai fazer o que? Não tem carnaval. Ai tu imagina, botar o carnaval lá embaixo, ...ai tu não ve evento de carnaval. Tem o ano todo pra trabalhar e não trabalham..Tu se anima a fazer um samba pro carnaval? Ja tentou? Alguém escola já divulgou qual é o tema que vai sair esse ano? Então..quantos talentos que tem perdido ai que poderia ter? Uma baita escolha de samba.Pra trabalharem em cima para ter movimento, não tem nada cara eu te disse..Aquele que escreve Rap escreve samba, se tu estuda história é sobre isso, pega aqui outra parceira eles vão estudar o samba, com uma letra, o samba tem uma história, então eles passam o ano todo sem fazer nada. Ai em cima da hora vão la fazer um sambinha...ai vão dizer, a que o carnaval saiu pobre que não deu tempo de nada, não vai dar tempo de nada, tu não deu chance pra ninguém.Ai tu pega um

carnavalesco da escola, queria fazer um samba assim ó, uma suposição, sobre as charqueadas, a suposição. Bom ai eu já sei, vou fazer uma reunião lá, ai tu vai comentar, tu vai conversar com outro, vai aparecer quantos sambas? Quantos vão tentar fazer um samba? Vão ter um trabalho para te mostrar, quantos são bons desenhistas para desenhar uma coisa. Vai ficar sempre as mesmas cabecinhas do carnaval de Pelotas e o carnaval não vai evoluir nunca. Porque eles não dão oportunidade pra ninguém. É sempre os mesmos carnavalescos, e tá essa porcaria. O troço se tornou um negócio fechado. Abre as portas por outras trabalhar cara. Abre as portas por outros trabalharem para ver como as coisas melhoram. Tem muita gente gente boa nos bairros, centro da cidade que estão parados, porque não tem oportunidade. Estilistas, mas nunca tentaram, porque muitas vezes o carnaval da as portas pra eles. Mas não vai abrir desse jeito, então é complicado. Vai aparecer lá os fulanos do carnaval, não vai cara, tá muito fechado. Ninguém trabalha em cima. Tu não ve os novos, tu vai ver o carnaval tá seu fulano, seu Beutrano, sempre os mesmos, e o carnaval morto, as portas não vão se abrir. Porque tá fechado. Eles estão apenas esperando a verba da prefeitura e não tem nenhum evento. Ninguém fala nada sobre o carnaval. Se tu perguntar para os jovens vão falar sobre Jaguarão. Acabou com o carnaval, perderam o carnaval que tinha aqui que era bom não existe mais. Eles viram que ficou fechadinho, fechadinho, e foram fechando e vão terminar com o carnaval. Abre as portas para a própria gurizada de hoje. E começa a se comunicar com um e com outro, e começa a ativar o carnaval. O tio zé Luis te conta a história do carnaval de Pelotas, bem direitinho. Ele vai te contar daquela turma toda e vai te dizer bem direitinho. Hoje se tu juntar dez pro carnaval, os caras vão te dizer a mesma coisa pra ti, tem que marcar reunião com fulano e com ciclano, e a maioria não vai aparecer, porque não prestou contas. O carnaval não é como os anos anteriores, o legado que foi deixado pelos que eram carnavalescos tá terminando. (Entrevista com Paulo Broqua, 2017).

Minha entrada no grupo, a meu ver não foi assim tão difícil, mas como diz o carnavalesco Gilberto Gomes (2018), o Banha, que “é sempre as mesmas pessoas nas festas, tu vai em uma festa ou outra ta sempre as mesmas pessoas”, talvez seja esse o ponto que meu tio queira tocar, a renovação nas agremiações. Esse pensamento mostra que a renovação vai se dando aos poucos, pois vejo aos poucos alguns jovens participantes bem novos, para além das escolas mirim que existem na cidade.

A segunda entrevista que tive foi com o filho de Zé da Cuíca, que já estamos acompanhando, com relação ao carnaval ele lembra-se de suas atuação desde menino participando de um bloco quando vivia na rua Barão de Mauá, a chamada Zebrinha, onde meninos por volta de 9 ou 10 anos saiam batucando com latas em busca de moedas para comprar grosélia. Depois deste período acabou se envolvendo com o rock de Elvis Presley e durante um dia seu pai lhe perguntou “nós damos valor para eles aqui, mas e eles dão

valor a nossa música lá”, com isso acabou voltando as suas raízes e durante o período em que estudou na escola Técnica de Pelotas(hoje IF-Sul), se envolveu com outros rapazes e começou a escrever músicas para os concursos carnavalescos. Como desde pequeno acompanhava seus pais nas entidades carnavalescas, como o mesmo fala, era o mascote da Osório, acabou se envolvendo durante a juventude com a escola, seguindo a trilha de seus pais. Como primeiro trabalho em escolas foi diretor de sede, pessoas responsável por abrir e fechar e limpar a sede da entidade, a partir dali foi ajudando a escola que nunca possuía sede própria por momento sendo a mesma fechada e abrindo em vários locais, inclusive na casa de seu pai quando não havia outro local. Logo após passou anos ajudando na escola, participou também de um bloco no bairro Santa Terezinha, e nos anos 1980 foi presidente da entidade, onde conta gostava de se lembrar de um acordo que fizeram junto ao programa Rondon onde deram atendimento dentário aos moradores da Vila da Caatinga, na região do Porto, ali terminou seu mandato e logo após outras atividades vieram a se realizar não concretizando seus projetos. A partir desta época começou a participar de festivais de samba-enredo das escolas de samba, parou alguns anos da escola General Osório e ocasionalmente participava ajudando em algumas funções não burocráticas, como mestre-sala, ajudar com as fantasias. Logo após este período trabalhou na escola Princesa Isabel, aonde veio a ganhar um carnaval, após na escola Imperatriz da Zona Norte, depois criou um samba para a escola de samba Estação do Areal com seu parceiro. Por fim ficou ligado alguns anos as escolas mirim de Pelotas.

Ele coloca a questão do carnaval como uma série de causas. A questão do poder público, do qual comenta que já houve um maior apoio por parte do município, já havia na cidade com um carnaval de uma semana após a enchente de 1956, logo diminuído aos finais de semana. A modernização das escolas como ouve no Rio de Janeiro com a informatização das mesmas e das entidades como local de fomentação de cursos para a profissionalização de pessoas, não apenas para o carnaval, mas como um serviço prestado a comunidade. Entre os temas tratados trouxe as mudanças nas escolas de pelotas, onde num primeiro momento era a busca por recursos próprios para

desfilar as entidades, sendo necessário recorrer até mesmo á agiotas para conseguir o financiamento, saindo a escola um ano “bem das pernas” e outro ano menos abrilhantado, momento em que se juntavam o dinheiro para pagar o agiota. Logo após comenta que as escolas buscaram apoio no poder municipal para seu carnaval e que este logo estaria insatisfatório. O tema da modernização das entidades se coloca para ele como uma forma de contribuição para uma maior inserção social das pessoas em sua vida em sociedade, a exemplo do Rio de Janeiro.

A identidade de sambistas e carnavalescos são duas distintas acredito, uma porque o neto do compositor não se considera carnavalesco, apenas um folião, já seu tio é carnavalesco desde pequeno devido a influência de seus pais, a identidade com o carnaval se mantém hoje junto a outras identidades estético-musicais negras, como o reggae, Tradicionalismo, Hip Hop etc.. Como fala Start Hall (2003) as identidades de hoje não são mais fixas como aquelas do passado, sendo uma mesma pessoa diferentes identidades de acordo com o contexto do qual vive e hoje muitas se congregam no meio negro de Pelotas.

Como fala Gilroy (2003) as artes negras servem para demonstrar a estética e a filosofia afro desenvolvidas por estas comunidades, e uma de suas mais importante das contribuições é enfrentar o chamado “Terror racial” do qual estes grupos vivem, nem apenas negros, mas principalmente a abertura de possibilidades de inserção na economia de mercado, na economia da cultura e com isso gerar frutos para uma maior inserção social das periferias da cidade. O terror se constitui nos fatores, a minha maneira de interpretar, do desemprego, a violência, as drogas, as formas atuais de educação e a discriminação dos qual os grupos ainda sofrem nos dias de hoje e sempre é assunto recorrente nas conversas de pessoas com a qual mantive contato. É o que Florestan Fernandes (1965) chama de o “meio negro” e suas características criadas em uma sociedade extremamente discriminatória e suas conseqüências. Os conflitos dentro da cultura popular estão descritos por Stuart Hall (2001), onde o mesmo fala que esta cultura não é homogênea e esta permeada por diversos conflitos. Outra fala de José Luis Farias é de que as “forças ocultas” estariam se responsabilizando pelo término do carnaval. De fato existe uma parcela da cidade que não vê na festividade algo positivo e de

fato tenta acabar com ela, o mesmo comenta que este poder está aos poucos se manifestando nas escolas ainda existentes, e que caso não aja um cuidado o mesmo pode ocorrer como ocorreu com diversas agremiações carnavalescas.

O turismo na cidade é sempre comentada pelos carnavalescos, como fonte de renda da cidade a festa é utilizada como forma de arrecadar fonte para o município, assuntos sempre comentado na programação das rádios da cidade.

3.4 A escola General Osório

Figura 9 - Foto Carnaval da Vitória



Fonte: Acervo pessoal

General Osório tem um romance daqueles pô, cordão de carnaval, cheguei a abrir carnaval ali, no final da Osório vários blocos, a Escola General Osório assim como a Ramiro Barcelos é lendariamente injustiçada no carnaval de Pelotas, a sede da escola de samba fica dentro da Caatinga, é numa esquina, ai de fato toda a comunidade se envolve, na confecção das coisas, dos instrumentos, na feitura das fantasias, dos carros alegóricos, ai eu não falo só da rua Osório, mas do nome, as pessoas em geral moravam na rua Osório no final e iam pra sede da escola pra fazer as coisas né? E é no final da quadra que tem a caixa da água que a gente ia jogar futebol, que a gente se criou jogando futebol ali, e tem muitos cordões que se formam ali no final

da Osório, muitos pavilhões, muita gente boa, são ali da Osório. (Entrevista com Jonas Fernandes, 2018).

Com o relato de Jonas Fernandes, morador do Porto, próximo a rua de nascimento dos compositores décadas após os compositores, mostra que ainda nesta década de 1980 era efervescente no Bairro as escolas de samba, blocos entre elas aquela que vai ser o coração do compositor Zé da Cuíca.

A escola de samba General Osório foi fundada no dia 29 de novembro de 1949 e teve seu término nos anos 1980, tendo segundo o que eu achei uma participação no carnaval de 2014. A escola foi a maior campeã da cidade durante a década de 1950, quando se sagrou em primeiro lugar nos concursos e seguiu sua participação durante as décadas seguintes, apesar das dificuldades que vinha enfrentando. Segundo falam diversos entrevistados, entre eles Marcos Fonseca, radialista e carnavalesco, seu diferencial era sua bateria. Conforme informações dos jornais a escola foi a primeira a introduzir os pratos e excursionar para Porto Alegre nos anos 1950.

Segundo seus sobrinhos e filhos, a escola General Osório não foi a única que o compositor participou, no entanto, foi sua entidade de coração, do qual durante muito tempo participou em sua diretoria, segundo seu filho ele e seu irmão, assim como sua família a muito já estavam participando na criação de escolas de samba na cidade:

Zé Luís: É dai que vem, por que eu sei que aqui na cidade independente disso, ele foi fundador de uma das primeiras escolas de samba dessa cidade foi ele, a Escola de Samba 42, ele, o tio Bola essa turma toda ai. A escola 42, a primeira escola de Samba de Pelotas.

André: E onde ficava esta escola?

Zé Luís: Essa escola ficava na..hoje rua Santos Dumont, agora eu não o nome das ruas..ali é..Floriano.Floriano e 7 de setembro. Ficava o início desta escola de samba 42.

André: E essa 42 chegou a desfilar no carnaval??

Zé Luís: Só fez uma participação ali..só saiu um ano e não saiu mais.

André: Ela parou de sair..." (Entrevista com José Luís Farias, 2015).

Após a escola se fundada, a Escola de Samba 42, com a qual ainda não consegui mais informações. Foi criada a escola de samba do Ramal, e logo após a escola General Osório, como fala a filha do Compositor Vera Farias, a sobrinha do compositor Maria Alice Amaro, sobrinha do compositor Zé

da Cuíca, moradora de Pedro Osório e carnavalesca (carnavalesca na cidade de Pedro Osório) e seu filho José Farias:

Zé Luís: Ela parou de sair. Ai depois o pai veio pra um barraquinho aqui perto..e criaram a escola do Ramal. Que ai já começa a juntar a família, mais coisa de família. Ai nessa escola no Ramal, a falecida minha mãe, a irmã dela a falecida tia Manoela, também a participar que foi a primeira porta bandeira da escola. O falecido pai, tio Bola, tio Júlio, tio..que era chamado de Quito, nessa escola de samba na Ramal. Isso deve ter sido, eu não tenho uma data precisa mas dele ter sido acerca de 45, 46 por ai. Essa Ramal foi antes da General Osório que foi fundada em 1949.29 de novembro de 1949 (Entrevista com José Luís Farias, 2018).

Os relatos que posso encontrar nos estudos sobre o carnaval algumas escolas na década de 1940:

Entre elas, destacam-se a Academia de Samba do Fica Aí e as escolas de samba Dorvalina, Estrela do Oriente, General Telles e General Osorio. A mais antiga referência que encontramos sobre o tema data de 1944: nesse ano o Dia rio Popular menciona a existência da Escola de Samba Dorvalina. Outras fontes, porém, apontam a Estrela do Oriente, sediada no bairro Areal, como a primeira da cidade, embora localizando como data de sua fundação o ano de 1948. Muitas dessas instituições provavelmente foram criadas por foliões com o intuito de aproveitar os festejos do ano, já que não se encontram sobre elas referências posteriores, sendo este o caso da Escola de Samba Dorvalina (Loner, 2012).

A escola 42 não é mencionada por outros trabalhos acadêmicos, o que torna mais uma iniciativa do carnaval pelotense na década de 1940, assim como a Escola de Samba do Ramal que aparece nos jornais a partir de 1951 e por fim no ano de 1956 achei referência a apenas um bloco chamado Garotos do Ramal. Abaixo segue os relatos sobre a Osório a partir dos filhos e sobrinhos do compositor, sobre a participação da família na entidade:

Tia vera: Não, não eu fugia. O pai foi assim, ele e o falecido Sadi, primeiro tens uns papel ai que tem o nome do falecido Sadi.Eles fundaram a Osório. Escola de samba General Osório foi eles que fundaram. E a minha mãe sempre ajudando, eai como eu era guria, a minha mãe assim onde nós vamos tu vai. E eu sempre dizia pra ela, só Academia não só Osório (Entrevistas com Vera Freitas Farias, 2015).

Alice: O meu envolvimento começou em 1977, o meu Tio zé da Cuíca era da Osório, já era fundador da General Osório, eai a mãe me botou para sair la e eu sempre gostei, já vim sempre desfilando na Osório Ali, eu gostava de sair na General Osório,era o tempo do Tio

Cuíca, da Tia Melissa, Tio Julinho, Tio Bola de Neve, Tio Chino, Tio João Jorge, que era Teles doente, mas ele saía na Osório. Eu me lembro e tenho até uma foto dela ali, aqui na minha casa, o apelido dela era Finada Chatinha. Ela era do tempo dos escravos, e eu tenho até foto dela, o nome dela era Nália Nobre, eu tenho a foto dela, ela era minha madrinha de crisma, ela saiu muitos anos, ela ia sempre ali na Casa Bero, o senhor dono da casa Bero ajudava ela na escola, dava fantasia pra ela, e aí ela sempre saía na Osório, muito conhecida, tradição aí ela ia pedir ali no Ponto Chic, ela ia ali sentava e pedia esmola, sempre todo mundo ajudava ela, eu tenho a foto dela. Até vestida de bahiana. Ela era assim mais conhecida por dona Chatinha né, ela é a Nália Nobre aí ela. (Entrevista com Alice Amaro, 2015).

A origem da General Osório contada através de seus membros pude encontrar a entrevista de um dos amigos de meu avô que segundo minha tia-avô eles chamavam de doutor Osório por sua participação na escola, o senhor Sadi do Espírito Santo:

A escola de samba foi a primeira a ser fundada em Pelotas e nos 56,57,58,1959, e foi campeã e- segundo Valdir fio criada por elementos de um bloco sem nome, mas que recebeu o apoio dos conhecidos "Zé Cabeça", "Pé de Ferro", "Benedito" e outros." a escola também foi a primeira a excursionar para o Carnaval de Porto Alegre e introduzir o prato na cidade de Pelotas (DIÁRIO POPULAR, 9-2-1975).

A escola general Osório foi a escola de coração do compositor Zé da Cuíca, apesar de sua participação em diversas entidades, os modos de proceder dos carnavais antigos parece ser diferentes dos atuais, visto pela crítica das pessoas da atualidade, como seu neto Paulo Broqua (2018):

Ai se tu pegar as figurinhas são as mesmas, seu fulano daquela escola lá, que roubou dinheiro ano passado se sumiu, pera aí a prefeitura tem que fiscalizar. Não adianta falar do fulano e do beutrano, se eu não trabalhar para o troço mudar. Que o legado de carnaval que os velhos deixaram, ainda tem muito tio da antiga que viveu aquilo, é só mudarem o pensamento, pra fazer esses jovens que viveram um pouquinho dentro do carnaval, os que estão estudando, pra mudar esse carnaval, mudar o pensamento deles. O carnaval não é só aquele dinheiro do carnaval e pronto. A prefeitura pensa, nós demos tantos mil para as escolas, o pensamento não é esse aí, porque eles botaram na mente deles que é só o dinheiro. Não é só isso aí, o carnaval tem que trabalhar em cima dele e trazer a comunidade para dentro dele. Eu vi umas escolas, assisti o carnaval pela televisão teve escola, fez um carnaval bonito com pouco dinheiro, pelos gastos que os outros tem, Pelotas tem potencial para isso também cara. E não é tu fazer um carnaval só das escolas de samba. Lá no Rio eles fazem isso, e tá num sufoco que não tinham vendido todos os ingressos, eles estavam naquela que não tinham

vendido todos os ingressos, o carnaval do rio não é só aquele que a gente vê, tem o carnaval do povão, uma coisa chama a outra. Pelotas começou a perder quando começou a se preocupar só com as escolas e esqueceu do resto do povo. A perdeu porque? Perdeu aquela diversão que tu trazia, tinha o carnaval do povão, Pelotas começou a perder com isso aí, perdeu o comércio, perdeu a rede hoteleira, perdeu tudo. Aí começa a perder. Hoje tem lei da infância, lei daquilo, eu sou do tempo, eu me lembro o carnaval iniciava de tarde, as crianças desfilavam de tarde, e o carnaval seguia os adultos, tu mantinha a família toda gastando no comércio, e eles terminaram. Inicia por aí, aí tu via que tinha aquele monte de castelhanos, aquele monte de argentinos na cidade não tem mais nada disso. Chegou a época de carnaval Pelotas é só passeio é que nem eu digo, é assim só vê o navio passar Pelotas-Rio Grande só passa, Pelotas é só passeio só passada e nosso carnaval vai ficar a mesma coisa. A cidade tem tudo tem aeroporto, tem estação férrea mas é só passada só funciona de passada por outros e o carnaval vai ficando a mesma coisa. Carnaval de Pelotas morreu por causa dos carnavalescos e do próprio poder público. Trabalha o ano todo, trabalha em cima do carnaval, dá uma chance pra essa gurizada nova aí. Essa mistura aí dá certo. Vai ver como sai samba bom e como as escolas vêm bem vestidas. Não ter que suar mais para trabalhar. Tu vai ver as carinhas sempre os mesmos, não vê um novo. Não trazem a comunidade pra junto deles. O vô era carnavalesco demais cara, o vô na humildade dele que eu vi eles fazendo lá ele sempre foi carnavalesco, ele tava lá quando vê chegava seu fulano seu beutrano tava conversando sobre carnaval, já saía um sambinha uma coisa e outra, um ritmo de uma samba, uma batida, então eles tavam sempre assim, sempre tinha isso aí, seu fulano ia pra lá tava feito um samba, cansei de ver isso aí. Aí demorava um pouquinho tava lá no vô saía um ritmo um troço lá, tavam lá, aí eles eram mais unidos, naquela época eles eram mais unidos, aquela rivalidade tinha na hora das escolas desfilar, mas na realidade os carnavalescos eram mais unidos, não é como é hoje. Tu passava num evento tinha o presidente de uma escola tava uma no evento da outra. Eram convidados, iam lá. Tinha uma reunião. Hoje tu nem ver falar. Tinha um programa de rádio tu via eles debateres num programa de rádio, tão perdendo os espaços. Aquele pessoal mais antigo, que tinha que o pessoal se interessava mais pelo troço vamos dizer assim, as pessoas brigavam pra não cair na mão do seu fulano no carnaval, como é o caso que aconteceu na Osório. Caiu na mão do Zé Mário e ele afundou a Osório. Todo mundo viu que a barca tava afundando. Aí a pergunta aonde está o patrimônio que tinha na escola? Foi-se. Nada tem. Naquele tempo era que nem futebol. Eles trocavam flâmulas, hoje tu nem ouve falar dessas coisas. Nem tem. (Entrevista com Paulo Broqua, 2018).

O fim trágico da escola se deu segundo eles por má administração que nos anos 1980 levou ao fim da escola com a figura trágica de Zé Mário, que seria o responsável por afundar a escola, apesar disso a escola que foi a primeira tetra-campeã do carnaval foi responsável pela estréia de grandes figuras que se destacariam no carnaval de Pelotas:

Eu via o pessoal indo lá, eles fazendo música, naquele tempo as escolas mas o pessoal dizia que o samba foi grande, aonde ele ia eu acompanhava. Me lembro dessa escolas mais antigas como a Osório era na época, mas tinha essas escolas de convite né? Daqueles coroas das antigas tem uns quantos vivos ainda, uns já foram, mas ainda tem alguns vivos ainda. A que mais recente assim que me lembro que eu ia seguido que vive um pouco disso ai é o J.J, o tio Zé Luís deve saber ainda mais do que eu ainda. O Wilson que era esposo da tia Vera.

O carnaval de Pelotas eram assim, as pessoas se esquecem muito rápido das figuras do passado das pessoas, a gente se lembra que o uma parte que muitas pessoas se esquecem, falam, aquele que era o estilista, primeira escola que o Pompílio saiu foi na Osório, depois saiu na Telles e nas outras escolas,

Tia:depois a Osório quebrou né?

Quebrou né? Quebrou por má administração,tava na mão do Zé Mario e morreu. Além da Osório teve a escola de samba a Zebrinha aquela, patrimônio mal administrado termina.

André: E Em que ano era isso mais ou menos?

Só no jornal pra ti pegar nos arquivos.

Qual a relação do seu avô com a Osório?

Não era mais coração mesmo, ele fazia parte da diretoria mas ele era mais coração.Ele fazia samba pras outras escolas mas tava sempre participando muito na volta da Osório.

Na época era uma escola grande pequena, como era?

A Osório era grande, se tu pesquisa com as pessoas que conviveram mais com o carnaval as maiores , como vou te dizer, as maiores personalidades estes carnavalescos, que saíram em outras escolas com nome depois primeiro saíram na Osório,se tu pegar as figuras que foram maior destaque em Pelotas, carnavalescos, a maioria passaram pela Osório.Que me lembre né? As maiorias das pessoas, dos destaques como se diz, como tinha na época, as baianas mais antigas, tudo passaram primeiro pela Osório.Pra depois cair nas outras escolas, não era para ter terminado como terminou.Se tu pega o nome de uma porta bandeira, os carnavalescos mais antigos, no mestre sala, tu vai ver que passaram pela Osório.

Mas tu viu era na rua Osório?

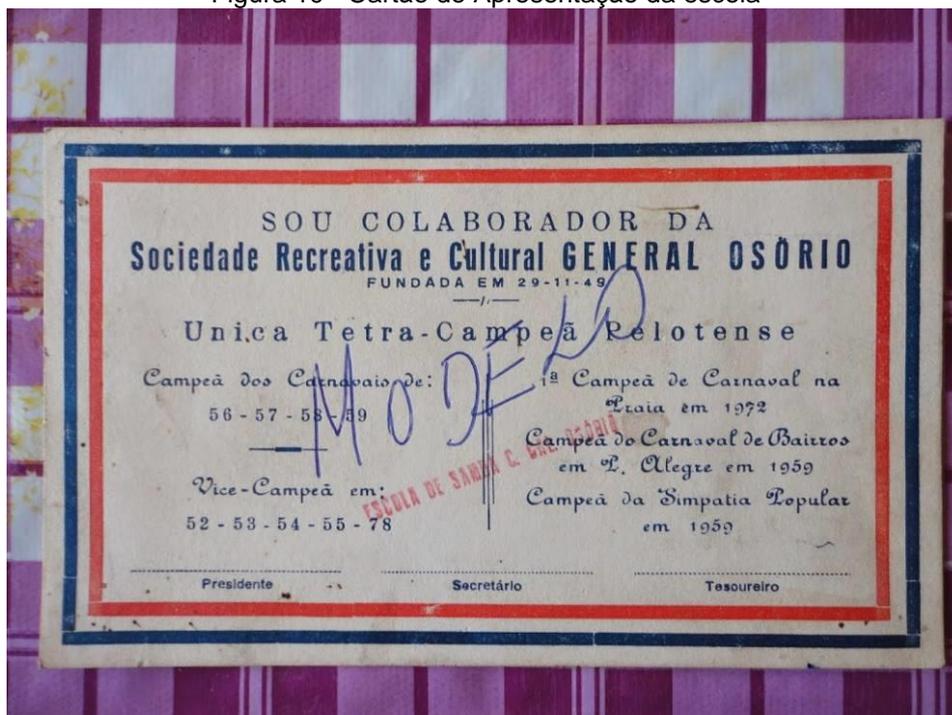
Não o que eu me lembro era assim ó, a sede era lá embaixo, quando vim morar aqui eles tavam lá ainda, todos os ensaios eram lá onde era a antiga fábrica de vidro. Que eles chamam de caatinga. A gente via o pessoal pegar o figurino, aquelas coisas, olhava os figurinos pra pegar, os destaques do Pompílio, era muito falado isso ai.Ai por má administração, perderam participantes para outras escolas...

Quando querem fazer a coisa direitinho senão acaba virando frege, como até hoje

Não vamo longe, o que aconteceu com a Osório tá acontecendo hoje com qual escola?A academia, a quantos anos a academia vai naquela lenga-lenga, e vai e não vai.Pegam umas pessoas que o troço começa a decair e não consegue levantar mais, nós perdemos aqueles destaques.

Tu olha o nome das outras escolas, Academia, Telles, hoje tu ve a Telles e a Estação desfilar nos outros lugares, hoje tu nem ouve, o carnaval tá bem dizer morto em Pelotas. Mas antigamente a primeira escola que vinha convidada era a Osório, pra depois as outras, tá mudando né? (Entrevista com Paulo Broqua, 2018).

Figura 10 - Cartão de Apresentação da escola



Fonte: Acervo pessoal

Cartão de Apresentação da escola para colaboradores, os dados, escola campeã de 56,57,58,59. Vice-campeã em 52,53,54,55 e 78. Campeã do carnaval da praia de 1972, campeã do carnaval dos bairros em Porto Alegre em 1959, Campeã da simpatia popular de 1959. Acervo da filha do compositor Zé da Cuíca (doação).

Figura 11 - Foto da Ala Mirim



Fonte: Acervo de Nelson Nobre.

Outro tema interessante é a participação das mulheres nestas redes, podemos ver as mesmas em torno das lutas pela manutenção dos sambas (como ativistas culturais), como cantoras, como mantenedoras de suas famílias, e como o elo de ligação da comunicação entre as redes traçadas pelo carnaval.

Jonas Fernandes (2018) nos coloca também que as regiões que abarcavam estas escolas eram verdadeiros terrenos de quilombos urbanos, principalmente a região do da Caatinga, final da das ruas centrais onde se concentra até hoje uma enorme comunidade negra, e não apenas lá mas basicamente todos os bairros com população negra haverá de ter alguma entidade relacionada a algum elemento da cultura negra, sendo ele qualquer segmento, religioso, de lazer, social ou esportivo.

3.5 As relações da escola com políticos

Segundo relato de José Luís Farias (2019), o processo de ajuda governamental, como impulso no carnaval da cidade foi realizado a partir do governo de Irajá Rodrigues (1993-1996), grande admirador da festa popular. Até este dado momento e posteriormente nem todos os governos que assumem a cidade tem relação de apoio as festas populares, sendo por exemplo sua reclamação em relação ao prefeito Eduardo Leite, que mobilizou dinheiro da cultura para a saúde e ,no entanto, os dois milhões gastos mantiveram um mesmo sistema cheio de falhar. Os carnavalescos também recorda durante o governo de Anselmo Rodrigues (1997-2000), foi comprado toda uma estrutura em arquibancadas para que fosse utilizado nas festividades. Em poucos meses após o uso as mesmas peças que tinham o tamanho de uma quadra, foram inutilizadas e sumiram, sob a alegação que os cupins haviam devorado as grandes toras de madeira. Por fim o último episódio, o mesmo relata sobre as últimas relações da prefeita Paula Mascarenhas que não se compromete fielmente com as comunidades carnavalescas tal qual havia em certos períodos da história.

A escola de Samba General Osório em uma de suas sedes próximo a rua D. Pedro II, era próxima da residência da família Fetter, de modo que os

mesmos então sempre doavam alguma coisa para o livro ouro da escola e ali ganhavam alguns votos. Conforme o relato muitas vezes algum deputado federal ou vereador, se aproximava da escola auxiliando e os grupos musicais dela faziam participações na campanha dos candidatos. Muitos dos candidatos foram eleitos e assim participavam das festas da escola, como já referido a família Fetter, na pessoa do Velho Fetter, se fazia presente nas festas da escola.

Apesar dessa relação de favores, até hoje uma série de escolas de samba não possuem sede própria, entre elas algumas das grandes escolas da cidade, Academia do Samba e General Osório entre as mais antigas que até hoje não tem quadras próprias.

Com relação da manutenção da escola era realizada em grande parte não por estes acordos mas por relações entre vizinhos que ajudavam com algo para a realização de jantãs para arrecadação de dinheiro para realização do carnaval. Através destas festas feitas a partir das próprias pessoas das entidades, assim como as fantasias muitas vezes costuradas pelos próprios membros também.

Figura 12 - Escola de Samba General Osório



Fonte: Opinião Pública (1958).

Escola de samba General Osório em 1958, apresentação durante o carnaval, abaixo da foto uma pessoa samba com a bandeira da escola, enquanto acima do lado direito e ao centro pastoras enquanto do lado esquerda e acima um piston e uma gaita no que parece ser um palanque. Acima o patrocínio da Pepsi-cola no evento durante vários anos na cidade (JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA, Fevereiro de 1958).

José Luis Farias (2018), comenta que começou a sair principalmente por influência de seus pais, que o convidava desde pequeno para participar nas entidades, o que o levou a ser conhecido como mascote da escola, logo após saiu durante um período e voltou novamente por convite do pai, a partir dos relatos de seus sobrinhos e filhos vemos a escola como parte importante da identidade da cidade, principalmente aos antigos, e também como espaço que sempre foi marginalizado, pois segundo o relato de José Farias (2018), durante muitos anos a escola ficava sem local para sediar suas atividades, sendo até mesmo a casa do compositor Zé da Cuíca usado como espaço de reunião da escola durante alguns períodos, como fala seu filho “aos poucos ela foi quebrando”.

Uma grande parte dos sambas do compositor foi ensaiadas por esta escola durante sua trajetória, ainda que não seja a única, por isso a importância de frisar a relação familiar que se coloca, uma vez que a família participava basicamente unida para trabalhar, sendo que este trabalho era realizado voluntariamente, sendo que os mesmos nunca receberam nada em troca, a não ser quando realizavam algum baile aonde os mesmos trabalhassem, como fala novamente seu filho.

A identidade com a escola foi a marca do compositor, mas como diversos outros enxergava as entidades como parte um processo maior, um dos entrevistados neto dos compositores coloca em evidencia a mudança dessa identidade que havia de convivência entre as agremiações para uma rivalidade vivida nos dias de hoje. A forma de construção do carnaval antigo com o atual, as mudanças na sociedade parecem trazer uma nova forma de individualismo que não transparecida na visão das gerações passadas onde havia uma maior convivência familiar entre estes grupos, não apenas no carnaval, mas em toda a sociedade.

A grande maioria das composições de Zé da Cuíca está ligada aos desígnios da entidade, desde a década de 1950 ele esta compondo sambas que serão desfilados na escola, logo após seu filho José Luís Farias também vai compor sambas-enredo para a entidade. Os sambas-enredo vão entrar na metade dos anos 1970, até aquele dado momento se escrevia algum samba para entidade, ou se tocava as músicas da atualidade. Este movimento seguiu com a influência do Rio de Janeiro, como em vários locais do país.

Como fala José Farias o carnaval de Pelotas anda de acordo com os governos e como eles se relacionam com os carnavalescos, de modo que não há uma constância no quesito cultura carnavalesca, ou seja, tudo anda de acordo com o governo em ele está inserido, sendo no período aureo do carnaval era muito mais forte os incentivos governamentais, que foram sendo eliminados ano após anos.

Figura 13 - Jornal A Opinião Pública,1975



Fonte: Jornal A Opinião Pública (1975).

Na parte abaixo da reportagem a figura de seu Sadi do Espírito Santo, com a bandeira da escola do lado, falando sobre a não saída da escola no lado, 1975.

3.6 Ditadura militar e sambistas

Conforme relato de José Farias, ainda em 1964 viu alguns incidentes que o marcaram quanto ao regime militar.

Ainda criança, junto a seu pai que trabalhava como caseiro de uma residência, os dois andavam juntos após o toque de recolher, dando de cara com uma guarnição do exército, o mesmo teve que mostrar seus documentos e o que carregava em uma pasta, após serem liberados, os mesmos apenas deixaram de ser seguidos pelo exército após 15 minutos depois da entrada na casa em que Zé da Cuíca vinha a cuidar.

A maioria com relação a falta de documentos, falta grave para a época, uma vez na sua adolescência saindo da escola alguns colegas foram assediados pelo exército pela falta de documentos, levando a um dos rapazes a ser conduzido pelo mesmo. Os casos de violência também na comunidade, onde havia um rapaz que roubava, após um jogo de futebol, mesmo sendo inocente de um roubo que ocorreu no bairro foi espancado gravemente por ordem do delegado de polícia, a inocência do rapaz estava no motivo que no momento do roubo o mesmo se encontrava com os outros rapazes se dirigindo a um jogo de futebol.

Com relação aos bailes de carnaval e discotecas, todo repertório a ser tocado deveria ser enviado para análise da censura, sediada na rua XV de Novembro centro da cidade. A polícia mandava pessoas para observar os bailes, principalmente aqueles maiores. Era proibida a utilização pelas escolas de samba de fantasias com uniformes militares. As letras dos sambas a serem levados para o ano, deveriam ser todas mandadas para a censura e para a polícia Federal e Estadual, quando não era possível alcançar o horário e dias na cidade, era necessário recorrer a polícia federal em Rio Grande.

Figura 14 - Reportagem



Fonte: Jornal A Opinião Pública (1958).

Reportagem sobre a saída da escola de samba General Osório a Porto Alegre, na foto acima, um tambor tocado com as mãos(o que acredito não estar existindo hoje nas escolas) e uma pequena caixa no percussionista do fundo (JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA,1958).

Figura 15 - General Osório com olhos no futuro



Fonte: Jornal A Opinião Pública.

Abaixo entrevista do compositor José Luis Farias, no ano que escola sai pela primeira vez sem o sopro, 1981.

Figura 16 - Entrevista do compositor José Luis Farias



Fonte: jornal a Opinião Pública (1981).

No lado esquerdo da página, uma foto do compositor Zé da Cuíca em sua sapataria, logo abaixo uma pequena entrevista onde perguntam seu sambista favorito na atualidade, na época era o sambista Zé Ketí.

3.7 Os núcleos familiares e o carnaval

Para além dos compositores, outros membros família se espalharam criando espaços de carnaval em outras cidades do estado, como os Ferroviários em Pedro Osório, onde vive a irmã do compositor José Farias e suas filhas, participando como presidentas da escola. Algumas outras pessoas da família se espalharam fundando escolas em Passo Fundo.

As redes que parecem ter nascido na fundação da escola estão ligadas a chegada da família Freitas em Pelotas, onde a bisavô do compositor José Luís Farias vem sozinha com os filhos para viver em Pelotas, vinda de Herval, a partir deste núcleo havia as festas de família e a partir delas se dava os encontros da família. Após o envelhecimento desta senhora se mudou para porto alegre, desfazendo assim os laços que haviam se formado durante este tempo. As festas no porto foi momento de reunião dos membros da família Freitas, espaço onde todos se encontravam.

Acredito que as redes da família eram muito fortes, como fala outra entrevistada Cleuza Broqua(prima de minha avó materna e amiga), nas décadas passadas era comum o encontro entre membros família nos finais de semana, os laços era mais firmes que os da atualidade.

Essas mulheres fizeram então as redes que fizeram parte da criação das escolas de samba, como referência anteriormente as mulheres dos Farias e Amaros eram responsáveis por organizar suas famílias e também as escolas que surgiram principalmente através da doação de vizinhos e trabalhos em família, como confecção de fantasias e etc...Não apenas das redes carnavalescas, mas também como principais mantenedoras de seus lares.

3.8 Festivais de samba de enredo

Como já foi dito antes por outros compositores, os espaços que o filho de Zé da Cuíca lembra são os carnavais dos anos 1980, época posterior a era de ouro dos festivais de compositores, como diz Solon Silva a partir de 1982 começa festivais internos das escolas de samba para escolha de sambas-enredo, algumas escolas aderiram aos festivais antes de outras, o próprio fala

que a Academia do Samba demorou a entrar com os festivais, de modo que diversos anos escreveu samba-enredo da escola. Anteriormente o samba era escrito por algum compositor da escola, sem o compromisso de organizar festival algum, de modo que alguns compositores eram lembrados por suas composições dedicadas a cada escola, enquanto para alguns entrevistados muitos compositores transitavam nos festivais das escolas, de modo que o compositor Zé da Cuíca compôs sambas a diversas entidades, como fala o compositor Ladislau Cavaleiro:

O Zé da Cuíca em determinada ocasião falando sobre o Zé da Cuíca, determinada ocasião houve uma festa na igreja lá e nos iam trazer uma atração chamado Chico da Silva, aí conversamos com os mais velhos da Castilho, aí já na atualidade fazendo minhas músicas e tal, o Chico da Silva ia tocar na Telles, teu avô. O Zé foi considerado a atração maior da festa. A festa que a gente fez na Vila Castilhos. O que eu tenho de lembrança dele na sapataria, eu era garotão, depois ele colando melodia nas letras do J.J, e o famoso samba “e ecoo, a avenida extraordinária, o Zé tinha o poder de compor.” (Entrevista com Ladislau Cavaleiro, 2018).

Beto Alfaiate conta sobre os festivais das escolas:

Ai já é outra coisa, isso geralmente não tinha, tinha festival nas entidades carnavalescas, tinha festivais dentro das entidades carnavalescas, tu vai ver os concursos de samba de enredo, interno, aí o que ganhasse ia disputar o título com as outras entidades, não era um festival com todas as entidades, eu não peguei essa época aí, só peguei outros tipos de festival, era assim que funcionava, tinha alguns festivais de carnaval, que eu participava eu fui na academia, eu fui na Telles, isso aí eu participava, mas não tinha o samba-enredo disputando da academia da Telles, tudo junto para ver quem era o campeão, era interno, o festival era vamos fazer um samba-enredo disputava contigo, com o outro, mas era interno, aí o campeão da entidade, interno tá entendendo?

Era compositor que era da Telles, iam lá para academia fazer o samba-enredo, o da Academia ia fazer na Telles, lá na Ramiro, eu participava, era compositor, compositor participa em qualquer um, só que não era todo um festival para ver quem era o campeão, era interno, o cada entidade dos sambas-enredo ia para passarela. colocar melodia nas letras dos outros e criava música, escrevia música. (Entrevista com Beto Alfaiate, 2018).

Segundo José Farias, na escola de samba General Osório o primeiro samba de enredo foi realizado em 1977 até este momento alguns anos um samba era escrito, ou caso contrário eram tocadas músicas do rádio em versão de carnaval. O primeiro festival de samba-enredo foi no de 1987, mas os

compositores participavam em diversos festivais não apenas na escolha General Osório mas também em outras entidades. O compositor atuou também em outras escolas, como a escola de samba Estação Primeira do Areal onde nos anos 1990, junto com a qual foram campeões na escolha do samba. Após a morte de seu pai o mesmo acabou passando alguns anos fora de atividade retornando logo após algum tempo.

Em entrevista perguntei a ele de onde vem a inspiração para a criação das músicas e as formas de “encaixar” o samba dentro de uma bateria de escola de samba, a resposta foi que a partir da melodia a bateria encaixa na composição, de forma que atualmente por conta da falta de festivais não compõe mais, ainda se lembrando de um caderno que possuía onde escrevia suas letras, ao menos para este compositor o espaço criado pelos festivais era o local onde se podia expressar, a partir da necessidade se criava as composições. A neta do compositor Zé da Cuíca lembra muito de seu avô discutindo e pesquisando sobre os assuntos dos quais seriam construídos os temas. José Luis Farias (2018) que na época em compunha se utilizava da biblioteca pública como espaço de pesquisa para constituir seus sambas.

A maioria dos entrevistados são compositores e já escreveram samba, marchas, ou samba-enredo para as escolas, alguns dos quais foram gravados devido á abertura atualmente de inúmeros estúdios, acredito, com a nova tecnologia. Nos últimos carnavais conforme pesquisei se pode ter acesso a sambas de Escolas do General Telles, e outras bandas carnavalescas. O que difere de Porto Alegre onde pude encontrar diversos discos dos carnavais dos anos 1980 disponíveis na internet para escutar.

Entre os entrevistados todos eles moradores das periferias da cidade, faço uma leitura de como a falta de uma indústria musical em Pelotas não permitiu o progresso dos compositores de décadas passadas, como fala José Farias “ se meu pai houvesse nascido nesta época teria feito sucesso com a tecnologia de compartilhamento de música da atualidade”. Os compositores dependiam de seus empregos, a maioria para manter-se, como fala novamente José Farias “o pai e o tio Bola eram músicos de finais de semana”, ele ainda recorda que seu tio trabalhava a semana toda no engenho e dormia em casa, ao chegar sexta-feira já saía com seu violão e só voltava para casa na

segunda-feira. Este foi o destino dos músicos de Pelotas, a ascensão social do “meio negro” como fala Florestan Fernandes (1965) foi sustada na região talvez da mesma forma que São Paulo, as pessoas não conseguiam progredir na vida através dos estudos e como forma de sobrevivência logo estavam em postos de trabalho. A experiência, no entanto, me diz que o mesmo ocorreu ainda duas gerações depois da geração dos compositores, não há um progresso em larga escala dentro da sociedade por parte de seus netos ainda, continuam vivendo dos mesmos recursos que foram utilizados a mais de 50 anos atrás. O progresso chega a alguns ainda como descendentes destas pessoas, o “meio negro” continua sendo o mesmo, se reinventando a partir de novas experiências, mas as políticas públicas não são eficazes a todos os níveis, a população sobrevive como pode com seus poucos recursos, uma pequena camada atinge a classe média negra, mas o grande contingente continua nos mesmos locais que ocupavam anteriormente com nova roupagem. É esta grande massa negra, descendente das charqueadas e das migrações de comunidade negras do campo para cidade, que desenvolve o carnaval, e não apenas como filhos dos imigrantes e população em geral, mas onde se encontra mudanças sociais visíveis a todas estas pessoas?

A cultura é vista como um das soluções para o fim da criminalidade da cidade de Pelotas, a maneira para encontrar saídas de uma cidade que já gerou empregos para muitas pessoas, no entanto, hoje se encontra estagnada.

As modernizações das formas culturais são vistas como outras formas de ampliar estes serviços. O lazer é parte importante da constituição do local onde moramos, acredito por andar em muitos bairros que as únicas saídas e possibilidades de sociabilidade, alguns bairros ainda são mais agraciados com alguns espaços mas em sua maioria, pelas minhas caminhadas pela cidade, ainda faltam estrutura. Mas as formas culturais se multiplicam a cada ano na cidade, a falta de incentivo continua sendo um problema em todos os aspectos.

Os valores que os antigos pregam, fazendo uma análise, é principalmente o trabalho a diferença de épocas anteriores seriam de que estariam logo inseridos no mercado de trabalho e havia oportunidade, a reclamação muitas vezes soa como se os jovens de hoje não buscassem trabalhar ou que a influência da mídia leva-se a degradação moral da

atualidade. No entanto, não apenas isso, o fim de um parque industrial na cidade de Pelotas, levou logo a chegada do terceiro setor e a mudança de uma cidade industrial a uma cidade universitária levou a mudanças nas formas de agregação de serviços na cidade, levando a necessidade de se sustentar a cidade na forma de serviços relacionados ao comércio ao invés de investimento na área de produção, a cidade torna-se assim provedora de conhecimento, não absorvendo toda sua mão-de-obra.

As formas de educação antigas são sempre salientadas, como um dos fatores que ocasionam as relações que existem na atualidade. Mas como fala José Farias, a mudança de tratamentos de seguimentos da sociedade, ainda que de forma lenta conseguiu progredir em alguns setores, ele pode acompanhar durante os anos de sua caminhada.

O conhecimento organizacional que foi desenvolvido, segundo José Luis Farias (2018), com os antigos carnavalescos dos cordões, esse método de organização foi sendo reelaborado, e hoje se configura com seus erros e acertos, na continuidade das escolas de samba na cidade, com suas variadas derrotas, acertos e falhas, mas algumas ainda se mantêm em atividade, considero estas organizações como formas de uma outra modernidade negra, podemos ver como outras formas de resistência ao processo capitalista, no quesito lazer e cultura, uma vez que como vimos, foram fechados ao povo teatros, lhes foi retirado o direito de realizar o carnaval em determinados locais durante a história da cidade, os fatores sociais e organizacionais foram desagregando algumas formas de carnavais (como a Bandalha), e novamente hoje se busca resgatar este carnaval que já foi o maior do estado. Hoje são as escolas de samba as organizações negras, depois dos clubes as mais antigas formas de associação na parte do lazer.

4 Análise das músicas coletadas

4.1 A origem as músicas carnavalescas

Seguindo abaixo as idéias de José Ramos Tinhorão (1991) para o surgimento da música carnavalesca no Brasil.

A música criada para carnaval remonta a segunda metade do século XIX, uma vez que enquanto os negros praticavam o entrudo desde a colônia (época em que se permitia sua liberdade), do lado mais pobre da sociedade ocorre o surgimento dos cordões (que viriam a ser parte de antigas procissões que entoavam suas cantigas, como a festa do Rosário). Em meados de 1869 também a partir de uma adaptação de uma música francesa, uma brincadeira portuguesa o Zé Pereira, ganha quadrinhas a todo ano durante o carnaval (TINHORÃO, 1991).

A classe média branca seguindo o estilo europeu se animava ao som de polcas, logo seguido por música instrumental, dando origem as primeiras canções carnavalescas a partir de 1880. A partir do fim do século XIX as letras de carnaval eram lançadas anonimamente na festa da Penha ou através das revistas de teatro da praça Tiradentes (onde as melhores canções ganhavam o povo no carnaval).

Até o ano de 1916, onde finalmente o samba tomaria lugar no carnaval seguinte se ouvia trechos de operas, valsa, polcas, mazurcas, trechos de músicas nordestina (onde já havia imigrantes indo ao Rio) e one-step americano, cantos dos quicumbis e afoxés.

Quanto ao samba e a marcha, apesar de Chiquinha Gonzaga ter lançado o Abre Alas em 1899, baseado na cadência dos negros no carnaval, no entanto o estilo não gerou seguidores. É a partir da década de 1920 quando a marchinha chega junto às marchas portuguesas chegadas do além mar e da influência americana de ragtime, das orquestras estilo Jazz-Band que em 1920 se viu o lançamento de uma série de marchas seguindo o sucesso da marcha portuguesa conhecida como “A baratinha”. Os ritmos, a partir da nova estratificação social da população negra e da classe baixa, formando uma classe média baixa, que junto aos ranchos (que se formam desde 1870) vão

dando origem a uma música ligada a participação dos músicos de sopro nas agremiações carnavalescas, levando o choro da classe média mestiça para a sua sonoridade que antes eram tocadas pedaços de óperas vão dando forma ao que será chamado depois marcha-rancho.

O samba segundo tinhorão nasceu da baixa classe média urbana carioca, tendo como palco a casa da famosa Tia Ciata, doceira, candomblecista e criadora de vários ranchos carnavalescos, ambiente em que se realizavam festas habitadas por diferentes membros das classes sociais cariocas. Uma criação popular, a partir de uma série estribilhos de velhos foliões baianos foi capturada pelo cantor Donga, e logo registrada como samba carnavalesco em Dezembro de 1916 e que seria sucesso no carnaval de 1917. A principal mudança seria a criação de um produto não mais anônimo e coletivo, mas uma criação individual e registrável. Este primeiro ritmo do samba moderno vai seguir as tendências do maxixe executados nas orquestras das gravadoras, mais a frente o rádio, e logo haverá a influência mais popular e percussiva a partir dos anos 1930 com a chamada turma do Estácio formada por sambistas de uma classe mais popular e futuros criadores das escolas de samba do Rio de Janeiro.

A década de 1930 viu então a abertura das gravadoras para os talentos surgidos das classes da parte mais baixa da população do Rio, abrindo junto as questões técnicas as possibilidades de gravação das batucadas dos morros levou uma série de novos artistas ao público. E a releitura dos sambas nas orquestras através do formato das Jazz-Bands.

Também foi possível através das válvulas dos rádios e alto falantes melhores recepções dos ouvintes aos programas de rádio. Este sendo o principal veículo de divulgação do Estado Novo.

Segundo Napolitano (2002) o desenvolvimento da música popular urbana se dá principalmente através da canção, inspirada nas canções folclóricas e rurais, e gêneros de música para dançar, se considerando a sua ascensão nos anos 1920 e 1930 em vários países latino-americanos, como novas formas musicais de composições étnicas distintas das formas mais populares do século XIX, dando forma a população das cidades:

Ao menos sua forma “fonográfica”, com seu padrão de 32 compassos, adaptada a um mercado urbano e intimamente ligada à busca de excitação corporal (música para dançar) e emocional (música para chorar, de dor ou alegria...). A música popular urbana reuniu uma série de elementos musicais, poéticos e performáticos da música erudita (o lied, a chançon, árias de ópera, bel canto, corais etc.), da música “folclórica” (danças dramáticas camponesas, narrativas orais, cantos de trabalho, jogos de linguagem e quadrinhas cognitivas e morais e do cancionero “interessado” do século XVIII e XIX (músicas religiosas ou revolucionárias, [p. 12] por exemplo). Sua gênese, no final do século XIX e início do século XX, está intimamente ligada à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas. Esta nova estrutura socioeconômica produto do capitalismo monopolista, fez com que o interesse por um tipo de música, intimamente ligada à vida cultural e ao lazer urbanos, aumentasse. A música popular se consolidou na forma de uma peça instrumental ou cantada, disseminada por um suporte escrito-gravado (partitura/fonograma) ou como parte de espetáculo de apelo popular, como a opereta e o music-hall (e suas variáveis) (NAPOLITANO, 2002).

A chamada “cultura de massas” se erigiu a partir dos anos 1890, no mundo anglo-saxão, e estabelecendo na América-latina a partir dos anos 1920-1930, nos grandes centros do mundo anglo-saxão, a “música popular” entra no escopo da luta entre a burguesia e as classes mais baixas, dando sentido a dicotomia entre a música popular e clássica. A música da América-latina, principalmente de Brasil, Cuba e Estados Unidos se consagraram pela música de marca negra, algumas de forte tradição percussiva, em contraste e às vezes ligação com elementos europeus (NAPOLITANO, 2002). Esta música gerou vários conflitos, novas sociabilidades geradas pela urbanização e industrialização, novas ideias nacionalistas, e condições técnicas modernas vão influenciado o processo de gravação das mesmas (como no samba Na Pavuna, onde se pode gravar a percussão do morro pela primeira vez).

Pelotas ao contrário do grande centro do Rio de Janeiro, foi um ponto de encontro também entre população rural e urbana, a existência de um porto, ser ponto de passagem do Uruguay para Capital do estado, assim como sua ascensão econômica em vários períodos do século XX, combinado com a antiga herança negra do processo charqueador, se constitui em palco para esses desenvolvimentos musicais tratados por Napolitado (2002), em menores proporções obviamente, sem gravação de seus artistas populares até a década de 1960 do século XX, sendo talvez até mesmo nos últimos anos a possibilidade real de gravação de muitos artistas de Pelotas, ainda se precisa

pensar nisso em outros movimentos como hip hop e reggae, enquanto música negra, quando foram as primeiras gravações em Pelotas quanto a produção de música negra na cidade. Grande parte dessas músicas está conservada na memória, algumas gravadas e muitas outras (com certeza não todas) estão nos jornais da cidade, vencedoras de concursos, músicas de carnaval, entre outras, dentro destas estão as músicas de meu bisavô e seus irmãos, o que será que seria cantados nas rodas de samba na cidade, nas noites de batucada, no fervor do momento, nas orquestras das rádios, que música seria essa que foi criada na cidade?

A partir das idéias trazidas por Marcos Napolitano em seu livro História e Música (2002), gostaria de trazer as análises das músicas que foram encontradas que seriam de autoria de Zé da Cuíca e Bola de Neve, em muitas composições são suas as letras, mas não podemos deixar de salientar que o compositor Zé da Cuíca era conhecido não apenas por letristas, mas também por compor melodias e trabalhar com ritmos, o que nem sempre acarretava em seu nome na autoria das músicas.

As que serão descritas aqui estão divididas de acordo com as fontes em que foram encontradas, seja elas a partir dos sambistas entrevistados ou através dos jornais dos quais consultei durante o ano de 2015, na biblioteca pública, entre os jornais A Alvorada e Opinião pública. Ambos os jornais durante o período de carnaval publicavam uma coluna dedicada às músicas do carnaval do ano, resultados dos concursos carnavalescos realizados durante o ano, cobertura do carnaval da data referida, as letras das músicas, cobertura dos festivais realizados pela cidade.

A primeira fonte citada são os sambas que os sambistas guardam na memória ou ainda em folhas seus originais ou folhetos criados pelos músicos, carnavalescos e antigos produtores musicais. Os filhos do compositor Zé da Cuíca mantiveram muitos de seus trabalhos através de seus arquivos, que foram confiados a mim em algumas entrevistas, a memória das músicas está guardada ainda na memória de seu filho José Luís, que em uma entrevistas, pedi para que cantasse as melodias das composições para serem preservadas. Algumas ,no entanto, por sua vez permanecem apenas os títulos, outras apenas sua letra, e algumas já fugiram a memória de seus amigos e filhos, de

forma que podemos ver apenas fragmentos das composições. Ainda em relação a algumas composições estão guardadas na memória dos sambistas antigos e familiares, principalmente, estas músicas muitas vezes pude encontrar seu título e em uma conversa pude conseguir sua letra, algumas outras me foram relatados trechos, no entanto, não sei o título nem sua data correta, de forma que podemos apenas apreciar alguns pedaços e com eles fazer as análises. Muitas outras estão ainda com os sambistas, não sei se foram escolhidas, mas foram enviadas para inúmeras escolas de samba para concursos, algumas ainda existem os originais.

Outra parte importante foram as músicas que foram gravadas por seus companheiros de música, entre elas até agora 3 músicas tive acesso as gravações, uma em um long-play das escolas de samba de Pelotas, outra no cd Música Popular Pelotense do músico Solon Silva, e outra do cantor Flávio Alves, estas foram gravadas e possivelmente ainda se é possível fazer uma audição.

4.2 A análise das letras

Os compositores tiveram educação formal até o quarto ano durante sua infância, como referido pelo também compositor José Luís Farias ele define o trabalho de seu pai e seu avô como um *dom* que deus da a cada um na sua passagem pela terra, é aqui que Segger (2008), seguindo ainda com suas categorias, seus ancestrais eram músicos de final de semana como ele mesmo define, não viviam da música para sobreviver devido as difíceis condições para isso na cidade, e como fala, seu forte não seriam as letras(aqui falando de seu pai) mas sim as melodias que ele compunha a aqueles que apareciam em sua sapataria em busca de musicalidade para as suas poesias. Então a partir disto temos as seguintes categorias que definiriam um músico, seu dom, sua periodicidade com o fazer musical (músicos de finais de semana) e seu ponto forte, compositor de melodias.

A partir do fazer poético dos compositores, busquei fonte para discutir o que seria sua poesia, que gênero poderia ser definido não apenas enquanto a categoria de samba, marcha, mas sim dentro de um amplo universo de poetas

negros que nascem das classes populares em todas as época até a que vivemos hoje, em busca deste conceito busquei a definição do que seria poesia negra, trago conceitos acerca da poesia afro-brasileira, segundo conceito tratado por Clovis Moura (apud HATTNER 2009): “valores sociais de sobrevivência ou auto-afirmação que lhe fornecem “os elementos ideológicos e sociopsicológicos aptos a se contraporem aos das classes dominantes e segmentos brancos racistas” (MOURA, 1988, p. 138).

A resistência expressa nas letras das músicas, sobre as formas de sociabilidade negras que são existentes na cidade e os dramas da cidade, serão utilizados através das formas musicais, alias a forma mais aceita que a literatura como forma de demonstrar as dificuldades vividas pela sociedade. A partir de Zilad Bernd (apud HATTNER, 2009):

(...) a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida, legítima uma escritura negra” (Bernd 1988: 22)(...)Essa mesma autora, por sua vez, estabelece quatro constantes discursivas ou “leis fundamentais” da poesia negra brasileira: 1. a emergência do eu enunciativo, que revela “a determinação do poeta de desvincular-se do anonimato e da ‘invisibilidade’ que o relegou a sua condição de descendente de escravos ou ex-escravos (...)”; 2. a construção de uma epopéia negra, por meio da qual se procede ao resgate da história do negro, (re)contada em versão ‘não oficial’; 3. a reversão dos valores, buscando a afirmação da identidade negra pela inversão ideológica do universo semiótico ligado ao negro, num quase virar do avesso as isotopias do “negro burro”, “negro indolente” etc.; 4. uma nova ordem simbólica, que nada mais é do que uma consequência natural da “lei” anterior, na qual “(...) o poema se torna o espaço da destruição de uma simbologia estereotipada (...) (BERND, 1988, p. 77, 89).

As músicas definem os territórios negros, os locais dos negros nos carnavais, a presença da cultura afro-brasileira e a África, todos temas estão relacionados em algumas composições, eles estavam defendendo a manutenção de suas práticas culturais no período, defendiam o carnaval, como fala seu filho “resolviam tudo na calma na conversa, mas hoje em dia já não temos mais gente como o pai”. Através da música cantaram um pouco deste enorme cotidiano negro desta cidade do seu tempo, podemos dizer, da mesma forma que hoje o Hip Hop canta o cotidiano de jovens de nossa época. Outro tema interessante para afirmar entre as semelhanças, seu filho também afirma que mesmo não dizendo ser repentistas, seu pai indiretamente era, criando

músicas “na hora”, ou seja, o formato do improvisado é comum nas canções angolanas como diz Nei Lopes (2002), ao tratar sobre as origens do samba, onde duas pessoas se desafiavam em torno de um coro que cantava um estribilho.

Estas composições foram encontradas no período entre 1950 (ou anteriormente do qual não se pode saber) até por volta 1988, considero que existe aqui a criação de uma poesia afro-brasileira, uma vez que se caracteriza com temas que remetem ao mundo dos negros, ainda que até a década de 1980 não seja explicitamente a temática do negro nas letras, se pode visualizar o mundo do samba, do carnaval e outros espaços ligados a cultura negra na cidade.

As primeiras composições tratam do cotidiano, relações amorosas, a fantasia, e mais próximo do final das composições o assunto tratado é mais ligado aos rituais afro-brasileiros.

Em primeiro lugar, a temática: "o negro é o tema principal da literatura negra", afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas como "universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura." (1988: 54) Em segundo lugar, a autoria. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o ponto de vista. Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Nas palavras de Zilá Bernd (1988), essa literatura apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. Um quarto componente situa-se no âmbito da linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas lingüísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um público leitor afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepional são insuficientes. (DUARTE, 2007).

A partir das idéias expostas podemos colocar os compositores como parte de uma literatura negra, que tem origem nos habitantes dos territórios negros da cidade, e apresentada em diversos espaços da cidade, divulgada por seus próprios meios ou através da mídia formal, um local de onde se encontra muito dessa produção esta contido no jornal negro A Alvorada e hoje se mantém na produção do Hip Hop,samba, funk,reggae , música regionalista e produções literárias.

A poesia é uma forma que pode ser elaborada pela população negra até como forma de resistir a escravidão, como nas formas do Jongo, do Tambor de Criola, onde as referencias não podem ser entendidas por aqueles de fora, o samba tem sua própria linguagem, usual de coisas do Rio mas de referencias a própria cidade de Pelotas, a poesia é forma de transmitir essa lição que foi dado os africanos que aqui chegaram e atualmente das lições do final da escravidão aos dias atuais.

4.3 A polêmica das musicas

Diversas pessoas me contaram que em diversas músicas apesar da participação nas músicas não era mencionado á participação de Zé da Cuíca, isso gerou uma pergunta se certas músicas não possuíam sua participação não apenas como compositor, mas como ritmista. Não pude verificar quais seriam as composições.

4.4 As músicas coletadas em Jornais

Em relação a sua vida musical ainda não pude descobrir sua primeira composição, mas a partir dos anos 1950 suas canções já aparecem no jornal negro A Alvorada, todas no período de carnaval, o que demonstra que suas músicas foram consideradas ao menos no circuito do periódico.

As músicas coletadas em jornais fazem referência principalmente ao período de carnaval e se apresentam em seções dedicadas ou por vezes em meio ao jornal, sem maiores informações sobre os compositores para além de seus nomes. Até o ano de 1957 as canções são retiradas do jornal A alvorada,

após são coletadas no jornal A Opinião Pública. Nem todas canções são dedicadas necessariamente ao período de carnaval, ainda que muitas o sejam, muitas foram criadas para participar de festivais de música da cidade.

Pretendo dividir as canções de acordo com as temáticas ao qual se referem.

Segundo Marcos Napolitano (2002) a música se divide em duas esferas de análise, a poética e outra musical, sobre a obra poética ele coloca os modelos de análise que vamos seguir:

- 4) Parâmetros poéticos (“Letra”):
- a) Mote (tema geral da canção);
 - b) Identificação do “eu poético” e seus possíveis interlocutores (“quem” fala através da “letra” e “para quem” fala);
 - c) Desenvolvimento: qual a fábula narrada (quando for o caso); quais as imagens poéticas utilizadas; léxico e sintaxe predominantes;
 - d) Forma: tipos de rimas e formas poéticas;
 - e) Ocorrência de figuras e gêneros literários (alegoria, metáfora, metonímia, paródia, paráfrase etc.);
 - f) Ocorrência de intertextualidade literária (citação de outros textos literários e discursos) (NAPOLITANO, 2002, p. 67).

4.5 Lista de canções dos jornais

Nome da Canção: Izabel
 Data: 18 de fevereiro de 1950, Jornal A Alvorada
 Gênero: Samba
 Interpretado: Bonecos de Bronze
 Autores: Zé da Cuíca e Bola de Neve

Depois que a Izabel deixou o rancho
 Terminou nosso farrancho
 E tudo la morreu
 Porém Pedrinho seu marido
 Deve estar arrependido
 De tudo que aconteceu

Bis

Izabel, Izabel, Izabel
 Volta pro Rancho
 Não facha esse papel

Aquele rancho construído a beira mar
 Mal anoitecia
 E enchia de dama para dançar
 Lá no Ramal o rancho e a alegria
 da raça
 O que não faltava la
 É mulher, alegria e cachaça

Este samba é uma paródia de um caso verídico de um casal onde se realizava um samba, e por uma briga acabaram as reuniões na casa onde se costumavam fazer, e para tanto foi feito esta paródia (segundo Solon Silva, músico da noite Pelotense). Além da referência das pessoas, se faz referência a escola de samba do Ramal, e ali se fala de cachaça, mulheres e a alegria da raça, já indo em direção aos autores que trazem a questão da poesia negra, fazendo referência a um local de negro, a região da escola seria no próximo ao antigo gasômetro. O samba foi encontrado no jornal A Alvorada, em período carnavalesco, é interessante notar que mesmo trazendo referências a cachaça (lembrando que o compositor Zé da Cuíca segundo seus filhos não bebia), passou pelo crivo do jornal A Alvorada, reconhecido por muitas campanhas contra o alcoolismo.

Nome da Canção: Hoje ninguém ensaiou
 Data: Jornal A Alvorada
 Gênero: Samba
 Autor: Bola de Neve

hoje ninguém ensaiou
 Lá na ramal a metade faltou
 Faltou maria da conceição
 Que é a nossa porta bandeira
 Por um motivo de não aparecer ninguém
 Marcamos o ensaio
 Pra quarta feira que vem

O samba foi desfilado pela escola de Samba do Ramal no carnaval de 1951, onde foi noticiado no Jornal A Alvorada. Segundo contado pelo filho do compositor Zé da Cuíca a canção foi criada por um fato verídico onde ninguém foi participar de um ensaio da escola, dando assim a base para o compositor criar a música. Acompanhamos as notícias do jornal A Alvorada para o ano de desfile da música citada:

Segundo nos informou , seu presidente Sr Edegar Leite Ribeiro, esta escola saíra composta de 40 figuras entre enfezados rapazes e animadas senhorinhas , sob a direção do popular sambista Bola de Neve.

A fantasia será de sambistas-granfinos(dinner-jacket, cartola e calças ,compridas) e para as moças (dinner-jacket, Cartola) e saia. As músicas são exclusivamente da escola.(A Alvorada,xx-xx-51).

Escola de Samba do Ramal

Surge esta escola de samba, trazendo á frente um simpático garoto com indumentária de pindio, envergando vistosa fantasia de cores diversas cantaram vários números e ainda um que era de autoria da escola o samba “ Ninguém ensaiou” e se retiravam cantando um outro número popular, após terem agradecido os brindes oferecidos pela drogaria Urucum.(A Alvorada,xx-xx-51)

Nome da Canção: Se o redondo Acabar

Data: 6 de dezembro de 1953, Jornal A Alvorada

Gênero: Samba

Se o redondo Acabar
 samba de Bola de Neve
 Se o redondo acabar
 o que será de nós?
 Aonde é que vamos sambar?
 Ai,,,si o redondo acabar
 eu sei que muita gente vai chorar
 seu Doutor
 eu sei que o senhor quer dar a cidade mais brilho mas,na
 praça Júlio de Castilhos
 não se pode sambar

porque faz muita poeira
 só mesmo de focinheira
 p ra bem da gente aguentar

A canção se refere com a voz de Bola de Neve, trazendo a discussão da mudança de local do carnaval da cidade, ele se refere em primeiro lugar aos seus parceiros de carnaval, se perguntando a onde se vai sambar, que muitos irão chorar trazendo então a alegoria de que somente de fucinheira se poderia sambar na praça Júlio de Castilhos, trazendo aos carnavalescos como animais que poderia somente sambar com fucinheira para escapar da poeira do local, não pavimentado para o ato de sambar. Por fim faz uma referência a autoridade pública para a atenção de que não se pode participar este ato em frente a uma possível não utilização do espaço público como forma de “civilizar” o centro da cidade da festividade. A canção foi fato de uma polêmica nas rádios da cidade, em favor do protesto do compositor e cantor, no concurso de 1953 o samba Se o Redondo Acabar de Bola de Neve gerou uma grande polêmica que foi comentada no Jornal A Alvorada durante este período o carnaval e sua localização foi gerador de polêmicas na cidade de Pelotas, o samba tinha intenção de contestar a mudança do carnaval do redondo para a Praça Julho de Castilhos, o que não foi realizado naquele ano. O samba

concorreu junto a vários outros sambistas mas o vencedor do concurso foi Walmúrio naquele ano, a música, no entanto, gerou uma polêmica sobre onde seria realizado o carnaval, segue abaixo reportagem no jornal A Alvorada:

24 de janeiro de 1953

...E o <<redondo>> não acabou

Diante do grito que se formou em torno da extinção do velho e tradicional << Redondo>> da praça Coronel Pedro Osório, conhecido de sul a norte do país, folgamos em registrar aquele reduto para onde se convergem todas as atenções do mundo carnavalesco pelotense e forasteiro, continuará a fazer as delicias dos foliões nos próximos dias do reinado de Momo de 1953.

Seria uma injustiça terminar com o <<Redondo>>, pois como eu **desde 1908**, que acostumei , a gozar as delícias daquele aprazível reduto da mais formosa praça do Rio Grande do Sul- em memoráveis folguedos carnavalescos-todo o pelotense sentir-se-ia ferido, pois mais de uma geração samba e se divertiu naquele << Frevo>>, até ao amanhecer.

A idéia da transferencia do carnaval da praça Pedro Osório para a praça Julio de Castilhos, acarreta um grande prejuízo para o comércio localizado no ponto principal da cidade e á população da zona sul seria obrigada a longa caminhada , por exemplo , do Porto, do Fragata e da Varzea até aquela praça.

Acreditamos que a cidade se estende para a zona norte, mas desacordaos que se favoreça a uns com prejuízos a outros, principalmente do comércio mais importante da parte compreendida entre as ruas quinze, Andrades Neves, Floriano, 7 de setembro e Praça Coronel Pedro Osório, que assim ficaria completamente isolada do centro daquela diversão popular.

A mudança de idéia de transferênciã do carnaval para a Praça Castilhos veio reanimar não só o comércio mas toda a população da Princeza do Sul, que assim continuara ao menos em 1953 , a reunir-se nos seus tradicionais ponto de reuniões..

E aqui faço um parênteses, para referir-me ao popular cantor-compositor <<Bola de Neve>> e sua criação: < Se o Redondo Acabar...>>

O seu samba, por constituir assunto em foco – o redondo-revolucionou os foliões pelotenses e os aplausos, não se fizeram esperar como era justo.

O que causou surpresa , é que no concurso a que foi submetido , não foi classificado, como era esperado, pos tinhamos esperanças que tirasse quando não o primeiro lugar ao menos o segundo , premiando assim, o esforço e a inteligência di já popular cantor pelotense.

Seria um ato de justiça e incentivo ao autor de < Se o redondo acabar...> um compositor que promete competir futuramente com outros compositores. Lastimamos que o samba de < Bola de Neve> tivesse sido desclassificado, uma vez que foi o **único** trabalho constituido um assunto em foco relacionado com nosso carnaval de Pelotas.

Não quero dizer que houvesse engano e descuido da platéia que o julgou, mas uma injustiça talvez.

Seja como fôr, oq ue lastimo é que o trabalho de < Bola de Neve> não tivesse encontrado colocação entre os seus competidores, afastando, dessa forma o estímulo do novel compositor Conterrâneo.

Observador

A música gerou uma série na radiofônica com o nome “ E o redondo não acabou...” falando sobre o carnaval deste ano. Segue-se abaixo a reportagem de 1953:

E o redondo não acabou...

O popular radialista pelotense Paulo Braisil do Amaral, inciara dentro de breve dias uma nova série de promgramas exclusivamente carnavalescos sob o título samba que Bola de Neve creou com bastante sucesso.

Tambem o animar de <<vespera de Alegria>> incurrá nesta programação, irradiações diretas das caveras de todos os blocos,<< show>> ao ar livre em todos os bairros, um concurso popular das músicas pelotenses mais interpretados do momento e eleição da rainha de Carnaval Pelotense.

A RÁDIO Cultura (PRH-4) fará através de seus possantes transmissores a irradiação desta série de programas< E o redondo não acabou...>sob o patrocínio de duas grandes firmas que muito horam o nosso comércio.

Agradecemos o novo<<broadcast>> do Tio Paulo.

Valmúrio, o << Príncipe dos compositores>>, já é o campeão nisso na categorias marchas

Quarta-feira á noite, no guarani foi realizada a semi-final do concursos de musicas de compositores Pelotenses.

Inciando o desfile Victor Jacob cantou de carlos Leão, << sou xavante>>,marcha .Logo após Claudio Braga interpretou de Valmúrio , <Agora e vocês>(Rosa) Marcha. Essas foram as marchas que faltaram concorrer.

Claudio Braga inicou o desfile de sambas cantando <Ela Sofrera> de Luís Freitas, a seguir as garotas de Judite e Leda Borges surgiram interpretando <Helena> de Valmúrio.

Bola de Neve a seguir, interpretou magistralmente o seu samba<Si o redondo Acabar>.A seguir procedeu-se o escrutino.Os próprios diretor do programa, Sr. Miguel Rocha solicitou aos elementos para fazerem a apuração: Sr Cyro Oliveira,N Queiroz dos Santos Teoronio Soares e Pedro Lourenço Filho,todos os compositores assistiram a apuração. No certame de marcha saiu vencedor o Compositor Valmúrio, que nessa categoria se tornou campeão.

Numa retrospectiva geral, temos para a prova final de quarta-feira próxima, os seguintes números:Samba<Um novo amor> de Alor e M. Pinheiro<Perdoar, nunca mais>, de Menotti e Nogueira e <Helena>, de Valmúrio. Em marchas , como dissemos acima e vencedor Valmúrio com <Dorotéia>, <princesa do Sul> e <Agora Voces> terão sua classificação final o primo dia 14 do corrente 21 hroas, no programa creado pelo grande musicista rochinha com sua afinada orquestra<tudo é Lucro>;

Nome da Canção: Jurema

Data: Jornal A Alvorada

Gênero: Samba

Autor: Zé da Cuíca e Nogueira(Segundo José Luís seria Nelson Bernardes)

jurema você não teve pena
do meu penar

desce jeito você envenena o meu pobre coração

A canção foi cantada durante o desfile de 1954 junto a Escola de Samba General Osório, que no mesmo ano realizou outros números.

No ano de 1954 para a escola de samba General Osório Zé da Cuíca compõe junto com Carlos Nogueira, o samba Jurema, tema do qual a escola desfilou neste ano.

música de carnaval era realmente divulgada e aplaudida pelas multidões.(...) De todas as músicas que já compôs, só ou com seus colegas e amigos, as mais cantadas até agora, foram: 'Marcha da Lambreta', o samba 'Coração' e o samba 'Jurema', esse de parceria com o querido amigo Zé da Cuíca, samba esse que nos proporcionou um primeiro lugar (DIÁRIO POPULAR 04/02/1982, p 6, apud IANSA, 2004).

A música é uma história de amor.

Nome da Canção: Senhor Prefeito
Data: 1956
Gênero: Samba
Autor: Zé da Cuíca e Bola de Neve

Senhor Prefeito

Que fracasso!
A enchente levou tudo que era meu;
Até o meu barracão, a água levou
Eu não morri afogado
Porque Deus me ajudou
Moro na Vila Castilhos
Passando o pontilhão
Num terreninho, doutor,
Que eu comprei à prestação
Mas o senhor é um homem
De brio e tem bom coração

Esta música se refere a uma grande enchente que aconteceu na Vila Castilhos em 195X, no período de carnaval. A música foi gravada por Solon Silva no disco Música Popular Pelotense, durante as várias vezes durante o período que tenho estudado o encontrei em bares e eles sempre executava a canção e comentava a origem da composição, vários bairros da cidade eram conhecidos como Coréia em referência a guerra, por serem locais conhecidos por suas confusões. Como fala o filho de Zé da Cuíca a música foi composta

por causa das amizades que os compositores tinham na localidade e muitas vezes iam para lá tocar, seria um local com muitos ritmistas.

A letra trata do drama das pessoas da localidade frente a uma tragédia, uma grande enchente que chegou a deixar pessoas mortas, conforme segue a letra, seria um apelo ao prefeito para que ousasse ajudar os desabrigados.

Esta composição se gravou campeã no concurso de compositores Pelotenses realizado em 1957 e do concurso em uma rádio.

Segundo Ladislau Cavalheiro que viveu a enchente de 1956, e conheceu na integra o compositor Bola de Neve cantando o samba na Vila Castilhos:

E o que me chamou a atenção disso tudo ai, que eu quando tinha 7 anos na vila Castilhos, teve uma enchente, no carnaval, em meia hora a vila ficou totalmente coberta de água, la do fundo da vila até os trilhos, me lembro que a gente vendia carne de porco, as famosas banquinhas da volta da praça, e tinha um cara que andava na nossa Vila chamado Bola de Neve. Então passado uns dias, ele andou pela vila, a gente moleque lá pelos 6 anos de idade, eu tava começando a escrever, tu ve tudo como cheguei a cantar na Globo hoje, cantei agora em 2011, e compor, compor me chamou atenção a forma como ele escreveu este samba né. Aquilo ali, o Bola de Neve, compos e pode acreditar, o Zé da Cuíca tem parte nesse samba, mas a gente era criança, e tava no boteco do Rosalino, lá na Castilhos, ali era uma cancha de jogo do osso, no fundo, a gente era moleque e não podia entrar, então a gente entrava por trás, que os caras que ganhavam no jogo nos pagavam alguma coisa, ai eu vou te citar algumas figuras, Didi Farofa, os Mondongos, que era o Nico o João, os velhos da época né? Falecido Bastião, enfim eram os famosos brigões da vila Castilho da época, que ali eu vi, olhando com os meus olhos, eu vi duas mortes onde um matando outro na frente da casa da minha mãe com uma adaga, o falecido Dedéco o cantor matou o dedeco com uma facada, foi defronte o bar do seu Honório, isso tudo é coisa que eu tenho na minha memória, naquele período a gente resolvia a coisa na pancada mesmo, mas em relação a arte, esse samba foi muito cantado na época, esse senhor Prefeito, que o Bola levou, e foi escrito que eu pedi e mais uns moleques da época, ele escreveu num papel de pão, porque pão naquela época vinha enrolado num papel, e eles largavam nos bares, la o pessoal ia comprar, para ti teres idéia, tu chegava no açougue o açougueiro na mesma mão que pegava carne, enrolava num jornal a carne, ou senão enrolava numa folha de revista, e vida que segue, não tinha essas coisas de higiene, não tinha os germes implantados pela humanidade atualmente,

e quando o Bola fez esse samba e cantou lá na esquina do boteco do Rosalino, estavamos eu, (...), Pé de Ferro, e não me lembro qual era o outro, o quarto curioso em música, mas já havia conjunto na castilho havia o (...) irmão do Paulo bebida, o Mosquito um violão de primeiríssima linha, se fosse vivo seria um dos mais respeitados violonistas do Brasil, quando ele cantou esse samba a gente pediu para ele escrever num papel de pão, e ele deixou uma cópia para nós, num papel de pão, até a gente criou, naquela época não tinha papel higiênico, como tem hoje, bota ai na saída a gente se encontremo, comia o pão e usava o papel para. Ai no na saída nós

nos encontramos ele botou a letra desse samba, ele inclusive o Paulo Brasil do Amaral que era da época da política, depois ele fez uma demagogia extrema, ele usou parte desse samba para conseguir dinheiro para os flagelados da Castilho que nunca viram um centavo. Tudo em cima do samba do Bola de Neve e escreve o que to te falando do saudoso Zé da Cuíca tinha parte nele.

Dali as coisas foram acontecendo, já o Bola faleceu ficou o Zé da Cuíca, com as participações dele, que pra mim arranjo pra samba, na mente que ele fazia, arranjo que ele fazia dava uma beleza fora do normal, ele botava uma beleza na melodia dos samba-enredo, to te falando isso pelos sambas que o Zequinha fez, ouvia, aqui põe assim, aqui faz assado, lá na sapataria dele. E o que eu sei até agora, Então uns caras extremamente talentosos, para compor e fazer um retrato de uma coisa que eu vivi. O Bola lá da ponta de cima dos trilhos, olhou a vila tapada da água, e começou aquele samba, não sei se o Zé tava presente naquela época, porque eu era mandinho, arrecem tava de calçanzinho, isso ai foi obra que eu consegui, cada vez que eu canto nas festas de samba, eu viajo no passado, eu agradeço até hoje, por essas duas figuras maravilhosas que são, Zé da Cuíca e o saudoso Bola de Neve.

O pontilhão, quando tu vais para a rodoviária, não tem o parque do Sesi? Não tem uma espécie de canalzinho ali? A direita se tu vem tem um canalzinho ne? Aquele canalzinho passava por dentro da vila Castilhos, ali era o pontilhão, dentro da vila Castilho, naquele mesmo seguimento, ali era o pontilhão, isso ai que teu tio-avô escreveu no samba dele, "moro na vila castilhos/passando o pontilhão". Quando ele namorava, tinha as namoradas, na época e tal, lá na vila tinha uma peculiaridade, era proibido quem não era do nosso grupo dos veteranos já, Mondongo, Didi Farofa, enfim, Mané do Casaco branco, que a gente chamava ele, ele ganhou a vila com aquele samba, ele devia ter alguma namorada depois do pontilhão lá. Eu tomei 8 enchente por cima mas essa foi, uma das maiores tragédias, porque ali era criação de porcos ali na castilho, e o pessoal assava os porcos para vender no carnaval, o meu falecido velho mesmo, tinha banquinhas na volta da praça, ele tinha 145 porcos, acabou a enchente com 12. E ai nos levaram pro parque agrícola. A gente dormia as vezes numas manjedoura. O exército ia lá levar comida pra gente, mas depois que a água baixou, que surgiu o evento desse samba do Bola de Neve, esse foi de meio. Eu não vi eles escrevendo o samba, mas acho que foi de meio com o saudoso Zé da Cuíca.

Segue o relato do sambista Beto Alfaite sobre a criação da música:

Naquela época era assim como, eu gostaria de ser compositor como era, eu não tenho esse talento, porque eu trabalho na música a muitos anos mas eu trabalho inclusive como ritmista e cantor. Inclusive eu canto uma música do falecido Zé da Cuíca, ele era como eu, era compositor e trabalhava como sapateiro, assim como eu, sou alfaiate, e sou músico ritmista, e cantor. Varias músicas que ele fez, inclusive tem um samba que eu acho que ele fez criticando, na época criticando o nosso prefeito da época, agora eu não me lembro quem era, e naquele tempo tinha muita enchente, naquele tempo do arroio Santa Barbara, tinha muita enchente, e ele fez uma música, um samba, que marcou uma época, hoje nós temos uma população de 400.000 habitantes, naquela época era uma base de 150.000 mil mais ou menos, mas naquela época tinha muita enchente, tinha mesmo, porque tinha o arroio aqui santa Barbara, que ele fazia

ligação com o outro ali do, santa barbara com o São Gonçalo, tinha muitas casinhas assim na volta dele e qualquer coisinha enchia as casas de água, e ele fez um samba inclusive, o Zé da Cuíca, tinha outros mas eu me lembro ele fez um samba assim ó,

Isso ai ele fez naquela época e foi um sucesso, inclusive tinha os festival a gente ia nas rádios naquela época, Rádio Tupanci, e bem na época do carnaval, a gente ia ensaiar lá que era na rua XV lá perto da Cassiano, a gente se falava lá e depois ele ia pros festivais do tinha naquela época, Rádio Pelotense, ali no Gonzaga, então era uma história falecido Zé da Cuíca. Que realmente ele era muito fantástico,

Eu sou de 1948, o Zé da Cuíca na época ele era naquela época, 45, 47, 1950, essa época que tinha os grandes carnavais aqui, 1950, 50 e pouco, e ele fazia esse, eu não me lebro, tenho 3 composições mais dele mas eu não me lembro, que eu me lembro era essa sai, que ele fez o maior sucesso na época,

Conheci os dois, mas o que eu tinha contato era com o Zé da Cuíca, ele morava bem pertinho da minha casa, na Andrades Neves, eu morava, mas eu conhecia toda aquela Zona lá, inclusive eu estudei no Gasômetro, nesse samba ele tá falando a respeito do gasômetro, tu vê que eu estudava na Andrades Neves, estudei no Fica Ahi, no Sagrado Coração de Jesus, aquela volta ali tudo eu conheço, naquele tempo tinha, a Barão de Mauá tinha o trilho de trem que tinha que descarregar lá embaixo no Porto, lá embaixo no Porto por causa dos navios, era assim que era...

Claro, quando era aqui embaixo, mas eu comecei mesmo era no Gasômetro quando era garoto,

Qual daquela região é o gasômetro ali?

O gasômetro aonde era a Ovebra, era o gasômetro, naquela época não tinha fabrica da Ovebra, depois que veio, (André aquela usina..) isso, ali é o gasometro (Beto Alfaite, 2018).

A família do compositor Zé da Cuíca que vivia na região chamada Fábrica de Papel, na rua Almirante Tamandaré também foi atingida pela enchente relembra José Farias, momento em quase terminaram com o desfecho da vila Castilhos onde houve até mesmo mortes durante o incidente.

A reação do compositor Bola de Neve ao ver a Vila Castilho durante uma enchente foi a inspiração para a canção junto a seu irmão. A canção, talvez a mais famosa dos compositores, foi ouvida por Solon Silva nas rádios da cidade, e a partir disso ele inclui a canção no seu disco Música Popular Pelotense, que tinha o objetivo de resgatar antigos compositores pelotenses. A canção foi campeã no ano de 1957 de um concurso de músicas carnavalescas da cidade, em que se sagrou com o primeiro lugar.

Nome da Canção: Salário Mínimo

Data: 1955, Jornal A Alvorada

Gênero: Samba

Autor: Zé da Cuíca

Te apressa carmelita

Falta um quarto para as sete
 Apronta a minha marmita
 Que eu vou no trezinho do Meneguette

II

Meu deus do céu
 Se eu não tomar este trem
 E perder o meio dia
 Lá se vai o domingo também

III

Agora ganho mil e oitocentos
 E continuo no mesmo sofrimento
 Tenho quatro boca para dar o pão, ai!
 Veja só a minha situação
 Ja nem se pode botar mais gordura no Feijão
 (breck) Não, não

No ano de 1955 Zé da Cuíca lança a Música Salário Mínimo, que sai reportagem na coluna **Vozes da cidade**, do Clube Cultural Fica Ahí, no hebdomanário A Alvorada, onde falam sobre artistas Pelotenses. Seu filho não lembra desta música, em entrevista com o radialista Marcos Fonseca ele relata que o prefeito Mário Meneguetti criou uma série de locais onde se podia comprar alimentos em preço mais acessível, com certeza essa é a referência desta música que trás o drama urbano de uma pai de família na cidade de Pelotas no período. Este samba o filho do compositor não soube cantar.

Nome da Canção: Não deixem o Redondo Acabar
 Data: 2 de março de 1962
 Gênero: Samba
 Autor: Zé da Cuíca

Não deixem
 o redondo da praça acabar
 Vamos pra lá sambar
 Onde estão as cuícas e os tam
 borins

Que eu não ouço falar?
 O redondo tem que voltar a em
 fezado

A turma sambava até ficar ca
 são
 Clareava o dia, e ainda tinha
 batucada

Hoje ele emudeceu
 Não tem mais alegria e até
 batucada morreu

(Breque) Não deixem acabar

Novamente o apelo ao carnaval do redondo agora pelo outro irmão, seu filho ainda lembra a melodia da música. A música busca constituir um apelo ao carnaval do Redondo, segundo um relato da cidade, seria um carnaval da classe mais baixa da cidade. A música participou do concurso do ano de 1962.

Nome da Canção: Senhor Prefeito
Data: 11 de fevereiro de 1968
Gênero: Samba
Autor: Zé da Cuíca e Luís Elste

Carnaval
É feito para a gente brincar
É neste carnaval
Não quero ver você chorar

mande a tristeza embora
e venha comigo brincar
Venha comigo agora
e juntinho vamos cantar

Música realizada com Luís Elste, fotógrafo do Diário Popular e amigo do compositor, a temática da música parece ser sobre as relações amorosas e o período do carnaval. Não sei afirmar se a letra é de Luis Elste e a melodia de José Farias. A música participou do concurso

Nome da Canção: Nosso Amor
Data: 18 de janeiro de 1969
Gênero: Samba
Autor: Zé da Cuíca e Luís Elste

Mentiram, caluniaram
queriam ver
o nosso amor morrer

Gosto de você, meu bem
sei que você gosta de mim
e por causa de conversa
o nosso amor
não pode morrer assim

Outra música sobre amor, a canção tem caracter de discussão de uma relação e o que parece ser algum boato espalhado sobre o casal. A canção participou do concurso de musicas carnavalescas do ano de

Nome da Canção: Exaltação a cultura negra no Brasil
Data: 23 de fevereiro de 1980

Gênero: Samba-enredo

Autor: Ze da Cuica e Oswaldo Machado Alves(Oswaldinho do candomblé)

E o negro festejando a sua iluaiê
Ole le le le leie

O negro

Negro, maravilha varonil
Viste do além mar
Fazer samba no Brasil(Bis)

E este pais exaltou
A este negro, que aqui chegou
com seus costumes e magias
Fazendo poesias
Que ao Brasil consagrou(bis com seus
Costumes (e magia)

Acordem este negro colossal
Que fez o carnaval
Para o povo brincar
Neste ritmo contagiante
Neste festa deslumbrante
Que a Osório vem mostrar (voltar o le lêo)

Esta canção realizada com amigo do compositor Oswaldo tem como tema a população afro-brasileira e sua história. Este samba parece ser da época em que as escolas escolhiam um compositor para o samba sem a realização de concursos para escolha do samba.

Nome da Canção: Viagem ao mundo dos sonhos

Data: 6 de março de 1981

Gênero: Samba-enredo

Autor: Zé da Cuíca e José Freitas Farias

Eu viajei viaje
nas asas da imaginação
galopei num cavalo alado
Num universo de encantação
e nesse mundo encantado
Neste palco iluminado
Agora venho contar
A viagem ao mundo dos sonhos
que a Osório vem apresentar
O mago e fada sorriam para mim
e no oriente, eu vi Aladim
e Zé Carioca tocando pandeiro
cantando um samba bem brasileiro
A branca de neve e os sete anões
brincavam de roda e cantavam canções assim
Atirei o pau no gato
mas o gato não morreu
refrão

Atirei o pau no gato
mas o gato se escondeu

Samba do filho do compositor Zé da Cuíca e seu pai, sendo uma viagem pelas histórias infantis, da fantasia, tema corrente no carnaval como festa. A canção foi desfilada pela Escola General Osório em 1981.

Nome da Canção: Brasil Alegria tropical
Data: 1985, jornal Opinião Pública
Gênero: Samba
Autor: Ze da Cuica e J.J Soares

Ecoou ôôô
da senzala um canto de louvor

de uma mistura de raças
que hoje faz parte da massa
A Oxala nosso rei Protetor

Retratando
Retratando nossa terra
abençoada por Oxalá
cachoeiras e cascatas
o belo verde das matas
e canto do sabiá

cantando
cantando amores
primavera, verão
frutas e flores
riquezas do chão

brasil
brasil seresteiro
da mulata e do pandeiro
Crenças mitos e magia
carmen que lembra a Bahia
Tai eu fiz tudo pra você gostar de mim

embalando seu canto
a vermelho e branco
vem dizendo assim

A ordem do rei é sambar
nessa alegria tropical
eu vou feliz e vou carntar (bis)
Domingo tem gol e hoje é carnaval

Este samba de J.J Soares e Zé da Cuíca faz referência aos elementos da cultura negra, do futebol da cidade, onde no domingo haveria um jogo do

Brasil de Pelotas. O samba foi apresentado pela Escola General Telles em 1985, vencendo o concurso de sambas-enredo.

Nome da Canção: E o amanhã será assim ou assado?

Data: 17 de fevereiro de 1985

Gênero: Samba-enredo

Autor: Ze da Cuica, J.J Soares e Otávio Soares

Puxador:Nóia

o cigana minha linda cartomante
Nas linhas de minha mão
Torna próximo o distante
Vê a Teles na avenida
Fazendo desta vida uma alegria contagiante
(bis) No baralho da sorte , quero ver o que vai dar
se eu serei feliz e o amanhã como será?
Sera com justiça, paz e amor
e o vento da liberdade
soprando a verdade numa, terra sem temor
que o verde seja mais verde
A agua mais cristalina
e haja mais esperança
na semente que germinara
Bis sera o amanhã será assim....sera?
Só quem viver é que vera
o meu sonho é colorido
na beleza e no sentido
utopia sem igual
afinal ele encerrada
o fascínio que ha na terra
na explosão do carnaval
Bis Gira a roda da vida
Vamos todos girar
se é tempo de amor
então vamos cantar

Outra música sobre religiosidade afro-brasileira, e a questão do amanhã e das esperanças sobre a vida. O samba é apresentado pela escola General Telles em 1986, vencendo o campeonato de sambas-enredo.

5 Sambas da cidade

5.1 Os músicos e sambas que fui

Assim passa os dias da cidade, festas nas famílias, de vizinhanças, as festividades da cidade dão continuidade ao samba, seja como espetáculos como no mercado central da cidade, ou então em festas mais intimas dos bairros e bares da cidade. Durante este dois anos acompanhei o samba no mercado público da cidade, mais heterogêneo, com grande participação das pessoas ligadas aos bairros, escolas, entidades, universidades e público em geral. Os sambas que acompanhei em bares como o Bar do Rogério e depois Bar do Mapa, existiam mais músicos de choro e samba mais experiente, e logo após mais a noite grupos de jovens. No bairro Laranjal acompanhei Solon Silva e banda com músicos experientes e público mais velho, parece um encontro da velha guarda das serestas da cidade.

Alguns dias fui ao Esquentão no bairro Navegantes, onde se misturam músicos da velha guarda e jovens que estão começando. E por fim fui á sambas no Bairro Cruzeiro, ali sim o samba era mais intimo da vizinhança, no entanto, o samba não deixava de ter qualidade. Em todos locais, o samba é sempre acompanhado de comida e bebidas alcoólicas, as festas de diversos locais sempre são espaços onde todos participam, a maioria dos músicos são do sexo masculino, no entanto, algumas musicistas que pude encontrar pelo tempo dentro dos sambas em que fui. O maior é o samba no mercado que agora é realizado nos sábados, este foi meu primeiro encontro, pois minhas experiências de infância com relação ao samba sempre foi o antigo Posto 3 Bar no bairro Laranjal, e ainda me recordo do Bar do Costinha no Balneário dos Prazeres, ambos acredito fechados na atualidade. Novos locais vão se construindo para seguir a tradição dos sambas. Os músicos estão sempre se renovando, e a velha guarda já é conhecida dos jovens da cidade, já músicos com formação em diversos grupos famosos da cidade e anos de estrada.

5.2 O samba do Esquentá

Numa tarde de domingo, fui participar em um samba, aniversário de um amigo de meu padrasto, naquela tarde diversos músicos na comunidade do cruzeiro, pela tarde a banda se forma com moradores da região, primeiro som mecânico, samba e música Black, churrasco na praça da comunidade, após o almoço a banda começa a se formar, com músicos do local e do bairro Navegantes, durante a tarde um dos entrevistados, Pio, sambista antigo se junta com os novos músicos, durante a execução das músicas, as pessoas se emocionam tocando ao lado do mestre. Combino com ele uma entrevista mais tarde no samba que tradicionalmente tocam, o Esquentá no bairro Navegantes. Ali se faz o encontro de diversos músicos da cidade, assim como próximo a outro samba o Paraíba.

Chego junto a outro músico atravessando as favelas do bairro Navegantes, conversamos sobre como tocar violão, chegamos ao samba, conversamos com Pio, ele continua o nosso assunto, já a segunda semana que vou participar no samba para entrevista-lo. Ele toca junto ao Solon Silva nos finais de semana na praia do Laranjal.

Pio, comenta que desde criança participava dos grupos do Guaranis que saiam na região do Porto. Sua paixão foi o futebol, desde jovens buscou jogar futebol nos times de várzea da região do Porto, chegou a jogar no internacional, no entanto teve um acidente onde machucou a perna, após a recuperação começou a jogar no Rio Grandense onde jogou durante 3 anos. A partir deste momento começou a trabalhar também no Porto de Rio de Grande, local onde começou a receber uma boa quantia em dinheiro. A partir de uma das saídas encontrou em um bar um dos membros da banda, onde começou a tocar cuíca, a partir disso começou a participar do agrupamento musical. O rendimento, abandonou o serviço do Porto e começou a mudar da área do Porto para a música onde começou a tocar na noite. A partir disso começou a montar a banda Partido Alto em 1982, banda que o colocou em destaque e onde participou em diversas casas de espetáculos em Pelotas e Rio Grande. Com essa banda viajou por Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Abriram uma série de show nacional e internacional. O grupo durou durante 15

anos, e após a época continuo com show com músicos da cidade. Amigo de Zé da Cuíca, durante muito tempo frequentou sua sapataria, e a partir dali compôs o primeiro samba da estação primeira do Areal. Conheceu os compositores através dos sambas veiculados pelas rádios da cidade, em que passavam os compositores da cidade. Pio toca todo domingo no bar chamado Esquenta. Nas sextas-feiras toca com Solon Silva.

Gilberto Gomes, o Banha, ex-presidente da Academia do Samba e membro do grupo os Santos, responsáveis pela gravação do hino do clube de futebol Brasil de Pelotas. Começou a tocar bateria nos cabarés da cidade, logo participando como primeiro Mór do Colégio Gonzaga, participou de diversas bandas da cidade excursionando pelo estado. Tocaram diversos anos nas tardes de domingo do Clube Fica Ahí. Conheceu o compositor quando eles se encontravam na Casa Edson, ponto de encontro entre os antigos compositores da cidade. Atualmente o conheci tocando junto ao conjunto de Solon Silva tocando nas noites de sexta-feira do Laranjal.

Figura 17 - Samba no Esquenta



Foto de Maria de Lourdes Broqua Gomes.

Figura 18 - Samba no Esquenta II



Foto de Maria de Lourdes Broqua Gomes.

Figura 19 - Samba no Esquenta III



Foto de Maria de Lourdes Broqua Gomes.

5.3 O clima do samba

O clima das rodas de samba da cidade é de uma energia festiva, diversos sentimentos estão expressos na sua constituição. Nas festas, comida, bebida e bom um humor não faltam. E com certeza a aprendizagem com os

músicos mais velhos, é algo didático, a ironia é parte presente. A saída da rotina diária, os encontros e trocas de experiências de vida, são marcas dos encontros que participei. Ao contrário que uma opinião longe da realidade, a ética e parte importante desta comunidade, e não me faltaram críticas sobre meu entrosamento entre os músicos.

O companheirismo entre eles é algo muito forte, sendo visto a figura do mestre como importante, alguém com notório saber sobre as duras realidades das vidas nas periferias da cidade. É a aprendizagem músicas manifesta dentro de outras entidades que não apenas que vivemos em nosso dia-a-dia, mas a criação de espaços em entidades sociais ou nas ruas da cidade, como forma de manutenção das tradições e culturas da cidade. Os conflitos inerentes acontecem como em qualquer outra situação social que vivemos, mas nesses espaços a presença daqueles mais excluídos da sociedade se faz mais presente. O espaço público como espaço da democracia, é um jogo de influências dos grupos que os ocupam, na busca da manutenção de suas formas de viver, ao contrário do que se pode perceber nos espaços de decisão de poder, que são fechados aos grupos mais discriminados através da manipulação político partidário, esta mesma sendo alvo constante de críticas feitas por carnavalescos nas rodas de conversa e nas rádios da cidade.

Me parece bem colocado através das visões dos carnavalescos, esse é o espectro deste local, a roda de samba, gerido através de um encontro com a música popular, que trás o tom emocional dos fatos da vida nas camadas mais pobres da cidade. Os bares são pontos de encontro entre esses músicos, por toda a cidade lá estão eles participando tocando seus instrumentos até a exaustão, na busca de uma perfeição de sua arte popular, a participação de todos é chave para o funcionamento. Pedidos de desculpa, agradecimentos, eventos, homenagens são feitos dentro das rodas de samba, toda uma rede funciona para que se possa usufruir de algum lazer nos dias fora do ambiente de trabalho.

Acredito que para muitos aposentados que conheci é uma forma de manter-se no mundo, participando na realização das formas de associação da população na busca por melhores dias ou apenas no consolo de suas dores existenciais. A música, esta instituição das terras brasileiras do encontro das

raças torna-se parte importante na criação da alma deste povo, a mesma mexe com o sentido espiritual de cada um, de modo que a vida em nossa cidade em qualquer casa de pessoas negras (onde posso falar com certeza), ela se encontra presente talvez uma continuidade de alguma forma de se comunicar da herança africana. A questão é que pude ver durante esse meu tempo de vida, o próprio começo meu e de meus amigos, batendo em baldes e panelas para fazer música e ainda hoje encontrar os meninos na Vila Castilhos tocando em latas pelas esquinas, a música está presente em nossa constituição como nação. Ou nas rodas de viola no bairro Pestano, a convivência entre amigos ou vizinhos é estimulada nessas atividades e a forma popular de reunião nascida no seio do povo brasileiro.

Por outro lado, o que assola muito essas comunidades e a forma do abuso de drogas, também como marca, desde os mais jovens até os mais velhos, no seio das atividades culturais e eu como muitos outros não fugimos a regra, e parte constituinte desse lado da cidade. Jornadas cansativas de trabalho ou desemprego, desilusões amorosas, problemas mentais, discussões acaloradas, problemas de moradia em comunidades assoladas pela miséria, relações entre homens e mulheres, vizinhança, o luto, a fé, as drogas, criminalidade e infâncias perigosas, são o seio, são motivações para a busca de uma fuga, um encontro com personagens de outro mundo, longe dos jornais e das salas da alta sociedade de Pelotas. Outras histórias são narradas, a partir de uma perspectiva popular, que talvez nunca sejam escritas por páginas de livros, a imensidão das comunidades negras, dos becos, das vilas, dos locais perigosos onde se sustenta ainda muitas dessas histórias anônimas que ecoam nas batucadas intermináveis, nos lamentos e alegrias das vozes dos cantores da cidade.

As formas populares de educação, do viver e sentir, são elaboradas e constantemente reelaboradas nos espaços públicos, como fala José Luís Farias, quando de alguns anos atrás em relação as mulheres, por exemplo. A sociedade se reconstrói em períodos, seja para um lado melhor ou pior, mas sofre constantes modificações. A minha análise fala muito sobre o lazer em bairros mais pobres, tomo como exemplo onde moro, um bairro de classe

média, onde toda a agitação nas ruas é completamente inexistente, ao passo que nas vilas e bairros populares ela se torna muito mais intensa.

O mundo da música, pela visão dos mais jovens não constitui uma fonte de renda para os mais jovens, apesar de exímios instrumentistas, conforme a entrevista com Pio, antigo músico da cidade, a quantia que se podia arrecadar tocando nos anos 1980 em diante aos poucos foi diminuindo, de modo que hoje a classe que acaba conseguindo algum rendimento seria principalmente os empresários, donos dos espaços de festas, porque na realidade os músicos, hoje talvez em até maior quantia que antigamente, já não conseguem viver tocando, a maioria tem algum emprego durante a semana e nos finais de semana aproveitam para tocar nas rodas da cidade, falo isso dos mais jovens, já que alguns mais antigos já possuem certo prestígio para tocar. Destas minhas idas a campo, para além dos entrevistados, conheci poucos músicos que viviam da música, assim como Zé da Cuíca e Bola de Neve a décadas atrás, tiram seu sustento de outras profissões.

Apesar de toda a fama e história do carnaval da cidade, até hoje não se tem consenso na criação de um espaço para a folia, de modo que nos últimos tempos, cada ano é uma batalha para ver o local onde será realizado, não existe uma política pública realmente forte não apenas no sentido do carnaval, mas da cultura em geral, com estratégias nos bairros, de modo que as iniciativas que conheço são fruto de iniciativa popular, nem sempre recebendo apoio do poder municipal.

5.4 O samba e a tecnologia

A tecnologia permite hoje a criação de eventos através das redes sociais, como fala Beto Alfaite acerca de sua banda que há 26 anos, sempre no carnaval, de casa em casa dos amigos, andando de ônibus pela cidade, existe muitas batucadas pela cidade, mas banda só a nossa, diz ele. E continua, hoje é tudo na base do facebook, os ensaios já estão todos na rede. Diversos sambas, ou como diz Beto, diversas batucadas pela cidade são divulgadas pelas redes dos músicos e parceiros das atividades. Minha mãe, por ter diversos amigos ligados ao samba, recebe mensagens não apenas de eventos

realizados aqui, mas por todos os locais no Brasil, hoje é possível ver atividades negras das mais diversas por este imenso continente.

As redes de amigos e não somente elas, mas também perfis dos bares que tocam samba na cidade, revelam quem estava lá naquele dia, indica quem participou, ajuda nas fofocas da cidade, orgulham seus músicos. Os espaços do samba são disputados entre os próprios músicos, alguns de renome outros amadores, todos estão espalhados pela cidade, e como em qualquer grupo humano, conflitos são gerados e gestados pela própria comunidade.

Não sei ao certo o exato número de bares, mas nos bairros de grande presença negra eles estão sempre presentes, como eventos regulares ou não são ponto de encontro deste público que aprecia uma boa cerveja gelada, dança, conversa e música. Os frequentadores do Bar Esquenta, por exemplo, reúne famílias inteiras, desde crianças pequenas até as pessoas mais velhas que se congregam em torno da musicalidade. Outros bares mudam de perfil, como o Antigo Bar do Rogério, logo após Mapa, onde estão mais jovens e pessoas de meia idade. Ou nas rodas de samba de meu bairro Laranjal, onde estão presentes no Bar do Alemão às sextas-feiras havia com Solon Silva e Banda o pessoal mais ligado a velha guarda, pessoas já de idade mais avançada, que apreciam um repertório mais antigo, uma vez que o dono do Bar faleceu neste ano de 2019. Enquanto que nos outros bares do bairro ou no Shopping Mar de dentro um público mais heterogêneo, compostos por jovens e pessoas de meia idade, com repertório mais atual. Por fim também acompanhei o samba do mercado, outro espaço de público meia idade e juvenil, algo me chamou a atenção, é que o formato do espetáculo é o mesmo em diversas regiões do Brasil, uma mesa ao centro, os músicos ao redor, imagens de santo, isso se repete em diversos vídeos de outros locais que assisti. A religiosidade também se encontra no Bar Esquenta, onde uma imagem de São Jorge esta colocada junto com oferendas ao santo. Nestes locais o repertório é geralmente o chamado Samba de Raíz.

5.5 O Bar do Leão

O namorado de minha mãe morador do antigo Bairro Cruzeiro, foi o palco onde assisti diversos sambas. Aquela comunidade ao redor da praça principal do bairro e dos becos que ali existem, se organizam em torno do Bar de um de seus moradores, o Bar do Leão, ali sendo ponto de encontro dos moradores. A partir dali organizam seus almoços, jantadas e festas de comemoração a datas festivas, ou um simples “ajuntamento” de amigos, onde muitas vezes acaba acontecendo uma roda de samba. Flávio Beles, 55 anos, já foi passista na Escola de Samba General Telles e participava da ala do seu Clube de Futebol, Raízes, formada por negros em referência ao seriado do livro de Alex Haley. Agora já próximo a terceira idade em sua casa comprou uma série de instrumentos e sempre que possível ele faz então sua roda. Os músicos são da redondeza e dos bairros próximos, não tem uma periodicidade, mas já participei diversas vezes tocando com eles e conversando.

A maioria dos músicos que são profissionais toca na noite, mas todos vivem de outros serviços como construção civil, sendo que a música é seu alívio da semana dura de trabalho, apesar da qualidade dos músicos não tem a possibilidade de viver da música.

As rodas são exemplos de uma emoção contida no dia-a-dia, num dos domingos o mestre Pio foi tocar junto a eles, no meio da roda após ele cantar uma música de Emílio Santiago, o banjo, Zezé não pode conter sua emoção em tocar com um dos antigos músicos da cidade. Confesso que por causa das letras, muitas emoções me invoca durante a execução das músicas, o lamento africano, me deixa a ponto de lágrimas, mas nos contemos. Grandes vozes vão cantando durante a noite, pessoas que vem e dão “seu recado”.

A idade dos músicos é na sua maioria ainda jovem, que convive com antigos tocadores da cidade, a qualidade é sempre alta dos músicos.

Figura 20 - Samba na frente do Bar do Leão



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 21 -Samba na frente do Bar do Leão II



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 22 - Esquenta, samba no bairro Navegantes



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 23 - Esquenta, samba no bairro Navegantes II



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24 - Esquenta, samba no bairro Navegantes III



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25 - Esquenta, samba no bairro Navegantes IV



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 26 - Neta do compositor na Escola de Samba Praiana 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 27 - Samba



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 28 - Samba II



Fonte: Acervo pessoal.

6 Considerações finais

Uma pergunta fica em minha cabeça, aonde querem levar a população negra que já se encontra nas periferias? O mercado público da cidade se tornou parque de disputas entre a burguesia pelotense, que busca retirar as atividades negras do local, espaço construído com mão de obra africana, local em que os próprios descendentes destas pessoas não podia freqüentar, e hoje local de sociabilidade da comunidade negra, vem sofrendo repressão, levando em conta dois eventos, a sexta-feira Black, que foi cancelada no espaço e o samba do mercado, que foi suspensa com ordem a partir de um “ cidadão”, que em denúncia ao mercado como fator de causador de distúrbios devido a altura dos instrumentos, como uma medida que ultrapassava um decibel, o suficiente para terminar com o evento, ou seja, um caso explícito de racismo embasado pelos tribunais de justiça. Durante a semana dos meses finais deste trabalho estive acompanhando a reunião dos sambistas realizada no centro do mercado da cidade com várias entidades e músicos ligados ao samba.

Após a resolução o samba no mercado volta ao funcionamento, e veremos o que será do futuro das manifestações da cultura negra na cidade a perseguição a estas manifestações se exemplifica em instituições educacionais, policiais, de saúde e recreativas.

Como os sambistas falam, há anos tenta-se na cidade manter seus locais do carnaval que foi trocando de espaço saindo do centro da cidade, da rua XV de Novembro, passando pela avenida Bento Gonçalves, na antiga estação férrea, chegando finalmente ao Porto, longe do centro da cidade, de modo que outras manifestações também buscam ser lesadas, principalmente aquelas que ocorre mais seguidamente no centro da cidade, o que é um fator da cidade a anos, que não possui lugar para representar suas rodas de samba, exceções são os locais que representam o samba, e acredito que este foi o primeiro ano da realização de um evento como dia do Samba, realizado em 2 de dezembro na cidade, pois até hoje como o feriado da consciência negra e outras datas relacionadas a cultura negra não são feriados em uma cidade com grande representação negra na região sul do Brasil.

É um processo de higienização em curso na cidade de Pelotas nos últimos governos, retirando os vendedores ambulantes africanos, retirando as festas da cultura negra do centro da cidade, reduzindo os gastos com a cultura do carnaval, não implementando as políticas de ensino da cultura africana e indígena, além de um processo de desleixo com cidade na parte da geração de empregos levando a falta de empregos e aumento da violência decorrente desta cidade, em breve onde estaremos com todas essas periferias onde falta tudo?

Este dois anos estive acompanhando o samba e o carnaval atrás de relatos sobre a figura de dois compositores pelotenses, Zé da Cuíca e Bola de Neve, e seus descendentes diretos. Os relatos são fragmentários, e junto a eles não podemos deixar de ver as deficiências de um carnaval que já foi considerado um dos maiores do Brasil. Os compositores que viveram respectivamente Zé da Cuíca até o ano de 1996, morrendo na casa com sua filha após uma luta contra uma pneumonia e o música de Bola de Neve entre os anos 1982 e 1983 de um ataque cardíaco.

Vivemos em uma época que para além de estar limitado o uso de espaço público perdemos nossa alegria? Ou por motivos religiosos agora nos afastamos destes tipos de folia?

Esta aprendizagem não foi apenas sobre o samba, mas sobre a vida, em suas diferentes fases, da criança que acompanha tudo nas costas do pai, até o idoso que sai de casa para amenizar sua solidão. Os jovens das periferias da cidade com suas bandas e seus sonhos ainda se divertem pelas ruas da cidade, onde se tornam donos das ruas. É seu momento, o carnaval, onde saem com seus grupos, cantam suas músicas, e fazem seus encontros através das redes de pessoas que participam, existem redes formadas por diferentes grupos étnicos, cada um com suas especificidades, composição por idade e outros recortes. A maioria dos jovens negros acredito tem hoje alguma relação ou ao menos conhece as entidades carnavalescas da cidade, de modo que junto ao futebol é um das paixões populares que ainda se mantém viva na cidade. O carnaval morreu ou não morreu? É o debate entre os velhos, as opiniões se dividem, mas a questão é que ele sim esteve na rua nos últimos anos. Segundo alguns o carnaval que morreu seria aquele que os velhos

sambistas das décadas passadas construíram e por fim dos anos 198 e 90 deixaram de funcionar graças a falta de incentivo para com o carnaval e morte dos velhos sambistas dos grandes carnaval dos anos 1950,1960 e 1970, auge do carnaval pelotense. Muitos reclamam da dificuldade de interagir agora que são velhos nas escolas de samba, onde são discriminados nas tomadas de decisão, fazendo assim muitos abandonarem as escolas.

O crescimento do carnaval frente aos últimos anos foi menos, mas uma festa quase sem incidentes, foi realizada ao final do carnaval de 2019. A passagem nos dois anos de mestrado por duas periferias da cidade, a vila Castilhos e o bairro Pestano. A convivência com estas comunidades que ocasionalmente foi o local onde meu avô escreveu uma música e depois o bairro onde foi morar após os anos 1980 foi por ocasião de uma relação amorosa, que acabou me levando a estes bairros. O cotidiano da área central hoje é melhor que os locais mais afastados. As oportunidades de lazer longe do centro da cidade são mais ocasionais ou ocorrem em ocasiões especiais, devido a isto as atividades mais comuns são as comunidades religiosas ou jovens que ficam pelas esquinas do bairro durante toda a noite. Com o desemprego, as possibilidades das comunidades carentes são menores, locais com grande número de adolescentes e tráfico de drogas. Assisti durante o mestrado uma tentativa de homicídio nos apartamentos do Pestano, assim como uma série de outras histórias terrivelmente tristes. Vi então a falta de concentração de políticas concentradas na área de lazer da população, não apenas no carnaval, mas como no geral, os finais de semana da cidade talvez hoje não sejam tão agitados como parecem ter sido a grande maioria da população junto a proliferação de violência.

O pensamento sobre o carnaval continua infelizmente longe de ser satisfatório e a participação popular ao verificar em fotos de carnavais antigos parece realmente menor do que me acostumei a ver em minha infância, mas surgem novas iniciativas populares como as bandas, novas escolas e escolas mirins que preparam as novas gerações de carnavalescos.

Quanto tempo será necessário para este projeto de recuperação? As iniciativas populares e não as governamentais são as que mais se proliferam, o potencial cultural da cidade esta realmente longe de alcançar todo o material

humano que ela produz. Uma das possibilidades de geração de novas fontes em frente á crise que vivemos.

A desorganização das secretarias de cultura para catalogas as expressões afro-brasileiras, de modo a apresentar a sua própria comunidade e aos visitantes. A visibilidade do patrimônio afro na cidade não é até hoje indicado como parte constituinte da estrutura visual da cidade, assim como o processo de patrimonização fica acerca apenas com as estruturas ligadas ao poder eurocêntrico da cidade, o samba agora possui seu dia na cidade, mas um projeto de real de preservação com a dimensão adequada ainda caminha a passos pequenos e as escolas, acredito não serem subsidiadas por órgãos ligados ao patrimônio cultural como deveriam ser de acordo com seu potencial. As leis ligadas a cultura popular tem muito a dever ainda a cidade, não são cumpridas corretamente de acordo com a lei orgânica do município.

A formação de novos grupos levava a proliferação de novas formas de sociabilidades negras, que em certo ponto estavam confinadas nos clubes durante o ano e apareciam no carnaval, novos pontos na cidade com o aumento de uma classe média negra permitirá a inserção em novos espaços, e com isso novas formas de sociabilidade e luta.

Os antigos espaços também são um dos debates, José Farias comenta em nossas conversas sobre a tristeza e da falta de iniciativa de reerguer o clube Depois da Chuva, e de algumas tentativas para a reconstrução do espaço, que foi uma marca na cidade, acredito para aqueles com menos condições financeiras da comunidade negra.

Hoje estamos usufruindo de espaços conquistados através de antigos ativistas culturais da cidade, e como os compositores em especial que defenderam os locais para realização do carnaval, preservação dos clubes negros, etc... A formação através de novas formas midiáticas levam a maior velocidade na comunicação entre as comunidades da cidade, assim como um maior acesso, em relação a música (como forma de constituição da identidade e comportamento de um povo) e o intercambio de idéias de outros locais, Pelotas ainda é no sul do país um local de passagem de grandes nomes da cultura negra por sua história.

O carnaval e as festas religiosas são alvos constantes de discussões, de modo que uma série de estereótipos são construídos principalmente (apesar de velado) por ter em seus participantes a população negra e pobre em geral. A falta de estrutura de algumas escolas, a não evolução das escolas da cidade foi alvo de crítica dos carnavalescos, em relação as escolas do Rio de Janeiro, hoje verdadeiros centros culturais, e como os entrevistados colocaram, as escolas de samba são uma indústria e para tanto deve assim ser trabalhada. O poder público possui na cidade uma série de locais ociosos que poderiam estar trabalhando em prol da cultura, que infelizmente continuam apenas espaços vazios. Nos dias de hoje, como foi até agora podemos dizer, foi a iniciativa popular com certos momentos de ajuda do poder público que constitui as sociedades recreativas da cidade.

Ao redor do carnaval existe todo um comércio da cidade que vê nas festas formas de gerar renda, alias todas as festividades populares como o futebol e as festas religiosas trabalham com um comércio ao redor de seu núcleo.

A mudança das consciências do carnaval deve levar a novas formas de sociabilidade, mas como já falou o entrevistado José Luis Farias, se deve ter cuidado para as sociedades atuais não acabarem como a extinta Escola General Osório, onde as forças “ocultas” atual cada dia mais na tentativa de acabar com todas formas populares de associação. Não podemos esquecer que a política dos governos autoritários de hoje em dia gira em torno da crítica desta festa tão popular, é feito uma grande propaganda contra o carnaval.

Mas ao mesmo tempo em que assistimos um momento em que se elitizam cada vez mais as festas e diversões populares, como por exemplo, o futebol que hoje já não tem mais aquele local popular por excelência, o carnaval do último ano em que não havia a real massa negra, as formas populares estão sendo levadas a assumir novas formas, mas com certeza, alguém ainda resiste em algum canto da cidade.

Por fim para terminar minha explanação, não pude estar presente em todos momento do carnaval, mas pelos relatos que pude ter acesso tudo começou de forma espontânea entre as famílias negras da cidade (principalmente), na forma de ajuda mútua, levando a se concretizar em

sociedades. E hoje essa cultura se transformou no carnaval que conhecemos, com apoio governamental, esse talvez seja o ponto inicial para pensar sempre no que se quer como forma cultural e o que ela deve gerar e onde iniciar.

Por fim alguma esperança sempre existe, as escolas mirins rodam as noites do carnaval com suas crianças a cantar, vi uma pequena menina negra durante o carnaval no Laranjal, muito pequena, e ela estava ajudando a mãe dela a juntar as latinhas, aquilo me marcou, a menina era realmente muito pequena e já contribuía para a luta da sobrevivência de sua família. Talvez seja essa a mensagem de que todos podem ajudar para um amanhã melhor.

Depois de passar por duas enchentes no bairro que eu moro, e ver meus vizinhos perderem as coisas que tanto batalharam para conquistar, entendo talvez que foi aquele fatídico 1956 na Vila Castilhos, mas por alguma sorte nestes dois momentos a água não invadiu minha casa, mas meus vizinhos continuaram não tiveram a mesma sorte. O problema das enchentes, não é meu assunto, de longe se torna vivos nas vozes dos poetas e infelizmente, muitos ainda agonizam com suas conseqüências.

O malandro, o sambista, talvez não seja o malandro da maldade, do absurdo, e sim o malandro que usa a esperteza para fugir das garras deste sistema que nos coloca cada vez mais abaixo de um nível possível de vida, de um mínimo para se sobreviver mais um dia, nesta luta feroz, o malandro, talvez realmente o seja, quando é necessário lutar contra aqueles que querem destruir o povo, ver realmente seu fim.

Talvez os toques dos tambores das antigas tribos africanas, ainda ecoem aqui em um grito daqueles que foram vendidos no continente e trazidos aqui a duras penas e transformados em máquinas de trabalho. Se constrói a abolição, mas a escravidão continua, agora com nova roupagem, resistir a qualquer preço, o homem educado nas leis da tribo agora torna-se personagem da sociedade urbana industrial, revivendo e reinventando seu passado com olhos para o futuro.

Passar nos bairros negros da cidade, me mostrou outra realidade além da que estava acostumado, assim como vi em bairros em outros países onde os negros vivem, nestes bairros realmente sobrevive algo daquilo que foi trazido de longe e a falta de oportunidades a que vivemos atualmente reflete

constantemente no que podemos chamar de carnaval. A pobreza de agora não é a mesma de antigamente, de uma cidade onde havia empregos aqueles que não tinham oportunidades, o cenário mudou completamente, estamos envolvidos de uma cidade universitária, com seus conflitos e suas periferias esquecidas. Já não há como se sustentar não há como pagar um preço alto para assistir um carnaval, é uma época talvez, de enxergar as suas próprias raízes para aprender algo e seguir em frente, não se pode seguir em frente se esquecendo de quem construiu sua vida por aqui. A memória é a história viva, é o aprendizado e a lição da experiência, aqui só é bamba que tem samba no pé, avenida da vida, quem enfrenta as dificuldades e aprende com elas.

A imagem que fico no carnaval de 2019, é aquela que marcou sempre minha vida. O bairro onde moro a alguns anos atrás a população negra não ia constantemente. Passado o verão e o carnaval, vejo que hoje elas estão ali, são parte daquilo, ali também estiveram africanos escravizados, indígenas e imigrantes, pessoas das parcelas pobres da cidade. Aos poucos tomamos novos espaços, mas como já me referi ali, olhamos para frente graças as pegadas que nos deixaram para caminhar, mas para onde vão as comunidades negras do futuro? O racismo, no entanto, parece não se frear na cidade, o aumento de uma classe média negra ainda não gerou as medidas necessárias para as mudanças sociais grandiosas, ainda vivemos sobre os mesmos prismas de antigamente, a miséria ainda é grande, a imagem que vi este ano foi um carnaval elitizado, longe das festas populares da rua XV e outras localidades.

O futuro do carnaval esta ligado intimamente a meu ver as melhorias econômicas e culturais da cidade, apesar de se manter a festa, épocas mais prósperas da cidade, com certeza, geraram festas mais grandiosas, mas a falta de recursos materiais das comunidades ainda permanece em baixa, e nos últimos anos são ainda mais atingidas.

Como verifiquei na leitura de livros e artigos, muito do incentivo do carnaval veio a ser construído através de atividades ilícitas (digo o carnaval espetáculo) e ou quando algum governo realmente se torna parte importante da cultura popular, mas são realmente estas as únicas saídas?

Como foi salientado para mim, carnaval é uma indústria, mas como são geridas estas a mesma se mantém por recursos próprios ou através apenas de incentivos?

Será esta indústria uma solução para o problema da cidade, mas haverá um real investimento no turismo da cidade, e não apenas nas épocas de momo mas sim durante todo ano? A questão, que já é debatida todo final de semana, acaba na mesma situação, jovens com melhores condições se formando e saindo da cidade e quem não pode fica aqui a margem dos serviços do estado e do desemprego.

A história dos dois compositores abarca um período da cidade com mais fartura, e com possibilidades, mas não foge a regra de uma tragédia a que estamos acostumados nas famílias negras da cidade, ainda sim, sua música ainda é um grito de algo pode ser mudado, que deve ser mudado e que enquanto grita e canta o povo esquece que está agonizando. As formas antigas de execução dos sambas da cidade, ao que diz o compositor Ladislau Cavaleiro estão se perdendo, assim como a qualidade das baterias da cidade com suas antigas características, a necessidade de um trabalho de preservação é urgente e contempla a lei orgânica municipal, que ainda tem muito a ser cumprida.

Em uma das últimas festas de samba que participei, tinha uma estranha sensação, pensava como aquela gente triste, cantava suas músicas e naquele momento se sentiam felizes, me perguntei, naquelas tristes senzalas porque aquelas tristes pessoas cantavam suas orações, como diz a palavra em kimbundo(língua de angola) para samba, reza, e me veio a sensação cantavam porque uma nova criança havia nascido, acredito que seja o motivo que cantam até hoje.

Referências

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALMANAQUE DO BICENTENÁRIO DE PELOTAS. Volume 2. Santa Maria: PRO-CULTURA-RS, Pallotti, 2014. p.17-57.

BARRETO, Alvaro. **Dias de folia**: o carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2000.

BEDEUZINHO. Site. Disponível em: <http://bedeuzinhoecpelotas.blogspot.com/>. Acesso em: 1 jan. 2018.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. *In*: CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 17-62.

DUARTE, E .Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. *In*: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.) **A mente afro-brasileira**. Eritréia: África World Press, 2007, p. 103-112.

ELSTE, Iansã. **A memória de carnavais passados por compositores pelotenses de canções carnavalescas**: dos concursos ao festival Máscara de Ouro nas décadas de 50 à 70. 2004.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 2 volumes. São Paulo: Dominus Editora/Universidade de São Paulo, 1965.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**, São Paulo: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONÇALVES, M. A. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. *In*: GONÇALVES, M. A.; CARDOSO, V.; MARQUES, R. (Org.). **Etnobiografia**: subjetividade e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 12-37.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HATTNER, Álvaro. A poesia negra na literatura afro-brasileira: exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação. Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários Volume**, v. 17, dez. 2009.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5. Ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande** (1888-1930). 2. ed. rev. ampl. Pelotas: Editora da UFPel, 2016.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório. **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel.

LOPES, Nei. **Partido-alto: samba de bamba**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

MAIA, Mario de Souza. **O Sopapo e o Cabobu: Etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil**. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

MBEMBE, A. **Crítica Da Razão Negra**. Lisboa: Ed. Antígona, 2017.

MELLO, Marco Antônio Lirio de. **Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: UFPel, Editora Universitária, 1994.

MONQUELAT, Adão. **A casa Marly**. 2016 Disponível em: pelotasdeontem.blogspot.com. Acesso em: 01 jan. 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril. Cultural, 1978.

NAPOLITANO, Marcos N. **216h História & música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p.

OLIVEIRA, E. Epistemologia da Ancestralidade. **Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins**, v. 1, p. 1-10, 2009.

ORO, Ari. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estud. afro-asiát.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

OSORIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas (1822-1922)**. Pelotas: Do Diário Popular, 1922.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 222-286, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SANTOS, José. **Raiou a Alvorada**: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Ed. Universitária, 2003.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de Campo** (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 17, n. 17, p. 237-260, mar. 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena História da Música Popular**. Da Modinha a Lambada. 6. ed. Art Editora Ltda. São Paulo, 1991.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1995.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WIKIPÉDIA. **Bedeuzinho**. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bedeuzinho>. Acesso em: 1 jan. 2018.

Jornais

A Alvorada, 1950 a 1957.
A Opinião Pública-1950 a 1988.
O Diário Popular-1950 a 1988.

Entrevistados

José Luis Farias, dezembro de 2015 e 2018
Vera Farias Freitas, Dezembro de 2015
Gilberto Gomes “o Banha” Junho 2017
Neymar , “ pio” junho 2017
Maria de Lourdes Broqua Gomes Junho de 2017
Menaide Farias Dezembro de 2015
Cleuza Broqua Junho de 2015
Ladislau Cavaleiro Abril de 2017
Solon Silva Janeiro de 2017
Flavio Beles janeiro de 2017
Marcos Fonseca janeiro de 2015
J.J Soares janeiro de 2015
Maria Alice Amaro dezembro de 2015
Jonas Fernandes janeiro 2017

Anexos



Letra da música Se o Redondo Acabar, de Bola de Neve. Algumas propagandas que parecem ter patrocinado a confecção da letra.

Gentileza de Custódio Mesquita amigo do compositor.



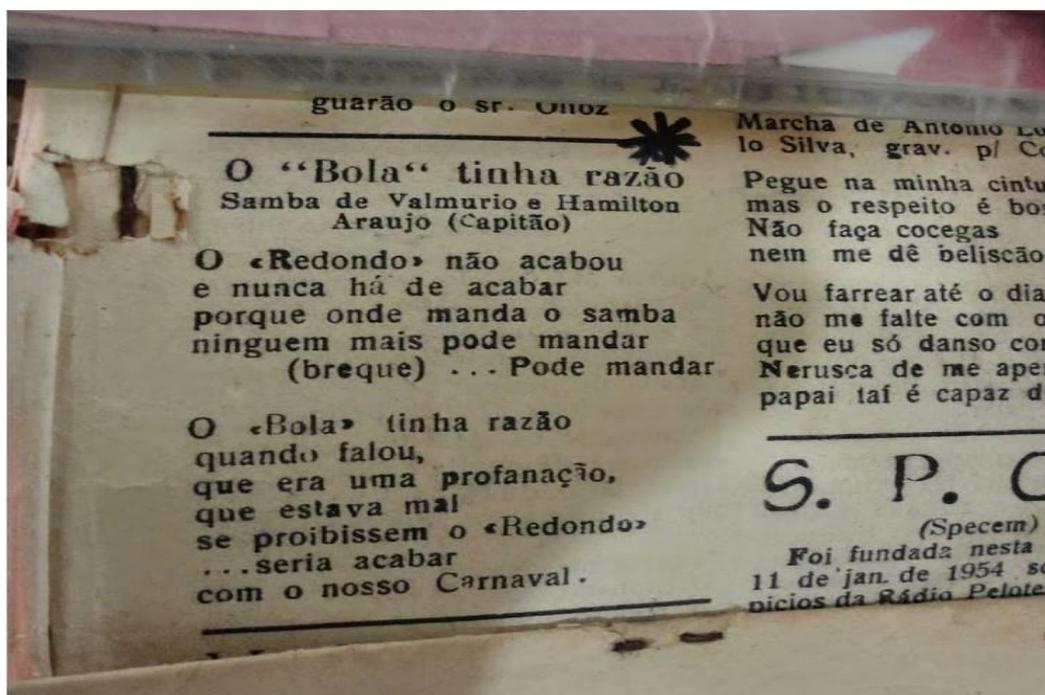
Fotos da tragédia de 1956

Fotos da tragédia da Vila Castilho da enchente de 11 de fevereiro de 1956

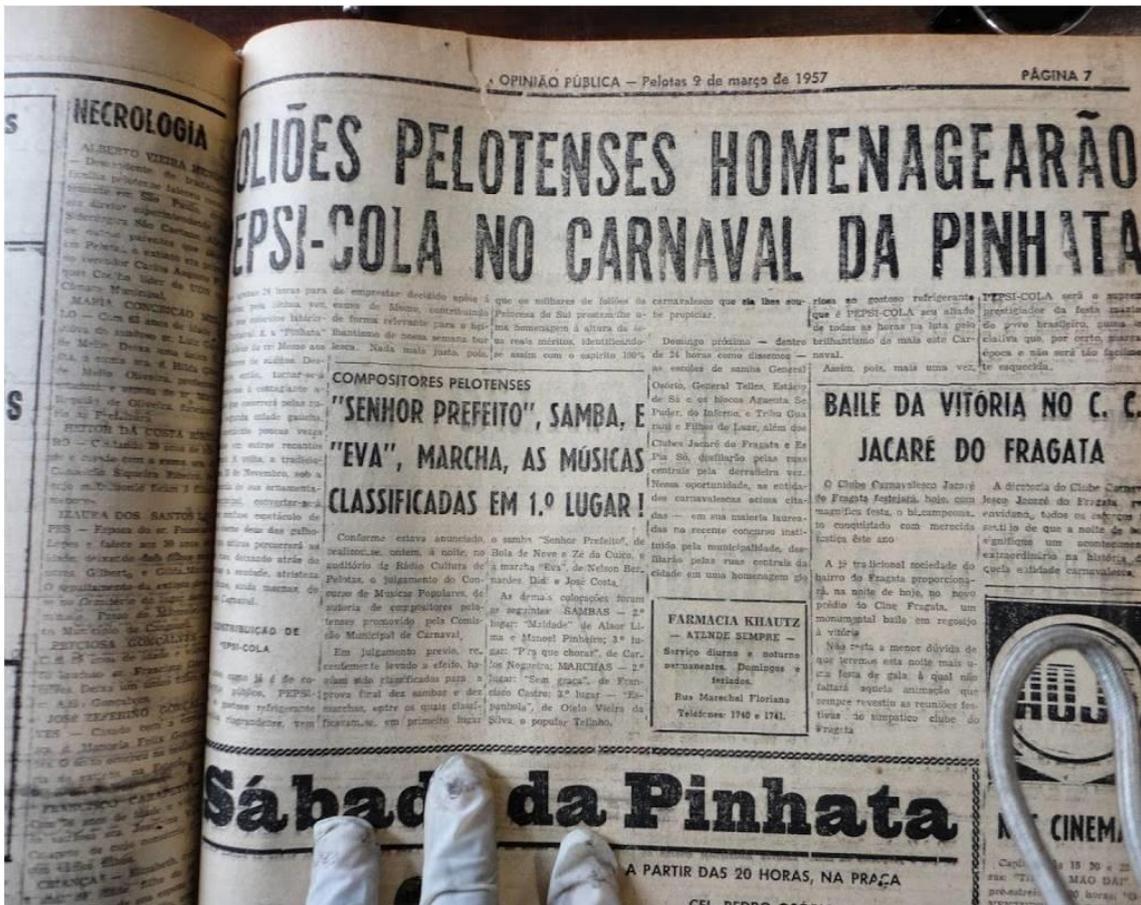




Fotos da enchente de 1956



Música doada por Custódio Mesquita que conheceu o compositor Bola de Neve, o samba referência a música Se o Redondo Acabar, aclamando positivamente a canção e esta vem em resposta a reivindicação sobre o carnaval do Redondo.



9 de março de 1957, Jornal A opinião Pública, Canção Senhor Prefeito campeã em primeiro lugar

Propostas dos carnavalescos

- A criação de um espaço para o carnaval, como diversas cidades pelo Brasil com espaço discutido pelos carnavalescos.
- A manutenção dos recursos públicos para continuação das festas populares, sabendo que a partir do momento que foi se desgastando o fomento a cultura muitas tradições foram perdidas.
- A existência de recursos para criação de oficinas para manutenção das tradições carnavalescas em Pelotas em seus diversos setores.

Propostas para os carnavalescos

- A criação da rua do samba na cidade de Pelotas(rua XV de Novembro).
- Uma lei municipal para a cultura popular da cidade de Pelotas, de modo que não se possa haver mudanças governamentais nas estruturas da cultura popular, garantindo a manutenção dos recursos, mudando assim e fazendo valer a lei orgânica da cidade.
- A proposta da criação de um espaço dedicado a cultura popular, para ser usado o ano inteiro.
- Um museu do carnaval da cidade.
- Comissões das antigas escolas para elaboração da festa.
- Trabalho nas escolas sobre o carnaval.